REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO
GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

3º TRIMESTRE DE 1870

O COMBATE DA ILHA DO CABRITA

Memoria lida no Instituto Historico, em sessão de 8 de Outubro de 1869

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Ainda marcham pelas planicies do Paraguay, transpoem as cordilheiras, marinham os despenhadeiros, atravessam os pantanos, vadeam os rios os soldados brasileiros guiados por um principe, que já em outro continente, nas aridas regiões da Africa, fez reviver com sua espada os caracteres da historia que recordam as glorias de seus antepassados; ainda se não fecharam os tumulos que devem receber as ultimas victimas d'essa guerra longa, difficil e gloriosa; ainda se não viu adejar sobre os estandartes das nações alliadas o anjo de azas brancas annunciador da paz; essa luta, essa guerra gigantesca, terrivel, perigosa e afamada, que se tem ferido na metade da America que habitamos, ainda não chegou a seu termo; mas os grandes combates, os feitos

guerreiros, as acções de valor, os actos de heroismo que se hão praticado, pertencem já á historia ; por isso nós reunidos n'este palacio, onde archivamos os factos da historia patria, esforçar-nos-hemos por lembrar um dos feitos mais gloriosos d'essa campanha, que, se nos tem custado afflicções, lagrimas e difficuldades de summa gravidade e peso, em compensação tem elevado o nosso exercito e armada á altura da fama em que estão os exercitos e armadas das nações que se dizem as primeiras do mundo.

Ainda não julgamos chegado o tempo de averiguar os acontecimentos d'essa guerra que sustentamos nos limites meridionaes do paiz, sua marcha e direcção, pesar os erros e profligar a sua prolongação.

Através do prisma das preoccupações nacionaes, arrastados por um enthusiasmo de momento, podiamos tornar-nos parciaes e sacrificar a verdade historica ; é necessario que o tempo afaste de nós os factos para commettermos a empreza de consideral-os.

O historiador deve ser como o anatomico, que só leva o escalpello da dissecção ao corpo morto ; assim a critica da historia só póde apparecer depois que pesa sobre os acontecimentos a mortalha do tempo.

Mas não podemos deixar de responder desde já a uma censura que é quasi geral.

A guerra se tem prolongado muito tempo, grita-se, clama-se.

Se algumas faltas, alguns erros têm concorrido para isso, convém confessar que a guerra tem ido além do tempo que todos previamos, porque se não conhecia o solo em que ella se desenvolveu, nem as forças e recursos do inimigo.

De feito, se reflectirmos que um exercito numeroso teve de mover-se em um terreno desconhecido, inhospito, co-

berto em muitos lugares de bosques seculares e impenetraveis, em outros de arroios, pantanos, cujas exhalações entorpecem o cerebro, produzem a febre de vomito negro, envenenam o sangue ; de lutar já com os rigores do estio, já com as congelações do inverno, com as nuvens de insectos, com as privações da campanha,com os abatizes, os fossos, as torrentes dos rios, e com tenaz e desesperada resistencia do inimigo; se considerarmos nos preparativos que durante annos accumulára o Paraguay para esta luta, tão grandes, que, sem encontrar resistencia, pôde o seu exercito abrir caminho pelo territorio argentino, invadir o Brasil, occupar algum tempo a cidade de Uruguayana, e ameaçar com seus navios a capital da confederação argentina; se attendermos ás inexpugnaveis fortificações armadas de pesada artilheria levantadas pelo inimigo em lugares apropriados ; se pensarmos nas difficuldades de abrir estradas em terrenos movediços, alagados, como esse do Chaco, onde foi necessario derrubar arvores, solidificar o solo, supprimir os arroios, aterrar os banhados, fabricar pontes, lutar com as enchentes do rio Paraguay, que em um momento destruia as obras de muitos dias; se lembrarmo-nos dos remoinhos, barrancos, torpedos, correntes de ferro e das numerosas bocas de fogo assestadas nas margens d'esses rios do sul da America, ver-se-ha que tem sido preciso dispôr de muita perseverança, energia, actividade, trabalho e coragem para debellarmos inimigo tão audaz, forte, destimido e astuto.

Alli um palmo de terra nos tem custado combates ; a conquista de uma fortaleza se não tem feito sem deixar alastrados as campinas e banhados de milhares de cadaveres ; vultos heroicos, illustres cabos de guerra, têm apparecido e repellido com a valentia dos antigos gregos e romanos as cohortes numerosas e aguerridas do inimigo,

mas por fim têm cahido mortos nas ameias das fortalezas, ou soterrados nos paúes mortiferos d'esse paiz barbaro ; o que patentêa as difficuldades, os perigos, as peripecias d'essa guerra longinqua e demorada.

Mas no meio das cordilheiras, sobre os desfiladeiros, nas serras, nos valles do Paraguay, já se ouve o echo que nos annuncia a victoria n'essa guerra civilisadora ; as phalanges inimigas fogem diante do estandarte alliado, as povoações abraçam o pavilhão da liberdade que um principe lhes apresenta ; as familias, os velhos, as mulheres, as crianças, se abrigam sob as armas das tres nações que vieram libertal-os; e o dictador, como esses antigos devastadores da idade media, perseguido, errante, atacado nas cavernas como uma fera, encurralado no deserto, vai abandonando os manjares opiparos, os vinhos deliciosos, as riquezas que accumulára em seus acampamentos, e, sem ousar voltar o rosto aos guerreiros que o perseguem, caminha, foge, marcando sua passagem com os cadaveres de milhares de victimas sacrificadas á sua obediencia e ambição.

Um dos primeiros e mais importantes combates d'essa guerra provocada pelo despota do Paraguay foi o da ilha do Cabrita.

Ha no rio Paraná uma ilha quasi circular, de duzentas e cincoenta braças de diametro, plana, coberta de vegetação rasteira, e cujo nivel acima da superficie das aguas varia e chega a desapparecer quando a corrente caudalosa do rio traz maior cópia d'agua; e essa ilha desconhecida, sem nome, sem importancia, tornou-se o theatro de um combate memoravel.

Acampára o nosso exercito na margem esquerda do rio, e na margem opposta achava-se o inimigo, que já uma vez viéra surprehender-nos no proprio acampamento; mas

essa audacia foi castigada com a derrota, e com a morte de muitos d'aquelles que ousaram praticar tal feito ; o inimigo porém, com as baterias do seu acampamento, e principalmente com as do forte de Itapirú, metralhava continuamente as forças alliadas, respondendo-lhe os navios da esquadra brasileira, cujos tiros já haviam abatido das ameias do forte o estandarte da republica.

Afim de facilitar a passagem do exercito alliado para o territorio paraguayo, e mais favoravelmente bater o forte de Itapirú, ordenou-se a occupação d'aquella ilha de que fallámos, a qual dista trezentas braças da margem direita do rio.

De feito a commissão de engenheiros sob a direcção do tenente-coronel Dr. José Carlos de Carvalho embarcou na noite do dia 5 de Abril de 1866 para a referida ilha, e dando principio immediatamente aos trabalhos de fortificação preparou e confeccionou um massiço de salchichões e saccos de arêa para assestar uma bateria de quatro canhões raiados calibre doze, e mais outra de quatro morteiros (1).

Não estava concluido o plano de fortificação quando no dia seguinte rompeu o inimigo vivo fogo do forte de Itapirú; responderam-lhe os nossos, erguendo-se n'esse momento pela primeira vez o estandarte brasileiro em territorio paraguayo.

Acompanhára á commissão de engenheiros uma força de novecentos homens, composta dos corpos 7° de voluntarios commandado pelo tenente-coronel Francisco Joaquim Pinto Pacca, 14° de infanteria de linha commandado pelo major José Martini ; guarnição da 1ª bateria do

(1) Veja a ordem do dia de 12 de Abril de 1866 do capitão Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa, commandante da bateria de morteiros.

1º batalhão de artilheria a pé commandada por Francisco Antonio de Moura; e um contingente do batalhão de engenheiros commandado pelo capitão Brasilio de Amorim Bezerra, marchando essa brigada sob as ordens do tenente-coronel João Carlos de Villagran Cabrita.

Eram brasileiros todos os soldados enviados a occupar esse posto militar, e foram elles os primeiros que pisaram no territorio inimigo.

De posse da ilha sem que os paraguayos o presentissem, trataram os nossos, como vimos, de fortifical-a, de levantar trincheiras e abrir fossos, de sorte que essa pequena ilha, esse banco de arêa coberto de rara vegetação, tornou-se em breve um reducto, um baluarte, um posto militar levantado a tiro de fuzil do forte de Itapirú.

O inimigo, que viéra provocar-nos no nosso proprio abarracamento, considerou uma ousadia a occupação d'essa ilha sob as abas das muralhas do seu forte, e d'esde a manhã do dia 6 começou a despejar grossa metralha contra os soldados de Villagran Cabrita, mas a nossa bateria respondeu galhardamente com 164 tiros no dia 6; no dia seguinte coutinuou o bombardeamento, destruiram-se todos os merlões do forte e ficou desmontado um canhão de 68; a bateria da ilha despediu 54 tiros; no dia 8 a nossa bateria deu 46 tiros, que abriram uma grande brecha no forte; no dia 9 soltou a bateria 54 tiros, que escalaram o forte em outra posição (2).

Reconheceu o inimigo a necessidade de desalojar-nos d'aquelle reducto; e de feito ás quatro horas da manhã do dia 10 enviou uma força de mais de mil e duzentos homens da melhor gente do seu exercito, e cento e oitenta e

(2) Veja a ordem do dia de 11 de Abril de Francisco Antonio de Moura.

seis praças de degoladores para investir de surpresa, tomar e aniquilar a guarnição da ilha.

Favorecida pela escuridade da noite e pela cerração, desembarcou a força paraguaya, e procurou envolver a nossa linha fortificada, fazendo avançar os soldados pelos flancos.

Os nossos correram a postos e a luta começou.

Villagran Cabrita subiu ás trincheiras, e comprehendendo o plano do inimigo, encarregou da defesa de todo o flanco esquerdo ao capitão Tiburcio de Sousa, mandou occupar o centro os batalhões 14º de linha e 7º de voluntarios, e dirigiu-se ao flanco direito, de onde tambem observava o centro (3).

Aproveitando-se da distancia em que se achava o inimigo, ordenou o tenente-coronel Cabrita que se abrisse uma canhoneira no angulo direito da bateria da direita e se despejasse dois tiros de metralha; e como, occultos nas sarças que vestem a ilha, evitassem os paraguayos os tiros de fuzilaria que partiam das nossas trincheiras, determinou o mesmo tenente-coronel uma carga de baioneta (4).

Tomou então o combate um aspecto medonho ; com as armas em punho avançaram os nossos, e em breve encurtou-se ou antes desappareceu o espaço que separava os guerreiros ; desejosos de conservar o posto militar que haviam occupado, combatiam os soldados brasileiros com tenacidade e heroismo, os não detendo nem os gemidos dos feridos, nem o arquejar dos moribundos, nem os cadaveres d'aquelles que cahiam em defesa da patria ; como leões raivosos precipitavam-se contra os paraguayos apon-

(3) Veja a parte official do capitão Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa de 12 de Abril de 1866.

(4) Veja a parte official formulada segundo as notas do tenente-coronel Villagran Cabrita.

tando-lhes as baionetas aos peitos. Ficou a terra ensopada em sangue, que espadanava dos soldados inimigos que, apezar de terem combatido com uma tenacidade indomita, tiveram de recuar, precipitando-se muitos nas aguas do rio, onde alguns conseguiram galgar ás canôas e outros succumbiram afogados.

Villagran Cabrita manifestou a maior energia durante a acção, dirigiu o ataque com sangue frio e destreza, e indifferente aos perigos foi o mais valente entre os valentes.

Iam apparecendo os primeiros clarões do dia e ainda a luta continuava, quando o commandante do vapor *Henrique Martins*, Jeronymo Francisco Gonçalves, tomando uma resolução prompta e decidida, deixou o ancoradouro em que estava a 3ª divisão da esquadra, interpôz-se entre a ilha e o forte, e perseguiu tenazmente debaixo do fogo de duas baterias occultas no mato não só ás embarcações inimigas que vinham com reforços, senão áquellas que fugiam para a outra margem.

Atravessado por balas de canhão, manobrando em um lugar onde facilmente podia encalhar e ir a pique, prestou o vapor *Henrique Martins*, dirigido por aquelle habil e corajoso official, grande auxilio aos combatentes da ilha; sem essa defesa muito mais difficil seria a victoria.

Os commandantes dos vapores *Greenhalgh* e *Chuy* imitaram o procedimento heroico de Jeronymo Francisco Gonçalves, desbarataram completamente o inimigo, de sorte que suppõe-se que nem um só dos soldados paraguayos voltou ao seu acampamento (5).

(5) Veja a parte official do combate da madrugada do dia 10 de Abril de 1866 formulada segundo as notas do tenente-coronel Cabrita, e a parte official do tenente-coronel Francisco Joaquim Pinto Pacca.

A's 6 horas estava o combate concluido, havendo durado duas horas; recolheram os nossos como trophéos mais de setecentas espingardas com avultada munição nas patronas, grande numero de espadas, quatorze canôas sendo muitas outras levadas pela correnteza do rio com os cadaveres dos que haviam morrido dentro d'ellas ; deixou o inimigo no campo de batalha 642 mortos, além dos que pereceram nas canôas e afogados no rio, sendo arrastados pelo marulho das aguas ; grande numero de feridos e prisioneiros, e entre estes o capitão João Romero, chefe da expedição, e commandante dos quatrocentos homens que tentaram invadir o flanco direito, tendo sido morto, logo no principio da acção, o chefe da força que atacára o flanco esquerdo (6).

Tivemos fóra de combate cento e quarenta e nove homens distribuidos pelo modo seguinte: batalhão de engenheiros cinco soldados mortos e um sargento ferido ; bateria de morteiros dois soldados mortos e quatro feridos; 1ª bateria do 1° batalhão de artilheria a pé morto um cadete e ferido um soldado ; 14° batalhão de infanteria mortos dois sargentos, um cadete, um cabo, um anspeçada, um particular, um corneta e vinte e dous soldados, e feridos cincoenta e sete, incluindo o major do batalhão, um capitão e dois alferes; 7º corpo de voluntarios mortos doze praças e feridos um capitão, um tenente e trinta soldados (7).

Declarada a victoria, houve no acampamento um contentamento geral; estrugiram de todos os lados brados de saudação e de jubilo.

— Viva a patria, viva o Imperador, viva o tenente-co-

(6) Veja o relatorio do ministerio da marinha de 1866.

(7) Veja a parte official do combate da madrugada do dia 10 de Abril de 1866, formulada segundo as notas do tenente-coronel Villagran Cabrita.

ronel Cabrita! Eis as saudações repetidas e enthusiasticas que echoavam no campo da batalha.

Villagran Cabrita e aquelles officiaes que mais se distinguiram eram vivamente acclamados e festejados pelos soldados, que, apezar de ameaçados pelas baterias do forte de Itapirú, erguiam-se nas trincheiras, e bradavam:

— Viva a nação brasileira!

Officiaes e soldados portaram-se com denodo e valentia; entre todos excedeu-se Villagran Cabrita, cuja coragem e intrepidez se não desmentíram no transe mais arriscado e perigoso do combate; apezar de vêr cahir morto junto a si o cabo Joaquim Francisco da Conceição, e de ser ferido no rosto, continuou a expôr-se ás balas, desejoso de conquistar gloria e renome para a patria e para si (8).

Pelejaram com extremado valor o tenente-coronel Francisco Joaquim Pinto Pacca, o major José Martini e os capitães Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa, Francisco Antonio de Moura e Brasilio de Amorim Bezerra (9).

Mostrou coragem e sangue frio o capitão Felicio Ribeiro dos Santos Camargo, que, achando-se nos postos avançados, fez frente a uma columna inimiga de 400 homens, tendo só 84 praças.

Patenteou grande valentia o capitão Fortunato dos Santos Freire, que combateu corpo a corpo com um official paraguayo, e matou-o, ficando levemente ferido em uma perna (10).

Quando estava mais renhido o combate saltou a trin-

(8) Veja a parte official do capitão Brasilio de Amorim Bezerra, commandante do batalhão de engenheiros.

(9) Veja a parte official do tenente-coronel Francisco Joaquim Pinto Pacca de 10 de Abril de 1866.

(10) V. a outra parte official do referido tenente-coronel de 12 de Abril de 1866.

cheira o 2º tenente Luiz Carlos de Mourão Pinheiro; á frente de algums soldados, repelliu o inimigo até ao rio, e seria victima do seu denodo se a bravura e abnegação de tres soldados o não salvassem dos golpes certeiros dos paraguayos.

O tenente ajudante Francisco Antonio Carneiro da Cunha, que, tendo ido em serviço ao acampamento, regressára á ilha sob um chuveiro de balas lançadas do forte inimigo, mostrou durante o combate muito valor e intrepidez, sendo ferido na acção (11).

Manifestou decidida coragem o 1º sargento Joaquim da Graça e Silva, que, ferido mortalmente durante a acção, morreu no trajecto para o hospital de sangue.

Achando-se nos postos avançados o 2º sargento Telesphoro Ricardo da Silva, foi o primeiro que carregou sobre o inimigo no seu desembarque, e apezar de ferido continuou a bater-se nas trincheiras.

Falleceu no assalto o 2º cadete Antonio Joaquim Rodrigues Torres.

O menino Torres, como o chamavam, foi um dos mais corajosos e intrepidos nas horas do combate; onde a luta era mais incarniçada e terrivel apresentava-se elle, e com grande abnegação e coragem indomita expunha o peito ás lanças inimigas. Consta que foi um dos primeiros que percebeu o desembarque dos paraguayos na ilha, bradando: —Ahi estão os paraguayos! Affirmo-o, porque já matei a um d'elles.

Consta tambem que salvou dois officiaes do seu corpo, matando mais dois inimigos; e apezar de gravemente ferido continuou a pelejar até que, penetrando-lhe no peito uma bala, cahiu lavado em sangue, exclamando:

(11) V. a parte official do capitão Brasilio de Amorim Bezerra, de 10 de Abril de 1866.

—Viva a nação brasileira !

O menino Torres nasceu no municipio de Itaborahy em 24 de Agosto de 1849; teve seu berço na mesma terra que conta entre seus filhos o eminente estadista que dirige actualmente as finanças do imperio, o festejado litterato Dr. Joaquim Manoel de Macedo, e o desconhecido escriptor d'estas paginas. Permitti que o diga, não por orgulho proprio, mas por vangloriar-me de haver nascido na mesma terra em que abriram os olhos á vida o visconde de Itaborahy, o poeta Joaquim Manoel de Macedo, e o valente guerreiro o menino Torres; além d'isto pulsa-me o coração no peito lembrando-me n'este momento que alli nasceram meus pais, e os entes que mais tenho estremecido; não foi pois um lampejo de orgulho que dictou-me estas palavras, mas sim a voz do coração.

Dedicou-se o menino Torres ao serviço da patria na idade em que outros se entregam a passatempos futeis, e pereceu na aurora da vida conquistando pelos seus feitos nos campos de combate o nome de heróe; viveu pouco para o mundo, mas viveu muito para a historia.

Estando na chata que devia servir-lhe de tumulo, lembrou-se Villagran Cabrita do menino Torres, e, pronunciando seu nome ergueu-se com tal enthusiasmo que bateu com a cabeça no tombadilho, exclamando:

Morreu como um leão ! (12)

Morreu como um leão, repetem os zefiros que pairam sobre o sepulcro do menino Torres, cavado nas margens do rio Paraná.

Merecem louvores os cabos Luiz Pinto de Sousa Rangel, Dario Fortunato Azambuja de Sousa e Antonio de Moura; houve-se o primeiro com tanto denodo

(12) V. *Apontamentos biographicos para a historia da campanha do Uruguay e Paraguay*, pag. 79.

que matou á bayoneta dois paraguayos que atacaram-no; o segundo, surprehendido por um official inimigo e alguns soldados, matou o official e repelliu os soldados; e atacado o ultimo por diversos paraguayos matou a um d'elles e afugentou os mais (13).

Divulgada a victoria da ilha do Cabrita, mandou o general Osorio, depois barão do Herval, comprimentar ao tenente-coronel Villagran Cabrita, e o general Mitre felicitou em ordem do dia ás armas alliadas por esse glorioso triumpho, escrevendo:

—Honra e gloria aos valentes da ilha em frente ao Itapirú!

Dirigindo-se em ordem do dia ao tenente-coronel Francisco Joaquim Pinto Pacca, disse o capitão Francisco Antonio de Moura: « E' minha opinião inabalavel que não houve nunca soldado que mais fizesse do que os da guarnição d'esta ilha; soldados que depois de quatro dias de bombardeamento vivo, supportando toda a sorte de incommodos e privações, acabrunhados de fadigas, elevam tão alto a bandeira nacional, merecem toda a consideração e respeito dos seus concidadãos. Eu direi sempre com orgulho que commandei uma bateria no dia 10 de Abril de 1866, na ilha de Itapirú » (14).

O governo condecorou e concedeu postos aos guerreiros que mais se distinguiram na heroica defesa da ilha; e deu as insignias da ordem do Cruzeiro ás bandeiras dos corpos 7º de voluntarios, 14º de infanteria e de engenheiros.

O combate da ilha do Cabrita foi um feito d'armas heroico e glorioso; immortalisou os guerreiros que alli peleja-

(13) V. a parte official do commandante do 7º batalhão de voluntarios da patria.

(14) V. a parte official de Francisco Antonio de Moura, commandante da 1ª bateria do 1º batalhão de artilheria a pé.

ram, fez o inimigo comprehender que tinha de lutar com um povo forte e destimido, e levantou os animos de nossos soldados, porque foi uma das primeiras victorias que illustraram as armas do Imperio n'essa prolongada guerra. Mas Villagran Cabrita, o heróe da acção, não tinha de sobreviver muito tempo aos louros conquistados n'essa ilha do rio Paraná.

Recolhendo-se a uma chata collocada entre a ilha e o nosso acampamento com o seu secretario o alferes Woolf, ajudante o tenente Carneiro da Cunha, e o major Luiz Fernandes de Sampaio, que em um pequeno vapor viéra felicital-o pelo triumpho alcançado, redigia Villagran Cabrita, inebriado de alegria, a ordem do dia que devia commemorar o feito que o immortalisára, quando uma bomba, disparada do forte, penetrou na chata e matou-o instantaneamente, decepou as pernas do alferes Woolf, despedaçou o corpo do major Sampaio, e feriu gravemente no rosto e na cabeça ao tenente Carneiro da Cunha, que, levado moribundo para o hospital de sangue, padeceu muitos mezes dôres cruciantes, mas por fim restabeleceu-se, sendo o unico que escapou d'essa hecatombe horrivel.

Morreu Villagran Cabrita no momento em que os sorrisos pairavam-lhe nos labios, as esperanças tumultuavam-lhe o cerebro e as alegrias expandiam-lhe o coração; morreu no instante em que, extasiado de prazer, pensava nas condecorações que a patria havia de pregar-lhe ao peito da farda, nas divisas, nas dragonas do posto de accesso, conquistadas por sua espada no quadro do exercito; morreu no momento em que considerava no enthusiasmo com que sua mulher, seus filhos, seus amigos, haviam de saudal-o depois de tão glorioso triumpho, nos louros que ainda podia colher, nos postos a que podia assumir, nas glorias militares que ainda podia alcançar; morreu quando, ao lan-

çar o ultimo olhar para essa ilha, onde com sua espada escrevêra o feito mais brilhante e heroico da sua vida, sentia arfar-lhe o peito de amor pela patria, pela familia; morreu quando ia pronunciar a palavra que agitava-lhe o coração, preoccupava-lhe o cerebro, quando ia repetir gloria; e seus labios tremulos e empallecidicidos pelo sôpro da morte balbuciaram essa palavra, e logo após cahiu o guerreiro fulminado pelo tiro de metralha junto á sua espada.

A chata afundou-se, assim como o pequeno vapor em que viéra o major Sampaio, do qual apenas se pôde tirar do fundo do rio um braço, que reconheceu-se ser seu pelas divisas da farda.

Villagran Cabrita e o alferes Woolf foram sepultados na margem esquerda do rio Paraná, collocando-se sobre seus jazigos algumas pedras para servirem de marco; mas as enchentes successivas do rio destruiram esses vestigios, de sorte que se não sabe hoje qual o lugar onde adormeceram do somno dos fortes esses heróes da patria.

Em homenagem ao heroismo de Cabrita, ou por mostrar magnanimidade de caracter e sentimentos religiosos, logo que soube da morte d'esse distincto cabo de guerra, mandou o dictador Lopes celebrar uma missa no Passo da Patria, á qual assistiu com todo o seu estado maior. Esta noticia foi-nos referida pelo capitão Carneiro da Cunha, testemunha do combate da ilha, e um dos seus defensores que ouviu-a de diversos paraguayos e do 1° tenente de artilheria Pedro Maximo Barbosa, que leu-a no periodico *Semanario* da Assumpção (15).

Nasceu João Carlos de Villagran Cabrita, em 30 de Dezembro de 1820, em Montevidéo, um anno antes d'essa ci-

(15) Aproveitamos esta occasião para agradecer ao Sr. capitão Francisco Antonio Carneiro da Cunha as noticias e os documentos que forneceu-nos sobre o memoravel combate de 10 de Abril de 1866.

dade ser incorporada ao territorrito brasileiro ; em 1840 assentou praça de voluntario do exercito, e logo depois reconhecido cadete, matriculou-se na escola militar, onde pelas suas approvações plenas mereceu a patente de alferes alumno em 1842 : no anno seguinte era 2° tenente ; um anno depois 1° tenente, e em 1847 foi condecorado com o titulo de bacharel em mathematicas. Promovido ao posto de capitão em 1852, e dez annos depois ao de major por merecimento, marchou em 1865 para a guerra do Paraguay ; e em 1866 elevaram-no seus serviços de campanha á patente de tenente-coronel. Na escola de applicação do exercito onde serviu onze annos de instructor de artilheria, na republica do Paraguay, onde esteve como instructor da mesma arma, na commissão de melhoramentos materiaes do exercito, na provincia da Bahia, e nos batalhões que commandou, prestou Villagran Cabrita relevantes serviços.

Eis succintamente transcripta a fé de officio d'este brioso militar, que era dotado de virtudes civicas, tino administrativo, de profundos conhecimentos da arma de artilheria, e em valor e heroismo o não excederam os melhores cabos de guerra (16).

Sepultado junto do Paraná, cujas aguas seu sangue envermelhecêra, olhando para essa ilha, theatro de sua gloria militar, dorme Villagran Cabrita o somno eterno, mas seu nome ha de perdurar perpetuamente repetido pelas auras que agitam as aguas d'esse rio, e balouçam as sarças d'essa ilha, que tem recebido os nomes de ilha de Itapirú, da Redempção, do Carvalho, da Victoria e do Cabrita; porém só este ultimo nome deve ficar registrado nos archivos publicos, nos fastos nacionaes, porque Villagran Cabrita o escreveu com seu sangue, e o sangue de Villagran Cabrita é tambem o da patria.

(16) V. *Apontamentos biographicos*, impressos em 1866, pag. 169.

NOTICIA

Acerca da introducção da arte lithographica e do estado de perfeição em que se acha a cartographia no Imperio do Brasil, lida no Instituto Historico e Geographico, em Setembro de 1869, pelo

BACHAREL PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Ao monarcha, que desde a sua chegada ao Brasil tão empenhado se mostrou em promover o seu engrandecimento franqueando seus portos ao commercio de todas as nações, e creando outros elementos de vida, para o grande imperio que a seu augusto filho coube a gloriosa tarefa de fundar na America meridional, e a seu augusto neto a não menos gloriosa de manter, fazendo-o respeitar por todas as nações civilisadas, ainda as mais poderosas, não podia certamente esquecer a conveniencia do estudo da geographia de um tão vasto paiz.

Assim, a creação de um estabelecimento essencialmente geographico não se fez esperar,e em 7 de Abril de 1808 firmou o decreto creando o archivo militar, para onde se recolheram todos os mappas, cartas, planos geographicos, topographicos, hydrographicos e ichnographicos que existiam espalhados pelas secretarias de Estado, afim de serem devidamente classificados; extrahindo-se, dos que podessem mais interessar ao Brasil, cópias manuscriptas ou gravadas. Mais tarde, imperando seu augusto filho,solicito em collocar o Brasil na altura de uma das maiores nações civilisadas, recebeu aquelle estabelecimento notaveis melhoramentos, entre outros o da creação da officina lithographica, que foi

a primeira que se fundou n'este Imperio (1), em substituir á secção de gravura em aço ou em cobre do archivo militar, para a reproducção dos mappas, cartas e planos, que por sua importancia convinha que fossem vulgarisados.

Os trabalhos d'essa officina, sob a direcção do finado marechal de campo Joaquim Norberto Xavier de Brito, então brigadeiro, commandante do corpo de engenheiros e director do archivo militar, começaram em 25 de Janeiro de 1826, na casa em que residia João Steimann (2), na

(1) Informando em 18 de Dezembro de 1824 sobre a pretenção de Claudio Dondeleur, para ser empregado como abridor geographico do archivo militar, indicou o brigadeiro director do mesmo archivo de preferencia a *acquisição de uma lithographia e de um artista perito para esse ramo de serviço*; e cumprindo as imperiaes determinações, apresentou a 30 de Agosto do anno seguinte uma relação dos objectos necessarios para o archivo poder satisfazer aos fins da sua instituição e aos trabalhos topographicos. A 10 de Setembro do mesmo anno communicou terem-lhe sido entregue por João Steimann, que acabava de chegar ao Brasil, os seguintes objectos lithographicos, vindos de França, a saber : 1 prensa grande, 1 dita portatil, 1 caixa com 76 folhas de zinco, 2 caixilhos de ferro, 4 rolos, 3 peneiras, 2 pedras marmores, papel, tinta, agua forte, etc.

Estabelecida a lithographia por aviso de 23 de Outubro do mesmo anno, communicou-se-lhe por aviso de 7 de Dezembro ainda do mesmo anno o contrato celebrado em Paris no 1º de Agosto (1852) com o dito Steimann para professor da lithographia pelo tempo de cinco annos.

(2) Não havendo no edificio da academia militar, onde se achava então estabelecido o archivo militar, commodo para armar-se a grande prensa e para a officina, propôz Steimann (a quem por aviso de 23 de Novembro de 1825 se mandára entregar todos os objectos vindos de França), como meio mais conveniente, que isso se fizesse por emtanto na casa de sua residencia, na rua da Ajuda esquina do becco de Manoel de Carvalho, na parede de cuja casa ha bem pouco tempo ainda se divisavam as letras da palavra—Lithographia (*).

(*) Esta circumstancia levou o Dr. Mello Moraes a considerar essa lithographia como pertencendo a Steimann n'aquella época.

rua da Ajuda canto do becco de Manoel de Carvalho, constando o seu pessoal do mesmo Steimann, como professor lithographo, dos soldados do 27° batalhão de estrangeiros I. Néedergessas e K. Mohr, do alferes Carlos Abelêe como professor de desenho, e de tres soldados da aula do ensino mutuo junto ao quartel-general, estabelecida na rua da Guarda-Velha, e do paisano Antonio Rodrigues de Araujo admittidos como alumnos (3). Dos ensaios de escripta e de differentes generos de desenho feitos á penna, em gravura e a lapis, passaram estes alumnos a exercitar-se nos processos da preparação das pedras e da impressão; ao mesmo tempo que o professor Abelée executava varios desenhos das convenções para os trabalhos topographicos, e o mappa do Rio de Janeiro. Transferida a officina, em Maio de 1826, para as lojas do sobrado n. 207 da mesma rua, onde morava o referido brigadeiro director (4), proseguiram

(3) Entre as providencias propostas pelo brigadeiro director, em 11 de Janeiro de 1826, nota-se a autorisação que solicitára para poder applicar ao serviço da lithographia os soldados estrangeiros I. Néedergessas e K. Mohr, propostos por Steimann; e para escolher entre os militares que estudavam na aula do ensino mutuo, na rua da Guarda-Velha, dois ou tres individuos de sufficiente capacidade para passarem a exercitarem-se na escripta inversa sobre o papel de pedra e no desenho proprio da arte lithographica, etc, offerecendo-lhes a espectativa das suas baixas e de um ordenado de 150$000 no fim de dois annos; solicitando em 25 de Fevereiro do mesmo anno a nomeação do alferes Carlos Abelée, empregado no archivo, como desenhador, para professor de desenho da lithographia, e a admissão como alumnos do paisano Antonio Rodrigues de Araujo e a de mais alguns moços que se quizessem applicar ao estudo da lithographia.

(4) Convencido o brigadeiro director de que a medida proposta pelo lithographo Steimann, de estabelecer-se a lithographia interinamente na casa de sua residencia, longe de ser proveitosa, era abusiva, indicou a 18 de Maio de 1826 como mais conveniente a transferencia da mesma lithographia para as lojas da casa em que morava na rua da Ajuda.

os estudos lithographicos, admittindo-se mais tres soldados da aula do ensino mutuo, e moços paisanos, que voluntariamente a elles se quizessem destinar.

Retirando-se o professor Steimann, por ter findado o seu contrato em 1º de Agosto de 1830, e deixando de servir como desenhador lithographo Carlos Abelée, ficou a officina entregue unicamente aos alumnos até 13 de Abril de 1832 em que esse desenhador se obrigou a servir pelo tempo de cinco annos como professor; solicitando porém em fins do mesmo anno exoneração do seu contrato e apresentando para substituil-o a Pedro Victor Larée (que se sujeitava a todas as condições a que elle se achava obrigado), passou este em 20 de Fevereiro de 1833 a exercer por tres annos as funcções de director dos trabalhos da officina e de professor dos seus alumnos (5).

Confrontando varias cartas e plantas geographicas e topographicas, que acompanham esta noticia (6), executadas pelos artistas da officina lithographica do archivo militar, em differentes épocas d'esde a sua creação, forçosamente se reconhecerá que alli a arte lithographica tem feito progressos, e que as obras ultimamente publicadas podem competir com as que têm sido feitas nas principaes lithographias particulares d'esta côrte.

As cartas das provincias do Rio Grande do Sul, de Santa Catharina, do Rio de Janeiro, de Mato-Grosso, de Sergipe,

(5) Finalisando o contrato de Steimann, foi C. Abelée admittido em seu lugar com as mesmas condições, pedindo depois licença para ir á Europa, deixou o lugar substituido por P. V. Larée, o qual passando algum tempo ausentou-se do Rio de Janeiro sem licença do governo imperial, abandonando a officina. Sendo novamente admittido, em 23 de Junho de 1834, com novas condições como professor pelo tempo de tres annos, bem depressa tornou a abandonar a officina do archivo, para dirigir outra particular, que estabeleceu no anno de 1835.

(6) Existentes no archivo do Instituto.

do Piauhy, do Ceará, do Espirito-Santo, de Minas-Geraes, do Maranhão, do Paraná, as dos rios Uruguay, Içá e Javary, e muitas outras que seria longo enumerar aqui, publicadas na lithographia do archivo militar; as das provincias do Paraná, de Santa Catharina e do Espirito-Santo, e das colonias allemãs situadas n'essas provincias e na do Rio-Grande do Sul, e as do rio Amazonas, publicadas pelo Imperial Instituto Artistico; as do Imperio do Brasil, da provincia do Rio de Janeiro, do atlas do rio S. Francisco, publicadas na lithographia de Rensbourg; as do *Atlas do Imperio* organisado e publicado pelo Dr. Candido Mendes de Almeida, e finalmente a recente carta, em duas folhas, da provincia do Rio-Grande do Sul, abonam sufficientemente o progresso que a cartographia tem feito no Imperio do Brasil. Nas reproducções manuscriptas das cartas e plantas geographicas, topographicas, hydrographicas e ichnographicas, executadas no archivo militar, no da repartição das obras publicas, do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas e nos das provincias, observa-se tambem um notavel progresso, revelando talento e gosto nos desenhadores, embora se resintam esses trabalhos da falta de uniformidade, tão necessaria para facil intelligencia da natureza e dos accidentes do terreno, da fórma e da qualidade dos edificios que representam. Assim seria para desejar que o plano geral de convenções topographicas, de cuja organisação se acha encarregado o bacharel Sr. Antonio Pinto de Figueiredo Mendes Antas, actualmente fiscal da officina lithographica do archivo militar, fosse geralmente adoptado.

Do exposto se reconhece que a iniciativa dos estudos cartographicos, e ainda os progressos que têm alcançado, partiu e se deve ao governo imperial.

NOBILIARCHIA PAULISTANA (*)

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada da pag. 157 2º trimestre, tomo XXXIII *parte primeira)*

TITULO DOS ANTAS MORAES, DA CAPITANIA DE S. PAULO

Fielmente copiado do titulo dos Bragançôes, da livraria do insigne José Freire Monte Arroio Mascarenhas, em Lisboa, anno de 1757.

N. 1.—D. Mendo Alam foi um illustre cavalheiro, senhor da villa de Bragança, que depois foi cidade: vivia em tempo de el-rei D. Affonso VI de Leão, avô de D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal. Casou com uma princeza de Armenia, que com el-rei seu pai veiu em romaria a visitar o corpo do apostolo S. Thiago a Compostella. E teve, como diz o conde D. Pedro e o livro antigo das linhagens, a

2. D. Fernando Mendes de Bragança, rico homem, chamado o Velho; succedeu a seu pai no senhorio de Bragança, e mais terras, que eram muitas, na provincia de Trás-os-Montes, entre Bragança e Miranda. Diz o livro antigo, que esteve na torre do Tombo, e mostra o chronista Brandão, P. 3ª liv. 10 cap. 4º da *Monarchia Lusitana*, e liv. 8º cap. 27, que fôra casado com uma filha de el-rei

(*) Para não interrompermos a publicação d'esta importantissima Memoria continuamol-a n'esta 2.ª parte, exclusivamente destinada aos trabalhos dos nossos consocios.

Nota da Redacção

D. Affonso VI de Leão, de quem tivéra a D. Mendo Fernandes, seu filho: e o conde D. Pedro, titulo 38 fl. 204, affirmou o mesmo. A *Genealogia da Casa Real de Portugal* fl. 39 v. faz casada a infanta D. Sancha Henriques com este D. Fernando Mendes, rico homem, senhor de Bragança e de grandes Estados (1). E teve

3. D. Mendo Fernandes de Bragança, succedeu na casa de seu pai: casou com D. Sancha Viegas de Bayão, filha de D. Egas Gozende, senhor de Bayão, e de sua mulher D. Gotina Nunes. E teve

4. D. Fernando Mendes, rico homem, senhor de Bragança e mais terras de seu pai: foi chamado o Bragançião, e por outro nome o Bravo. Achou-se com el-rei D. Affonso Henriques em todas as guerras do seu tempo, e na batalha do campo de Ourique. Casou com D. Theresa Affonso, filha illegitima do mesmo rei, que o conde D. Pedro diz titulo 38 fl. 204 a tirára ao conde D. Sancho Nunes de Barbosa, de quem era mulher, para lhe applacar a ira de se rirem d'elle quando lhe cahiu a nata pelas barbas comendo com el-rei á mesa em Coimbra; o que Brandão tem por fabuloso, e convém em que foi casado com D. Sancha Henriques, irmã do mesmo rei D. Affonso Henriques, o que prova com a escriptura, que allega no liv. 8º cap. 27 parte 3.ª O mesmo conde D. Pedro e o chronista Brandão affirmam que não teve d'ella filhos, e que por lhe haver feito doação da cidade de Bragança ficára, por sua morte, incorporada na corôa; porém João Baptista Lavanha, allegando o livro antigo, diz que fôra casado com outra mulher, que Brandão no lugar já citado diz fôra D. Theresa Soares, filha de D. Soeiro Mendes o Bom da Maia, e que d'elle

(1) Dos mais filhos não tratamos porque aqui só se segue rectamente até o primeiro Moraes, que veiu a S. Paulo e fez geração.

tivéra a seu filho D. Pedro Fernandes o Bragançâo, que segue: D. Fernão Fernandes de Bragança, que foi alcaide-mór de Bragança no anno de 1193, em que el-rei de Leão a teve cercada, e o Sr. rei D. Sancho I a foi soccorrer, como consta da escriptura original do mosteiro de S. Salvador de Castro de Avellães, e a refere José Cardoso Borges nas noticias de Bragança (2).

5. D. Pedro Fernandes o Bragançâo, chama-lhe o chronista Brandão Pedro Fernandes de La Hadra, e diz que teve muita parte dos Estados de seu pai. E porque occupava algumas fazendas pertencentes á Sé de Braga, o arcebispo D. João de Peculiar passou carta de excommunhão contra elle, como consta do livro do cabido da Sé de Braga a fl. 118: e do livro das inquirições que mandou fazer das honras do reino o Sr. rei D. Affonso III, consta que este D. Pedro Fernandes o Bragançâo deu a ordem do hospital a villa e igreja de S. Pedro Velho, e a villa de Valmaior, que foram de seus avós. O livro antigo diz, que casou com D. Froile Sanches, filha do conde D. Sancho Nunes de Barbosa e de sua mulher D. Theresa Affonso, filha de el-rei D. Affonso Henriques: o que melhor se vê em titulo dos Barbosas. E teve

6. D. Vasco Peres o Beirão, casou com D. Urraca Esteves, filha de Estevão Annes, senhor do Passo de Antas, no concelho de Coura, e ficou herdando o mesmo Passo. E teve, como affirma o conde D. Pedro no titulo 57 § 1º e o livro antigo, em terceiro filho a

7. João Vasques de Antas, foi senhor da villa de Vi-

(2) N'isto mesmo concorda o academico D. Antonio Caetano de Sousa na *Genealogia da Casa Real Portugueza*, tom. 1º liv. 1º fl. 40. E á fl. 64 diz que D. Theresa Affonso, filha illegitima de el-rei D. Affonso com effeito casára com o conde D. Sancho Nunes de Barbosa primeira vez, e segunda com D. Fernando o Bravo, senhor de Bragança e de Chaves.

mioso. Vivia pelos annos de 1242. Não se tem noticia do seu casamento, mas sabe-se que foi seu filho

8. Estevão Annes de Bragança: faz d'elle memoria o conde D. Pedro no titulo 34 § 2º do seu *Nobiliario* manuscripto. A sua filiação se prova de um documento que se conserva na camara da villa de Vimioso, divisado com o n. 16, que é uma demanda que teve seu neto direito João Mendes de Moraes com a camara de Vimioso, que lhe quiz impedir a tapagem de uma herdade que elle tinha junto ao rio Fervença por cima da ponte das Ferrarias; e provou n'estes autos que era filho de Mendo Esteves, neto de Estevão Annes de Bragança e bisneto de João Vasques de Antas, terceiro neto de D. Vasco Peres o Beirão, de cujos avós foram aquellas terras, etc. Teve este Estevão Annes a seu filho segundo

9. Mendo Esteves de Antas, que casou na casa dos Moraes com D. Ignez Rodrigues de Moraes, neta de Ruy Martins de Moraes. E teve a

10. Affonso Mendes de Antas, o qual succedeu no senhorio de Vimioso e de outras terras a seu tio direito (irmão de seu pai) Gonçalo Esteves, que foi senhor de Vimioso. Casou com D. Aldonsa Gonçalves de Moreira, de quem teve

11—Mendo Affonso de Antas, que segue

11—Estevão Mendes de Moraes, o qual passando a villa de Vimioso á corôa por morte de seu irmão Mendo Affonso, como abaixo diremos, pôz demanda a D. Francisco de Portugal, que correu muitos annos perante o corregedor da comarca de Vizêo, a quem el-rei deu commissão para ventilar este litigio; e por fallecer antes de decidida a causa ficou livremente possuindo Vimioso D. Francisco de Portugal, etc.

11. Mendo Affonso de Antas (filho primogenito do n.10), succedeu a seu pai no senhorio de Vimioso, e foi padroeiro da igreja do concelho de Coura: falleceu sem filhos varões; por cuja razão ficou Vimioso na corôa, e el-rei a deu em titulo de condado a D. Francisco de Portugal. D'aqui teve origem a demanda, que correu Estevão Mendes de Moraes com o dito D. Francisco, como fica referido, e o trás Monte Arroyo (3).

Tambem D. Antonio Caetano de Sousa no tomo 1º liv. 1º fl. 205 da *Genealogia da Casa Real Portugueza* traz que passára Vimioso á corôa, e que el-rei D. Manoel a déra a D. Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso, por carta passada em Almerim a 2 de Fevereiro de 1515, que se acha no liv. 5º dos Misticos a fl. 152 na Torre do Tombo: assim o refere tambem o academico frei Fernando de Abrèo no tomo 4º das *Collecções da Real Academia de Historia Portugueza* em 22 de Outubro do anno de 1724, onde affirma que este Mendo Affonso de Antas (filho de Affonso Mendes de Antas, senhor de Vimioso, e padroeiro da igreja do concelho de Coura) fallecêra sem linha masculina; e passando Vimioso á corôa el-rei a déra em titulo de condado como fica dito. E que sómente na alcaidaria-mór de Vimioso ficára Gonçalo Vaz Rego, genro do dito Mendo Affonso; e não dizem os AA. com quem casára; mas sabe-se que teve filhos. Porque em 1575 na villa do Mogadouro, sendo juiz ordinario Luiz do Valle, perante elle justificou Belchior de Moraes de Antas (irmão inteiro de Balthazar de Moraes de Antas, que eram filhos, netos e bisnetos do dito Mendo Affonso de Antas, senhor de Vimioso, e seu ultimo possuidor; porque depois

(3) Esta narração vai afastada em parte das memorias do grande Monte Arroyo pelas achar Pedro Taques confirmadas estas noticias nos AA. que vão apontados, etc.

da sua morte passára para a corôa), sendo escrivão dos autos o tabellião Gaspar Rodrigues Pereira. E d'este instrumento faremos abaixo mais larga menção; e por elle sabemos que Mendo Affonso teve a

12. D. N.... mulher de Gonçalo Vaz Rego, que ficou na alcaidaria-mór da villa de Vimioso, como fica referido pelo academico frei Fernando acima citado, onde diz, que fôra vassallo de el-rei D. Fernando, e senhor, por mercê d'este principe, da colheita da villa de Arruda, e de uma quinta na Ribeira de Loures, etc. (Em titulo de Regos, com geração, etc.)

12. Isabel Mendes de Antas, casou com Nuno Navarro, como consta do instrumento de *nobilitate probanda* de Balthazar e Belchior de Moraes; pelo qual consta tambem que do seu matrimonio tiveram a

13. Ignez Navarro de Antas, que casou com Pedro de Moraes, cavalleiro fidalgo dos chefes Moraes do reino de Portugal da provincia de Trás-os-Montes, que era parente da mesma Ignez Navarro, sua mulher. Este dito Pedro de Moraes serviu a el-rei em varios empregos nas comarcas da Beira e de Trás-os-Montes; e foi mamposteiro-mór dos captivos; e do dito instrumento consta que teve uma irmã que no anno de 1575 estava casada com Pedro Homem Escudeiro, morador da villa de Mogadouro. E do mesmo instrumento consta que teve do seu matrimonio dito Pedro de Moraes.

14. D. F.... que casou com o sargento-mór Jorge Alvares Meirelles, cavalleiro fidalgo da casa do Sr. D. Antonio, e morador no Mogadouro pelos annos de 1575.

14. Belchior de Moraes de Antas, que no anno de 1575 justificou a sua qualidade perante o juiz da villa de Mogadouro, Luiz do Valle, sendo escrivão dos autos o tabellião

Gaspar Rodrigues Pereira, e se ausentou pelos annos de 1579.

14. Balthazar de Moraes de Antas, que em 11 de Setembro de 1579, perante o juiz Amador do Valle da villa do Mogadouro, sendo escrivão dos autos o tabellião Gaspar Teixeira, justificou a sua fraternidade por pai e mãi com Belchior de Moraes de Antas, para se aproveitar do instrumento que a este se tinha passado. Com effeito assim se julgou, de que se deu ao dito Balthazar de Moraes o seu instrumento authentico, o qual o fez reconhecer pelos escrivães todos de Mogadouro em 14 de Setembro de 1579 de Monxagate, da Torre de Moncorvo, de Mirandella, de Villa Pouca de Aguiar. E na cidade do Porto justificou por India e Mina dito instrumento em 15 de Dezembro de 1579. Na cidade do Funchal justificou o sobredito instrumento por India e Mina em 6 de Junho de 1580. Na cidade da Bahia justificou o instrumento, e fez reconhecer os signaes d'elle por Cosme Rangel de Macedo, ouvidor geral de toda a costa do Brasil, em 24 de Novembro de 1580 (4).

Passou este Balthazar de Moraes de Antas a S. Paulo, onde casou com Brites Rodrigues Annes, filha de Joanne Annes Sobrinho, a quem os antigos chamaram Joamnienes, que de Portugal tinha vindo para esta capitania, e trouxe solteiras tres filhas, que todas casou com pessoas de conhecida nobreza. Do matrimonio de Balthazar de Moraes de Antas e Brites Rodrigues Annes houveram sómente dois filhos e duas filhas, porque no anno de 1600 já era fallecido como consta de uma provisão do governador geral do Estado D. Francisco de Sousa, passada a seu filho Pedro de Moraes de Antas, e a seu requerimento para em todo o Estado lhe serem guardados, e cumpridos os privilegios,

(4) Até aqui Monte Arroyo: agora segue-se a noticia que ha pelos documentos de S. Paulo.

honras, e liberdades que lhe competiam pelos instrumentos de seu defunto pai, os quaes foram reconhecidos n'esta capitania em Janeiro de 1600 pelos tabelliães de S. Paulo, Santos e S. Vicente; o que tudo consta do mesmo instrumento e provisão que anda junta aos mesmos autos. Os filhos de Balthazar de Moraes de Antas, como fica dito, foram quatro, dos quaes o primogenito foi

15. Pedro de Moraes de Antas, a quem o governador geral do Estado D. Francisco de Sousa passou em S. Paulo a provisão de que temos feito já menção: falleceu na villa de S. Vicente, em cujo cartorio de notas se acha o seu testamento, pelo qual consta que foi casado com Leonor Pedrosa, que falleceu em S. Paulo (com testamento que se acha junto aos autos de inventario dos seus bens no cartorio de orphãos de S. Paulo no maço 1° letra L) aos 14 de Julho de 1636. Foi filha de Estevão Ribeiro Bayão, natural da cidade de Beja, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó, natural da cidade do Porto, de onde veiu este casal para S. Paulo com duas filhas e dois filhos. D'este tronco procedem todos os religiosos da companhia de Jesus dos appellidos de Moraes, Pedroso e Ribeiro: e d'elle tem sahido varios familiares, e commissarios do santo officio, cavalleiros da ordem de Christo, fidalgos da casa real, governadores, e um donatario, que foi João Amaro Maciel Parente, irmão de Bento Maciel Parente, que foi governador do Estado do Maranhão, e ambos filhos do governador e conquistador dos gentios bravos do sertão da Bahia, Pernambuco e Ceará, que falleceu na cidade da Bahia Estevão Ribeiro Bayão; e por sua morte continuou no real serviço seu filho João Amaro Maciel Parente, natural da cidade de S. Paulo. Foi Pedro de Moraes de Antas fundador e primeiro padroeiro da capella de Nossa Senhora do Populo, sita no Rio-Grande, caminho de Santos, em cuja igreja

sendo padroeiro seu filho Pedro de Moraes Madureira, houve um triduo com o Sacramento exposto, e prégou o grande barrete da companhia de Jesus o padre Manoel Pedroso, que era da familia dos Moraes, naturaes de S. Paulo. Do matrimonio de Pedro de Moraes de Antas (entre outros filhos) procedeu a filha

16. Magdalena Fernandes Feijó, que casou com D. Diogo de Lara, natural da cidade de Çamóra, filho legitimo de D. Diogo Ordonhes de Lara, illustre cavalheiro de Çamóra, como consta muito maior da inquirição *de genere* tirada em Çamóra no anno de 1604 por requisitoria do Illm. D. José de Barros de Alarcão a requerimento do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, habilitando-se *de puritate sanguinis* por seu avô materno dito D. Diogo de Lara. Estes autos originaes se acham na camara episcopal de S. Paulo, e são mais para examinados com o desengano da lição, que para ouvidos pela verdade da noticia (5). E teve

17. D. Maria de Lara, que casou com Lourenço Castanho Taques (irmão do capitão-mór Guilherme Pompêo, que foi pai d'aquelle benemerito filho o afamado padre o Dr. Guilherme Pompêo de Almeida, clerigo secular) filho de Pedro Taques, natural da villa de Setubal, que veiu a S. Paulo por secretario do Estado do Brasil com o governador geral D. Francisco de Sousa e de sua mulher D. Anna de Proença, filha de Antonio de Proença, natural de Belmonte, moço da camara do Sr. infante D. Luiz e de sua mulher D. Maria Castanho, natural de Santos, irmã inteira do veneravel padre André de Almeida da companhia de Jesus, que falleceu no collegio do Rio de Janeiro a 22 de Janeiro de 1649, varão de candura innocentissima, que conservou intacta a pureza virginal, como se lê no elogio

(5) Cartorio Ecclesiastico letra M, n. 11 no maço 1°.

de sua morte; e eram filhos de Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa real do Sr. rei D. João III, a cujo serviço passou ao Brasil a crear as reaes rendas, que hoje são da provedoria de Santos, e de sua mulher D. Maria Castanho, que veiu ao Brasil, ambos naturaes de Montemor. De tudo ha documentos nos cartorios da provedoria da fazenda real de Santos, etc. E teve

18. Pedro Taques de Almeida, que foi capitão da fortaleza do Itapema da praça de Santos com 40$ de soldo; provedor da fazenda real da capitania de S. Paulo e d'ella capitão-mór governador com ordenado; alcaide-mór e administrador geral das aldêas do real padroado da mesma capitania por mercê da Sra. D. Catharina, infanta de Portugal e regente d'este reino; cavalleiro fidalgo da casa real do Sr. rei D. Pedro II, que foi o mesmo fôro que teve seu bisavô dito Antonio Rodrigues de Almeida, que é fidalgo da casa de Sua Magestade. Vem, pois, a ser Pedro Taques de Almeida undecimo neto por linha direita de D. Pedro Fernandes o Bragançâo, e de sua mulher D. Froile Sanches; e por ella duodecimo neto do conde D. Sancho Nunes de Barbosa e de sua mulher D. Theresa Affonso; por cuja senhora é decimo terceiro neto dito capitão-mór Pedro Taques de Almeida d'el-rei D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal. *Deus fecit nos, et non.....* disse o psalmista.

COPIA FIEL DO TITULO DE LARAS

que fez Pedro Taques de Almeida Paes Leme, e que se acha em poder do Illm.Sr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. (*)

A alta qualidade da familia dos Laras da capitania de S. Paulo é mais para ser conhecida pelo merecimento dos documentos, que lhe acreditam a nobreza do sangue, do que para estimada pela informação que lhe publica a ascendencia. Este conceito se gerou depois que por certidão juridica recebemos uma fiel cópia dos autos de genere, processados na cidade de Çamòra do reino de Castella a Velha no anno de 1704, perante D. Bartholomêo Gonzales de Valdevia, provisor e vigario geral do bispado da dita cidade de Çamòra, em uma requisitoria, que por parte do capitão-mór Pedro Taques de Almeida se expediu pelo Dr. Jorge da Silveira Souto-Maior, vigario geral e provisor do bispado do Rio de Janeiro, aos 4 dias do mez de Setembro de 1703 annos; ao Revm. Dr. vigario geral e provisor da Çamòra, para effeito de se proceder (na fórma do estylo e em segredo ecclesiastico, precedendo informação do Rvm. parocho, e nomeação das testemunhas) sobre a averiguação da pureza e limpeza de sangue de D. Diogo de Lara, natural da cidade de Çamòra da freguezia de Santo Antonio, e S. Estevão seu annexo, e filho legitimo de D. Diogo Ordonhez de Lara. Procedendo-se n'esta diligencia, como se mostra dos autos, informou o Revm. parocho da dita freguezia, na sua certidão jurada aos 27 de Abril de 1704, que D. Diogo de Lara fôra natural d'aquella cidade e morador da praça de Tordegrado da freguezia de Santo Antonio e S. Estevão, da qual era

(*) As notas que levarem este signal são do copiador, em 1783.

paracho e cura tenente elle Dr. D. Gaspar Manoel de Tezeda, e filho de D. Diogo Ordonhez de Lara, tambem natural da mesma freguezia, e de sangue muito illustre, e um dos grandes e illustres cavalheiros da cidade de Çamòra, e das mais esclarecidas casas da mesma cidade, onde fôra morador o dito D. Diogo Ordonhez de Lara, e seu filho D. Diogo de Lara, em umas casas proprias arrimadas junto á muralha da dita praça de Tordegrado, em cuja fachada ou fronteira se divisavam as armas dos seus illustres appellidos. Sobre esta mesma materia foram inquiridas sete testemunhas de grande excepção (como se vê da informação, que da qualidade de cada uma d'ellas deu no fim da dita inquirição o Revm. Dr. vigario geral e provisor), que todas depuzeram com a singularidade de conhecimento, tratamento que tiveram com o dito D. Diogo de Lara até o tempo que se passára para o reino de Portugal e embarcára para o Brasil. Os autos originaes d'este processo foram remettidos aos 30 dias de Abril de 1704 para a camara episcopal da cidade do Rio de Janeiro; e por elles obteve sentença de *puritate sanguinis* o habilitando o capitão-mór Pedro Taques de Almeida pelo costado de seu avô materno dito D. Diogo de Lara, filho de D. Diogo Ordonhez de Lara. Estes autos passaram da camara episcopal do Rio de Janeiro para a do bispado de S. Paulo no anno de 1746. Com a creação do primeiro bispo d'esta cidade o Exm. D. Bernardo Rodrigues Nogueira, que a 8 de Dezembro do dito anno fez a sua publica entrada na dita cidade. No cartorio da camara episcopal d'ella no maço dos autos *de genere* letra — P — titulo o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, se acham estes autos de que temos feito menção para conhecimento e total sciencia do illustre sangue, e alta qualidade de D. Diogo de Lara. Este cavalheiro foi o progenitor da familia de Laras

na capitania de S. Paulo, em cuja cidade, sendo ainda villa, casou com D. Magdalena Fernandes de Moraes, filha de Pedro de Moraes de Antas, e de sua mulher D. Leonor Pedrosa. (Em titulo de Moraes cap. 1.º.)

D. Diogo de Lara viveu em S. Paulo com grande estimação e respeito, que depois passou a uma geral e reverente veneração pelas suas grandes virtudes. Com ellas mereceu conseguir o caracter de varão santo. Vivia mais no templo de Nossa Senhora do Carmo, ao pé do altar-mór, onde estava o Santissimo Sacramento no sacrario, do que em sua casa. Commungava com grande frequencia. Retirou-se do popular concurso para a soledade de uma quinta em distancia de um quarto de legua, que depois deixou aos religiosos carmelitas de S. Francisco com todo o gado, que n'ella tinha, por conta do que, com o decurso dos annos, se chamava esta quinta Ferraria e Curral dos carmelitas. Ao presente tempo só existe o sitio d'esta quinta, sem utilidade alguma ao convento dos religiosos, que a este estado se reduzem as casas pelo desprezo de quem lhes não cultiva as terras. D'esta quinta vinha D. Diogo de Lara todos os dias ao romper da alva vestido no habito de terceiro do Carmo, que foi a preciosa gala (pelo sagrado escapulario do mesmo habito) com que se adornou muitos annos até o da morte. Na sua quinta cultivava um jardim de varias flôres, que colhia sempre que vinha para o templo de Nossa Senhora do Carmo, e com ellas ornava o altar da mesma Senhora, na capella-mór. Estas flôres trazia o mesmo D. Diogo de Lara no regaço, ou ponta da capa do mesmo habito, que então era geralmente de estamenha parda. Depois de receber a sagrada communhão se deixava ficar no mesmo templo em profunda oração ; e, ainda que convidado da religiosa caridade para tomar uma pequena refeição, não aceitava, por se não apartar do sustento que

tinha em estar na presença do Senhor. No dia de sabbado estendia mais a sua oração até a hora em que os religiosos cantavam a Salve no fim das Completas: e só depois d'este acto se recolhia para a sua quinta, onde chegava já vizinha a noite. N'este santo exercicio continuou, com tal fervor, e desapego das dependencias do mundo, depois que Deus foi servido chamar ao seu tribunal divino a 18 de Julho de 1661 a D. Magdalena Fernandes de Moraes sua esposa, até 22 de Outubro de 1665, em que entregou a alma ao seu creador. O seu corpo, amortalhado no sagrado habito dos religiosos carmelitas, esteve depositado na igreja dos mesmos, que lhe officiaram honrosos funeraes, não só pela grande opinião, que tinham das suas virtudes, e exemplar vida, mas tambem como obrigados ao seu bemfeitor, além do concurso de ser este santo varão pai de religioso carmelita, qual foi seu filho frei Alberto do Nascimento. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventario letra—D—, o inventario de Diogo de Lara com testamento, e nos mesmos por appenso o inventario de Magdalena Fernandes de Moraes com testamento.) Teve sepultura este venerando cadaver na capella dos irmãos terceiros da mesma ordem, tendo estado flexivel e com semblante agradavel; e o affecto popular acclamando-o de santo pela efficacia da opinião, que todos tinham formado da sua exemplar e penitente vida.

As armas dos Laras são em campo de prata, duas caldeiras pretas postas em pala, com as bocas e azas guarnecidas de ouro. Assim se illuminaram no brazão das armas passado em 5 de Julho de 1707 ao capitão-mór Pedro Taques de Almeida, neto do dito D. Diogo de Lara, como fazemos mais larga e expressa menção em titulo de Taques Pompêos cap. 3º.

Do matrimonio de D. Diogo de Lara, e de sua mulher

D. Magdalena Fernandes de Moraes, como consta dos testamentos e autos de inventario já referidos nasceram em S. Paulo oito filhos.

Joaquim de Lara Moraes .... Cap. 1.°
Marianno de Lara .... Cap. 2.°
João de Lara Moraes .... Cap. 3.°
D. Maria de Lara .... Cap. 4.°
D. Anna de Lara .... Cap. 5.°
D. Maria Pedrosa .... Cap. 6.°
D. Isabel de Lara .... Cap. 7.°
Pedro Lara, clerigo........... Cap. 8.°

CAPITULO I

1—1. Joaquim de Lara Moraes passou de S. Paulo para a Ilha-Grande de Angra dos Reis em 1647, attrahido do irmão o padre Pedro de Lara, supra, que já estava estabelecido, e com quatro leguas de terras, que lhe foram concedidas de sesmaria. Na dita ilha casou Joaquim de Lara com D. Cicilia Gaga de Oliveira, filha de Antonio de Oliveira Gago, natural da villa de Santos da nobre familia do seu appellido (que teve principio em Antonio de Oliveira, cavalleiro fidalgo da casa real de el-rei D. João o 3°, e de sua mulher D. Genebra Leitão de Vasconcellos, que vieram de Portugal para a nova capitania de S. Vicente em 1538; e o dito Antonio de Oliveira feito capitão-mór governador e ouvidor, loco-tenente do donatario, e senhor da dita capitania Martim Affonso de Sousa (1) e de sua mulher segunda Custodia Moreira. E teve 4 filhos, nacionaes da Ilha Grande:

2—1. D. Maria de Lara.......... §. 1.°
2—2. D. Anna de Lara.......... §. 2.°
2—3. D. Josepha de Lara......... §. 3.°
2—4. D. Magdalena de Lara...... §. 4.°

(1) Cart. da Proved. da Fazenda, livro de sesm. n. 1° 1562, pag. 80.

§ 1°

2—1. D. Maria de Lara, casou com Manoel Antunes de Araujo, natural de Lisboa, da freguezia de Santa Justa. E teve tres filhos:

3—1. Manoel Antunes de Araujo, foi casado com uma filha de João Moreira e bisneto de Custodia Moreira, segunda mulher de Antonio de Oliveira Gago.

3—2. Joaquim de Lara Moraes.

3—3. D. Maria de Lara, foi casada com Antonio Lopes Leonardo, natural da villa de Vianna do Minho. E teve quatro filhos:

4—1. Antonio Lopes, casou com D. Luiza Pimenta, filha do capitão Manoel Soares Pereira e de sua mulher D. Magdalena Pimenta. (Em titulo de Rendons cap. 2.°)

4—2. João Antunes......

4—3. D. Maria de Lara......

4—4. D. Marianna de Lara, casou com Thomaz Fernandes Montanha, filho de Francisco de Oliveira Montanha, capitão de infantaria, e de sua mulher D. Thomazia de Moraes Cavalcanti, ambos naturaes da praça de Santos. Neto pela parte paterna de Thomaz Fernandes de Oliveira, que foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, de que tomou posse na camara de S. Vicente a 17 de Fevereiro de 1675, e de sua mulher D. Maria ou Marianna, que era irmã direita da mulher de Antonio Vaz Gago, capitão de infantaria da guarnição da praça da cidade do Rio de Janeiro, de cujo matrimonio foram filhas D. Maria, mulher do coronel Manoel Dias de Menezes, e D. Bernarda, que foi mulher de Paulo Pinto de Faria, cavalleiro professo da ordem de Christo e natural do Rio de Janeiro. (Em titulo de Moraes cap. 2°, na descendencia do capitão Pedro de Moraes Madureira, e de sua mulher D. Antonia de Sousa Cavalcanti.

§ 2º

2—2. D. Anna de Lara, casou com José de Barcellos. Sem geração.

§ 3º

2—3. D. Josepha de Lara, casou com Luiz Nogueira de Travassos, que viuvando se ordenou de clerigo e foi vigario da igreja da Ilha Grande, em cujo emprego falleceu. E teve:

3—1. Luiz Nogueira de Moraes Travassos, foi clerigo e depois tomou o habito de carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro.

3—2. D. Josepha de Lara, foi casada com Manoel Leal de Macedo, natural de Lisboa. E teve cinco filhos:

4—1. Joaquim de Lara.

4—2. Faustino Leal de Macedo.

4—3. D. Theresa de Jesus, casou com o alferes Francisco das Chagas, seu parente por consanguinidade.

4—4. D. Maria de Lara, casou com seu parente João Pimenta de Carvalho, capitão da infantaria da ordenança, filho do alferes Manoel Pimenta.

4—5. D. Antonia de Lara, que nunca casou, vivendo com grande opinião pelas suas virtudes.

§ 4º

2—4. D. Magdalena de Lara, casada com Hieronimo de Sousa. Sem geração.

CAPITULO II

1—2. Marianno de Lara, foi carmelita e mudou o nome de Marianno, chamando-se Fr. Alberto do Nascimento.

CAPITULO III

1—3. João de Lara Moraes (filho de D. Diogo de Lara) casou com Maria de Góes de Medeiros que era irmã inteira do capitão Antonio Rodrigues de Medeiros, de alcunha o Tripohy, que foram filhos de Diogo Rodrigues, natural da villa Real, que fallecêra em S. Paulo com testamento a 20 de Junho de 1685, e de sua mulher Ignez de Góes (2). Netos pela parte paterna de Sebastião Pires e de sua mulher Brites Lourença, ambos de Villa eal. E pela parte materna de Sebastião Ramos e de Eugenia de Sousa (3). E teve cinco filhos:

2—1. Francisco Pedroso, foi morto a impulsos do odio sendo solteiro.

2—2. Diogo de Lara, teve o mesmo infeliz destino e falleceu solteiro.

2—3. D. Ignez de Góes, casou em S. Paulo a 17 de Abril de 1702 com João de Sousa Queiroga, natural da villa de Chaves, filho de João de Sousa Queiroga e de sua mulher Antonia da Costa de Amorim, ambos da dita villa. Sem geração.

2—4. D. Anna de Lara de Moraes, casou com Leonardo Raposo, e se lhe acabou a geração no filho Christovão de Moraes Raposo, que falleceu na comarca do Serro Frio, deixando grande cabedal, cuja meiação por parte da mulher herdaram os irmãos d'esta. (Em titulo de Bonilhas.)

2—5. D. Maria de Lara de Moraes, casou com Manoel de Oliveira, que foi de morada para Mogy-Guassú. Com geração.

(2) Casamentos de S. Paulo aos 13 de Abril de 1643.

(3) Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 1° d'inventarios letra D. n. 15— inventario de Diogo Rodrigues, com testamento. Matriz de S. Paulo, nos assentos de casamento de Diogo Rodrigues, *já* referido.

CAPITULO IV

1—4. D. Maria de Lara, casou na matriz de S. Paulo a 24 de Novembro de 1631 com Lourenço Castanho Taques, natural e cidadão da mesma cidade. N'ella serviu os cargos da republica. Foi juiz ordinario muitas vezes e de orphãos muitos annos de propriedade em sua vida. Em serviço do rei, penetrou o sertão do Caheté com uma grande tropa, que formou á sua custa, para descobrir minas de ouro, ou prata, por carta de recommendação que para isso recebêra firmada pelo real pulso do serenissimo principe o Sr. D. Pedro, regente do reino de Portugal, com data de 23 de Fevereiro de 1674, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no livro das cartas do Rio de Janeiro que principia a 28 de Março de 1673 pag. 3 v. Para esta conquista e descobrimentos entrou com o caracter de governador da gente da sua tropa e leva, com ampla jurisdicção para conservar o respeito e a autoridade com a obediencia praticada pela disciplina militar, como consta da patente, que se lhe passou, registrada no cartorio da provedoria real no liv. 5° de registros a fl. D'este cavalheiro paulista e de sua nobreza qualificada por seus ascendentes tratamos com toda a sua descendencia em titulo de Taques Pompêo cap. 3.°

CAPITULO V

1—5. D. Anna de Lara, casou na matriz da cidade de S. Paulo a 7 de Agosto de 1639 com Francisco Martins Bonilha, natural e cidadão da mesma cidade, filho de André Martins e de sua mulher Justa Maciel. (Em titulo de Bonilhos cap. 1° § 1° com sua descendencia). E teve :

CAPITULO VI

1—6. D. Maria Pedrosa, casou com Tristão de Oliveira Lobo, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica, filho de Manoel Francisco Pinto, natural da villa de Guimarães, e de sua mulher Juliana de Oliveira (em titulo de Cunhas Gagos, cap. 3º § 3º). Falleceu D. Maria Pedrosa com testamento a 28 de Julho de 1676 (4). E teve nove filhos naturaes de S. Paulo.

2—1. D. Juliana de Oliveira.............. §. 1.º
2—2. D. Sebastiana de Moraes Pedrosa.... §. 2.º
2—3. D. Anna Pedrosa.................. §. 3.º
2—4. D. Magdalena Fernandes de Moraes.. §. 4.º
2—5. D. Isabel de Lara.................. §. 5.º
2—6. Guilherme de Oliveira Lara......... §. 6.º
2—7. Domingos de Oliveira Lara.......... §. 7.º
2—8. D. Maria Pedrosa.................. §. 8.º
2—9. D. Maria de Oliveira............... §. 9.º

§ 1º

2—1. D. Juliana de Oliveira, foi baptizada na matriz de S. Paulo a 15 de Agosto de 1647, e casou na mesma igreja com Simão Nunes de Siqueira. (Em titulo de Pires cap. 6º § 1º n. 3—1.) Teve filhos, entre os quaes foram Domingos de Oliveira, que falleceu solteiro, João de Lara Moraes, que falleceu solteiro, e.......... que casou com Mathias Lopes.

§ 2º

2—2. D. Sebastiana de Moraes Pedrosa, foi baptizada na matriz de S. Paulo a 27 de Janeiro de 1650. Falleceu solteira.

(4) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios letra M. inventario de D. Maria Pedrosa com testamento

§ 3º

2—3. D. Anna Pedrosa, foi baptizada na matriz de S. Paulo a 3 de Agosto de 1655, onde casou com Albano de Aveiro Homem. Sem geração.

§ 4.º

2—4. D. Magdalena Fernandes de Moraes, casou com Hieronimo Machado Castanho, natural da cidade de S. Paulo, filho de Mathias Machado Castanho, da villa do Sardoal do reino de Portugal, e de sua mulher Hieronima Fernandes Preta, que foi irmã direita dos clerigos o padre Francisco Jorge, e o padre Antonio Paes Malio. E teve dois filhos. (Em titulo de Machados Castanhos cap. 2º § 1º.)

§ 5º

2—5. D. Isabel de Lara, casou com Miguel de Camargo, de cujo matrimonio não houve filhos, como consta do testamento com que falleceu D. Isabel de Lara a 14 de Abril de 1758, que se acha no cartorio do 1º tabellião de notas de S. Paulo no maço dos inventarios antigos, letra I.

§ 6º

2—6. Guilherme de Oliveira Lara, casou com Marianna de Leão, irmã direita do padre Mathêos de Leão, clerigo de S. Pedro. (Em titulo de Camargos cap. 5.º) E teve filhos que com seus pais foram de morada para as Minas-Geraes, dos quaes temos noticia de Guilherme de Oliveira, Angelo de Leão, Anna Maria de França, mulher de José de Sousa, Maria Pedrosa, que casou no Rio das Mortes com o sargento-mór João Alves Preto, que são pais de F. . . . . clerigo de S. Pedro.

§ 7°

2—7. Domingos de Oliveira ; falleceu solteiro.

§ 8°

2—8. D. Maria Pedrosa, casou com seu primo co-irmão (em cujo impedimento foram dispensados em Roma) Luiz Castanho de Almeida, como se trata no cap. infra. § 1.°

§ 9°

2—9. D. Maria de Oliveira ; falleceu solteira com testamento a 16 de Agosto de 1725 (5).

CAPITULO VII

1—7. D. Isabel de Lara ; casou na matriz de S. Paulo a 8 de Agosto de 1639 com Luiz Castanho de Almeida, natural e cidadão de S. Paulo, de d'onde passou a estabelecer-se com fazendas de grande cultura no termo da villa de Sant'Anna da Parnahyba, onde fez testamento, e foi sepultado a 16 de Setembro de 1672. Falleceu no ribeirão dos Guanicuns do Mato-Grosso dos Goyazes de uma frechada, que lhe penetrou o vasio, e foi o successo que, como Luiz Castanho de Almeida era um grande sertanista, e havia tido varias entradas ao sertão a conquistar barbaros indios, fez ultima entrada em 1671, levando sómente dois filhos legitimos, e dois bastardos, com um corpo dos seus *Carijòs*, chamados n'aquelle tempo administrados, os quaes não se accommodando com a vida penosa de fomes, e outras necessidades, se uniram todos para matarem a seu administrador Luiz Castanho, e aos filhos. Para este ef-

(5) Cartorio da ouvidoria de S. Paulo e residuos, maços dos testamentos letra N. o de D. Maria de Oliveira.

feito lhes lembrou roubarem as armas de fogo que tinham os brancos; e sendo presentido o ladrão com alguns companheiros, entraram a dar-lhe porretadas os filhos de Luiz Castanho, o qual ouvindo este estrondo abriu a porta do seu quarto, trazendo uma luz de candêa de cêra na mão, quando de fóra lhe dispararam uma frecha, lhe penetrou o vasio e durou com vida 24 horas. Os filhos se fortificaram no mesmo arranchamento em que se achavam, para se defenderem dos seus administrados e inimigos domesticos, emquanto se consumiam as carnes do cadaver de seu pai, que, sepultado, lhe applicaram fogo continuado em cima da sepultura, e produziu, que em 20 dias podessem limpar e lavar os ossos do cadaver, que recolhidos em um limpo lençol, e mettidos em um caixote, se animaram os quatro irmãos, sem mais outra companhia, a penetrar tão vasto e inculto sertão, expostos ao furor dos inimigos domesticos, que no decurso dos 20 dias sempre se conservaram unidos para conseguirem o primeiro intento de acabar a vida a todos. Postos em marcha, e já nas vizinhanças do rio Meia-Ponte, se adiantou Antonio Castanho pelo interesse de fazer alguma caçada para d'ella terem o sustento certo n'aquelle dia; porém os inimigos, que lhes seguiam e observavam as marchas, se adiantaram primeiro e vieram fazer emboscada no mesmo rio Meia-Ponte, e chegando a este passo dito Antonio Castanho, ao entrar pela ponte, lhe dispararam uma frecha, que atravessando-lhe o papo, que tinha no pescoço, cahiu da ponte abaixo; mas com tal accordo que, não largando da arma, ainda com ella em acção de pontaria, se pôde defender dos inimigos, os quaes por providencia divina não souberam discorrer que a arma estando molhada não podia dar fogo. N'este lance chegaram os outros irmãos, e se puzeram em retirada os indios inimigos. Continuaram

o destino da marcha para S. Paulo, curando-se ao enfermo com mechas de fumo e mel de abelhas, quando encontraram com a tropa do capitão-mór Antonio Soares Paes, que, lamentando o infeliz successo e morte do seu bom amigo Luiz Castanho de Almeida, fez com que os magoados filhos retrocedessem, para com o auxilio das suas armas serem conquistados os indios inimigos e rebellados. Aceitaram o conselho e o favor; e posto aquelle troço na trilha das veredas, que seguiam os taes inimigos, foram descobertos, e inteiramente destruidos todos sem escapar um só; e vingada por este modo a morte do pai se puzeram outra vez em marcha para S. Paulo; e chegando á villa de Parnahyba deram sepultura aos ossos de seu pai no jazigo proprio, que elle tinha na igreja matriz d'esta villa ao pé do altar de Nossa Senhora do Rosario, o que se executou com toda a decencia e funeral obsequio no dia 16 de Setembro de 1672. Sua mulher dita D. Isabel de Lara, com avançadissima idade, falleceu com testamento a 17 de Junho de 1711 (6). Foi Luiz Castanho de Almeida filho segundo de Antonio Castanho da Silva de conhecida nobreza na villa de Thomar, e de sua mulher D. Catharina de Almeida. (Em titulo de Proenças, § 3.º) E teve onze filhos, naturaes da Parnahyba, que são os que se seguem:

2—1. Luiz Castanho de Almeida............ §. 1.º
2—2. Joaquim de Lara Moraes............ §. 2.º
2—3. Diogo de Lara e Moraes............ §. 3.º
2—4. Antonio Castanho da Silva.......... §. 4.º
2—5. José de Almeida Lara.............. §. 5.º
2—6. D. Catharina de Almeida........... §. 6.º
2—7. D. Magdalena Fernandes de Moraes.. §. 7.º
2—8. Ignacio de Almeida Lara........... §. 8.º

(6) Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 235, o de Luiz Castanho de Almeida n. 453, o de D. Isabel de Lara.

§ 1º

2—1. Luiz Castanho de Almeida (cap. 7º); foi muito venerado, e respeitado pelas moraes virtudes que soube praticar em todo o tempo de sua vida. Fez varias entradas pelo sertão a conquistar barbaros indios; e na disciplina militar contra elles adquiriu tão avultadas experiencias, que se fez entre os seus naturaes um grande cabo para semelhante guerra. Por isto foram sempre felizes as suas armas e com ellas venceu a reducção de algumas nações, cujos indios gentios recolhidos aos povoados, depois de instruidos nos sagrados dogmas, abraçaram a fé catholica. Com o numeroso concurso dos novos convertidos adiantou muito os interesses da sua casa, pela grandeza da cultura das terras que possuia; e pôde com liberal animo amparar as suas irmãs, que todas casaram por eleição sua. Conseguindo em Roma dispensa no impedimento de 2º gráo de consanguinidade, casou com sua prima co-irmã D. Maria Pedrosa do § 8º n. 2—8, que falleceu em Parnahyba com testamento a 5 de Dezembro de 1684 (7). D'esse matrimonio teve unico filho

3—1. Francisco Pedroso de Almeida, que, nascendo na villa de Parnahyba a 16 de Dezembro de 1674, passou para S. Paulo, e se creou em casa de seu avô Tristão de Oliveira Lobo. Casou com Agueda Machado, natural de S. Paulo, filha de Mathias Machado Castanho, natural da villa do Sardoal, e de sua mulher Hieronima Fernandes, que foi filha de Balthazar Gonçalves Malio, e de sua mu-

(7) Cartorio de orphãos de Parnahyba inventario 323, o de D. Maria Pedrosa.

lher Hieronima Fernandes Preto. Foi Francisco Pedroso de Almeida o fundador da fazenda chamada Araraquára do sertão e estrada das minas dos Goyazes, onde se estabeleceu com grossas culturas, de cujos fructos pelas sementeiras de milho e feijão, e creação abundante de porcos, se aproveitavam os viandantes d'aquella comprida estrada, fornecendo-se de todo o necessario para sustento da jornada, com grandes utilidades d'elle, que com avançada idade falleceu na mesma fazenda, de onde se trasladaram os ossos para a matriz de Mogy-Guassú, termo da villa de Jundiahy. Teve do seu matrimonio dois filhos naturaes de S. Paulo:

4—1. Luiz Pedroso de Almeida Castanho.

4—2. D. Anna Pedrosa de Moraes.

Esquecido Francisco Pedroso de Almeida não só das obrigações da honra e qualidade do sangue, que lhe adornava as vêas, para imitar a seus pais e avós, e melhor do que estas imagens lembrar-se das obrigações de verdadeiro catholico, commetteu estupro incestuoso com...... a irmã direita de sua mulher Agueda Machado; e d'este desaccordo e delirios da inclinação nasceu uma filha, com as cautelas que pôde ministrar a necessidade d'esta miseria, que o tempo não soube conservar em seu segredo; e foi exposta e entregue ao zelo, e cuidado de Maria Nunes de Siqueira, D. viuva de boa estimação, que soube dar-lhe toda a educação necessaria com os dictames da sua grande honra por ser senhora nobre. Esta menina foi:

4—3. Gertrudes Maria de Siqueira.

4—1. Luiz Pedroso de Almeida Castanho, foi cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica, e foi juiz ordinario da mesma cidade por eleição de pelouro em 1746. Casou com D. Catharina de Medeiros, filha de

Antonio Pires de Avila, natural e cidadão de S. Paulo, que, occupando os postos do regimento dos auxiliares, passou a mestre de campo do dito regimento por patente de D. Braz Balthazar da Silveira governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, e de sua mulher D. Anna Moreira de Godoy, natural de S. Paulo, irmã direita de frei Francisco de S. José, religioso carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro que falleceu com evidentes signaes de santidade no rio Parahybuna, e se lhe trasladaram os ossos para o convento da cidade do Rio de Janeiro, com a decencia devida á sua exemplar vida. Neto por parte paterna de Manoel de Avila, chamado o Quatro-olhos, por ser com dois oculos, natural de Angola, que falleceu em S. Paulo com testamento a 2 de Julho de 1731, (Orphãos, maço 6°, letra M), e de sua mulher Anna Ribeira, natural de S. Paulo, bisneta de Braz Lopes Alcanforado, natural da praça de Elvas, e de sua mulher Maria Alves, natural de Lisboa, que falleceu em S. Paulo com testamento a 14 de Fevereiro de 1696, filha de Francisco Alves, e de sua mulher Catharina da Costa (cartorio 2° do tabellião de S. Paulo, livro de notas, o testamento de Maria Alves, mulher de Braz Lopes), e pela parte materna neta a dita D. Catharina deMedeiros de...

4—2. D. Anna Pedrosa de Moraes (filha de Francisco Pedroso de Almeida do n. 3), casou com Salvador Cardoso da Silveira, natural e cidadão da cidade de S. Paulo, filha de Salvador Cardoso de Almeida, e de sua mulher D. Anna Raposo da Silveira. (Em Raposos Silveiras cap. 1° § 9.°) Foi irmão direito de Mathias Cardoso de Almeida (em titulo de Prados cap. 6° § 3° n. 3—2. a n. 4—9, Salvador Cardoso de Almeida), que nos empregos que teve do real serviço se fez muito recommendavel entre os seus nacionaes paulistas, quando foi eleito para capitão-mór e adjunto

do governador Fernão Dias Paes, que foi encarregado da conquista dos barbaros indios *Mapaxos*, e descobrimento da esmeraldas, de que se lhe passou provisão datada em 13 de Março de1673, na qual se relata que o mesmo governador Fernão Dias Paes havia pedido para seu adjunto ao capitão-mór Mathias Cardoso de Almeida, que tinha grande experiencia d'aquelle sertão, e dos indios gentios d'elle nas entradas de importancia, que já tinha conseguido, em que procedêra com muito valor e boa disposição, conquistando o barbaro inimigo, que o deixára domado; o que tudo se lê na sua carta patente de capitão-mór registrada a fl. 99 do livro dos registros n. 4 anno de 1664, do archivo da camara de S. Paulo. Acabada esta conquista e descoberta a lagôa de Vupavuçú, e conseguido o descobrimento das esmeraldas, recolheu-se á patria o capitão-mór Mathias Cardoso de Almeida; e antes de gozar do necessario descanso foi provido em 28 de Janeiro de 1681 em posto de tenente-general da gente da leva de D. Rodrigo da Castel Blanco governador e administrador geral das minas do sertão do Sabarábuçú, para onde foi servindo ao rei á sua custa com pessoa, fazenda e escravos armas, polvora e bala, como melhor consta do termo formado nos livros da camara de S. Paulo a 16 de Março do mesmo anno de 1681 a fl. 127 do livro de vereações, titulo 1675. Depois de vencer este grande serviço foi Mathias Cardoso encarregado da conquista dos barbaros indios do sertão e campanha do Rio-Grande do districto da capitania de Pernambuco, para cuja guerra por ordem de el-rei D. Pedro se levantou em S. Paulo um terço de infantaria, do qual foi mestre de campo dito Mathias Cardoso de Almeida em 1689. N'esta guerra e conquista dos inimigos gentios bravos existiu o mestre de campo desde 1689 até 1694, em que domou, conquistou e metteu de paz todas as nações dos barbaros

indios d'aquelle sertão até o Ceará, tendo obrado de sorte n'aquelles vastos sertões, que mereceu a el-rei D. Pedro honral-o com patente de governador absoluto da guerra contra os indios inimigos de todas aquellas campanhas, sem subordinação ao governador geral do Estado do Brasil. D'este paulista não occultará o segredo do tempo o seu grande nome pelas copiosas e abundantes fazendas de gados vaccuns e cavallares que se estabeleceram e fundaram nos sertões, cujos barbaros habitadores elle conquistou (8). Foi Salvador Cardoso de Almeida juiz de orphãos de propriedade da cidade de S. Paulo por cabeça de sua mulher D. Anna Maria Raposo da Silveira, proprietaria do dito officio e filha de Antonio Raposo da Silveira, proprietario do mesmo officio de juiz de orphãos e de sua mulher D. Maria Raposo de Siqueira, que foi irmã direita de João Raposo Bocarro, coronel dos regimentos de ordenanças de S. Paulo, de onde eram naturaes. Antonio Raposo da Silveira seguiu o real serviço no Estado da India, e achando-se no forte da Agueda em Gôa, sendo capitão do dito forte Luiz Teixeira de Macedo, sendo atacado pelo inimigo, se portou Antonio Raposo na defesa de um baluarte do mesmo fórte com tanto valor, que, destruido o inimigo, mereceu que o armassem cavalleiro, de que se lhe passou alvará em Gôa a 12 de Agosto de 1641, que se registrou no livro de matricula geral da India pelo contador Manoel de Figueiredo. Continuou o real serviço até Janeiro de 1645, em que embarcou na náo *Santa Margarida*, da qual era capitão-mór João Rodrigues de Eça, e se lhe passou provisão de mercê em nome de el-rei D. João o IV de escrivão da dita náo, por n'ella ter seus agasalhados, liberdades e privilegios, etc.

(8) Secretaria do governo da capitania de S. Paulo, livro 3° do Reg. geral a fl. 120, na patente do capitão de infanteria Antonio Gonçalves Figueira.

Em Lisboa foi despachado com mercê do habito da ordem militar de S. Thiago, em que fez profissão. Passou ao Brasil com o caracter de capitão-mór, e ouvidor da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e falleceu a 6 de Abril de 1663 e foi sepultado na igreja do mosteiro de S. Bento da cidade de S. Paulo ao pé do altar de Nossa Senhora dos Remedios que elle fundou. Falleceu D. Maria Raposo de Siqueira a 7 de Maio de 1707 (9). Salvador Cardoso de Almeida e seu irmão o governador Mathias Cardoso foram filhos de Mathias Cardoso, natural da ilha Terceira, e de sua mulher Isabel Furtado, natural de S. Paulo, como se vê do testamento com que falleceu no 1º de Fevereiro de 1690. Salvador Cardoso de Almeida, e tambem o testamento com que falleceu Isabel Furtado, mãi do dito juiz de orphãos, a 17 de Abril de 1683 (10). Do matrimonio de D. Anna Pedrosa de Moraes com Salvador Cardoso da Silveira nasceram em S. Paulo oito filhos :

5—1. Luiz Cardoso da Silveira, existe em 1766.

5—2. Francisco Cardoso da Silveira, o mesmo.

5—3. Salvador Cardoso de Almeida, morador em Villa-Boa de Goyazes.

5—4. João Cardoso de Almeida, existe em 1766.

5—5. D. Catharina Cardoso de Almeida, mulher de Simão de Siqueira Pires, sem geração.

5—6. D. Agueda Cardoso de Almeida, mulher de Francisco Rodrigues Barbosa natural de S. Paulo filho de Francisco Rodrigues Barbosa e de sua mulher Joanna Damasceno, ambos de S. Paulo. Neto par parte paterna do

(9) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º letra A, inventario de Antonio Raposo da Silveira, maço 3º letra M. inventario de D. Maria Raposo de Siqueira.

(10) Cartorio de orphãos de S.Paulo, maço 2º, letra I. inventario de 1870. Maço 2º letra S, inventario de Salvador Cardoso de Almeida.

capitão Antonio Rodrigues de Medeiros cidadão de S. Paulo que por antonomasia foi chamado o Trepohy ; este alcunha deu o nome a um arraial de Minas Geraes onde este honrado paulista teve o seu estabelecimento; e de sua mulher Joanna Barbosa Maciel tambem de S. Paulo. E pela parte materna de Manoel Rodrigues Góes e de sua mulher Maria de Borba, irmã direita do tenente-general Manoel de Borba Gatto. Em titulo de Borbas, cap. 1º § 4º. Camara Episcopal de S. Paulo, autos de genere do P. Ignacio Rodrigues Barbosa, clerigo de S. Pedro, que é irmão direito do dito Francisco Rodrigues Barbosa acima. E tem até 1766, seis filhos de poucos annos.

5—7. D. Anna Maria Cardoso da Silveira casou em 1768 com Aleixo Corrêa da Cunha, natural e cidadão da villa de Mogy, onde é juiz ordinario em 1769. (Em titulo de Cunhas, cap. 1º § 1º n. 3—4 a n. 4—8.)

5—8. D. Isabel Cardoso de Almeida (falleceu em S. Paulo em 1775 de bexigas).

4—3. D. Gertrudes Maria de Siqueira (filha de Francisco Pedroso de Almeida havida em sua cunhada.....). Maria Nunes de Siqueira, de quem ella tomou o appellido de Siqueira ; lhe deu um avultado dote, com o qual conseguiu casamento com José Monteiro da Fonseca, homem nobre natural de Freixo de Espada á Cinta, e foi republicano de S. Paulo, filho de....

§ 2º

2—2. Joaquim de Lara Moraes (filho de D. Isabel de Lara e de Luiz Castanho de Almeida do cap. 7º). Casou com Maria Gonçalves, natural de Parnahyba, filha de Alvaro Netto, e de sua mulher Luzia de Mendonça.

Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1° § 7° n. 2—3., E teve dois filhos.

3—1. Braz de Almeida Lara.

3—2. Francisca de Almeida.

3—1. Braz de Almeida Lara, casou com Paschoa do Rego, que falleceu no dia 1 de Setembro de 1716, natural de Parnahyba, filha de Bento do Rego Barregão, e de sua mulher Maria de Oliveira Diniz. (Em titulo de Taques § 3.°) Casou 2ª vez com Maria Buena, filha de Balthazar de Lemos e Moraes, e de sua mulher Isabel Pires Monteiro. (Em titulo de Botelhos Arrudas já referido.) Falleceu Braz de Almeida Lara em 1734 (11). E teve do seu primeiro matrimonio tres filhos naturaes de Parnahyba (12).

4—1. D. Maria de Lara. Casou com Bernardino Forquim dos Santos, filho de Estevão Forquim Fernandes, e de sua mulher D. Anna de Proença (Em titulode Taques, § 3° n. 2—8).

4—2. Joaquim de Lara Moraes. Casou na villa de Iguape, onde tem geração.

4—3. Bento do Rego de Almeida, falleceu na fazenda das Jaboticabas dos Curraes da Bahia, para onde fugira da justiça, por ter morto logo quem o insultou nas Minas de Itaverava.

E do seu segundo matrimonio teve cinco filhos :

4—4. D. Antonia de Almeida, casou com Ignacio de Sá, natural de Parnahyba, filho de José de Sá e Arruda, e sua mulher D. Maria de Araujo. (Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1° § 7.°)

4—5. D. Agostinha. Casou com Ignacio Rodrigues de S. Payo.

(11) Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 583.

(12) Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço dos testamentos, o de Paschoa do Rego.

4—6. D. Escholastica Pedroso, que foi casada com Luiz Pedroso de Barros, seu parente. Em titulo de Taques Pompêos § 3º, nos netos de Lourenço Castanho e D. Maria de Araujo.

4—7. D. Maria, falleceu solteira.

4—8. D. Francisca, existe solteira em 1771.

3—2. D. Francisca de Almeida (filha de Joaquim de Lara Moraes, n. 2—2). Casou com Gaspar Leme do Prado, filho de João do Prado, e de sua mulher Anna Maria de Louvera (13). E teve seis filhos naturaes de Parnahyba.

4—1. O padre Bento Leme de Almeida, clerigo de S. Pedro, que falleceu na Villa-Real das minas de Cuyabá, estando coadjutor da igreja matriz das ditas minas.

4—2. D. Rosa de Almeida ; casou com Manoel de Araujo.

4—3. D. Maria de Almeida.

4—4. D. Anna de Almeida.

4—5. Caetano Leme de Almeida, falleceu solteiro em Goyazes.

4—6. D. Escholastica de Almeida.

§ 3º

2—3. Diogo de Lara Moraes (filho de D. Isabel de Lara, e Luiz Castanho de Almeida do cap. 7º), foi baptizado em Parnahyba a 11 de Setembro de 1654. Casou em Parnahyba a 13 de Janeiro de 1675, com D. Anna Maria Leme, irmã direita do padre Pedro Leme do Prado presbitero de S. Pedro, filha do capitão Pedro Leme, e de sua mulher Maria Gonçalves Preto. (Em titulo de Botelhos Arrudas

(13) Cam. episcopal de S. Paulo....... de genere do P. Bento Leme de Miranda.

cap. 2º § 12) (14) Falleceu Diogo de Lara Moraes com testamento a 11 de Fevereiro de 1713. Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 462. E teve cinco filhos.

3—1. Luiz Castanho de Almeida.
3—2. Diogo de Lara Moraes.
3—3. Ignacio de Almeida Lara.
3—4. D. Francisca de Almeida.
3—5. D. Isabel de Lara Moraes.

3—1. Luiz Castanho de Almeida, foi sargento-mór do regimento dos auxiliares das minas do Cuyabá por patente de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general da capital de S. Paulo. Foi morador da villa de Sorocaba, onde possuiu uma grande fazenda de cultura no sitio chamado Tavovú do termo da dita villa. N'ella falleceu com testamento a 7 de Fevereiro de 1735; n'elle declarou a sua naturalidade, e os nomes de seus pais, e que fôra casado com D. Isabel Paes (nota *) que ainda existe em 1771 na villa de Sorocaba na sua fazenda de Tavovú), filha do capitão Hieronimo Ferraz de Araujo (Em titulo de Ferrazes de Araujos, § 3.º) e de sua mulher D. Maria de Zuniga Rachel de Gusman (15) a qual foi filha de Gabriel Ponce de Leon, natural da cidade real de Guayrá da provincia da cidade do Paraguay, e de sua mulher D. Maria de Torales, que foi filha do capitão Balthazar Fernandes o povoador, e de sua primeira mulher D. Maria de Zuniga, irmã inteira de Bartholomêo de Torales, ambos vindos de Villa-Rica de Paraguay. E o dito Gabriel Ponce de Leon foi filho do capitão Barnabé de Contreras, e

(14) Em titulo de Lemes, cap. 1º § 2º n. 3—8.
(*) Falta no manuscripto.

(*Nota da redacção*).

(15) Cart. da Ouv. de S. Paulo, nos maços do Residuo, testamento de Luiz Castanho de Almeida.

de sua mulher D. Violante de Gusman (16). Este illustre cavalheiro da provincia de Paraguay se passou para a capitania de S. Paulo com outros fidalgos seus parentes, entre os quaes foi Bartholomêo de Torales (filho de Bartholomêo de Torales, e de sua mulher Violante de Zuniga, naturaes da Villa-Rica da cidade de Paraguay) que casou na matriz de S. Paulo a 12 de Setembro de 1636, com D. Maria de Góes, filha de Antonio Raposo e de sua mulher Isabel de Góes. E sua irmã D. Maria de Zuniga, mulher do capitão Balthazar Fernandes o povoador já referido. Barnabé de Contreras y Leon e sua mulher D. Beatriz de Espinoza, naturaes de Santiago de Xerez da provincia do Paraguay trouxeram a filha D. Violante de Gusman, que na matriz de S. Paulo a 12 de Agosto de 1637 casou com Domingos do Prado, filho de Martim do Prado. (Em titulo de Prados § 8º (nota*) D. Anna Rodrigues Cabral, falleceu com testamento a 13 de Maio de 1634; natural da Cidade-Real de Guairá, filha de Antonio Rodrigues Cabral, e de D. Joanna de Escovar, casada com Bartholomêo de Torales. Parn. A. D. — Todos estes cavalheiros castelhanos se passaram da provincia de Paraguay com suas familias para a capitania de S. Paulo pelos annos de 1630 até 1634, tendo elles estado alguns annos na campanha chamada Vaccaria, cujos gados em copiosa abundancia deixaram totalmente, e se passaram, como fica dito, para S. Paulo, onde então se desconfiou, que estas familias estariam incursas em crimes de lesa magestade que as obrigou a semelhante transmigração.

Do matrimonio de Luiz Castanho e de D. Isabel Paes nasceram na villa de Sorocaba nove filhos.

(16) Cartorio de orphãos da Parnahyba, inventario n. 128, o de Gabriel Ponce e Leon, com testamento aberto a 7 de Outubro de 1655.

(*) Falta no manuscripto.

(*Nota da redacção*)

4—1. D. Anna de Moraes.
4—2. Hieronimo Ferraz de Moraes.
4—3. D. Maria de Almeida Lara.
4—4. Manoel Castanho de Almeida.
4—5. D. Isabel de Lara.
4—6. D. Francisca de Almeida.
4—7. D. Escholastica de Almeida.
4—8. Bento Paes de Almeida.
4—9. Luiz Castanho de Araujo.

4—1. D. Anna de Moraes, casou primeira vez com José de Faria Paes, natural de Sorocaba, onde foi sargento-mór das ordenanças; falleceu com testamento em 1723: filho de Martinho de Faria Paes e de sua mulher Ignez Sanches Domingues de Pontes (17). E teve dois filhos. Casou segunda vez com o capitão Francisco Xavier de Moura, natural de S. Paulo, filho de Leonardo Rodrigues da cidade do Porto e de Catharina Corrêa Perestrello, natural de S. Paulo. Neto paterno de Manoel Rodrigues Setubal e de Maria de Almeida, naturaes da cidade do Porto. E pela materna de João de Moura Gavião da cidade de Lisboa, freguezia de S. Julião, e de Maria da Luz, de S. Paulo. Autos *de genere*, letra I n. 3. D'este segundo matrimonio teve mais filhos nascidos em Sorocaba. Do primeiro teve na mesma villa duas filhas.

5—1. D. Maria Paes; falleceu solteira.

5—2. D. Isabel Paes de Faria, casou com Francisco de Almeida Leme, irmão direito de José de Almeida Leme, capitão-maior da villa de Sorocaba. Em titulo de Taques § 3.º

4.—2 Jeronymo Ferraz de Moraes, falleceu solteiro nas minas do Cuiabá.

(17) Cartorio da ouvidor. de S. Paulo, maços dos testamentos, o de José de Faria, no residuo.

4.—3 D. Maria de Lara, casou com o capitão Thomé de Lara e Abrêo, filho de Antonio de Proença e Abrêo (Proenças Abrêos, cap.....) e de sua mulher D. Francisca de Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3°, nos filhos do capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. E teve naturaes de Sorocaba cinco filhos.

5—1. Luiz Castanho de Almeida e Abrêo.
5—2. José de Almeida e Abrêo.
5—3. Antonio de Proença e Abrêo.
5—4. Vicente Paes de Abrêo.
5—5. D. Francisca de Almeida.

4.—4 Manoel Castanho de Almeida (n. 3—1), existe solteiro em Villa-Boa de Goyazes em 1766.

4.—5. D. Isabel de Lara (idem), casou com Silvestre de S. Paio, que foi para o Cuiabá, filho de Antonio de S. Paio e de sua mulher D. Ignacia de Almeida. Sem geração. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 3° § 2.°

4—6. D. Francisca de Almeida, casou com Antonio Rodrigues de S. Paio, filho dos mesmos acima n. 4—5. Tem geração.

4—7. D. Escholastica de Almeida, elegeu o estado celibato.

4—8. Bento Paes de Almeida, solteiro em 1766.

4—9. Luiz Castanho de Araujo, casou com D. Maria de Lara, filha de Thomé de Lara e Abrêo, e de sua mulher D. Maria de Lara (retro do n. 4—3), filha do sargento-mór Luiz Castanho de Almeida, e sua mulher D. Isabel Paes. Deixou geração.

3—2. Diogo de Lara Moraes(*) (filho segundo de Diogo de

(*) Este capitão-mór Diogo de Lara e Moraes falleceu no Cuiabá a 22 de Outubro de 1738 á noite no seu sitio do rio Cuiabá, onde até hoje se conserva um seu neto bastardo; com testamento em que de-

Lara Moraes § 3°), foi um dos paulistas que soube conciliar o respeito com a affabilidade, e a estimação com a integridade. Da patria passou para as Minas-Geraes no tempo da grandeza d'ellas, e fazendo-se bem conhecido pela sua qualidade e moraes virtudes, foi eleito capitão-mór e regente do arraial populoso das minas chamadas de Guarapiranga por carta-patente do governador e capitão general de S. Paulo e Minas, D. Braz Balthazar da Silveira. Depois de recolhido á patria, passados annos foi para as minas do Cuiabá, onde assás soube merecer uma geral veneração e estimação de todos, que lhe davam o caracter de *honrado paulista*. N'ellas falleceu com grande sentimento dos que lhe respeitavam as acções virtuosas, que praticava. Sem fazer differença aquella nescia e abominavel desaffeição introduzida nos europêos portuguezes contra os paulistas, sem que baste para desigual merecimento a demonstração de amor que os paulistas bem acreditam com estes inimigos, pois em casamentos, e com avultados dotes no contrato do matrimonio lhes entregam as filhas, as irmãs e as sobrinhas; e nada d'isto até agora tem sido Iris da paz entre estas indesculpaveis opposições tão geralmente praticadas, que têm sido por muitas vezes objecto para injustiças, não só na falta dos premios em relevantes serviços do rei, da igreja e do bem commum, mas até da attenção do agrado e da estimação. Foi casado o capitão-mór Diogo de

clarava mais dividas do que bens, por cuja razão se absteve o filho por si, e como procurador de sua mãi da herança, que foi arrecadada pelo juizo dos ausentes de Cuiabá, onde se acha o testamento e inventario. Elle foi o juiz ordinario mais velho no segundo anno da creação d'aquella vara, que foi erecta em..... no 1° de Janeiro de 1727 por Rodrigo Cesar de Menezes, general da capitania de S. Paulo.

O autor teve noticia d'isto mesmo, pois o escreveu em outro titulo que me não lembra; e no tempo em que escreveu o titulo de Laras não teria essa certeza, ou se esqueceu.

Lara Moraes na villa de Itú com D. Anna de Arruda (que falleceu em 1770), filha de Sebastião de Arruda Botelho e de sua mulher D. Isabel de Quadros. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 2º § 12. E teve do seu matrimonio filho unico natural da villa de Itú

4. Francisco Ribeiro de Moraes, que existe solteiro nas minas do Cuyabá, acreditando com geral applauso as virtudes moraes de seu honrado pai, que as sabe praticar com todos para conseguir o bom nome que tem adquirido. Tem briosos estimulos para qualquer empreza do real serviço, em que foi occupado. Conserva-se com necessaria decencia, sem superfluidades, que tanto têm destruido as casas pelos excessos do tratamento. E sendo assaz convidado para casamentos, com pretextos politicos, tem abandonado diversas eleições para não se sujeitar ao pesado jugo do matrimonio (*).

3—3. Ignacio de Almeida Lara (filho 3º de Diogo de Lara Moraes, § 3º), foi sargento-mór das ordenanças da villa de Itú, onde casou a 22 de Novembro de 1716 com D. Anna Pedroso de Cerqueira, *filha de Antonio de Oliveira Pedroso, natural e cidadão da cidade de S. Paulo, sargento-mór por patente regia na guerra de Pernambuco contra os rebellados da conquista do sertão dos Palmares,* a que foram de soccorro os paulistas com um grande corpo de tropas milicianas, e os cabos vencendo soldo ; e d'este exercito foi mestre de campo Domingos Jorge Velho, e de sua mulher D. Maria de Almeida, natural da villa de

(*) Este Francisco Ribeiro de Moraes foi tenente da guerra ao gentio *Payaguá*. Foi muitas vezes juiz ordinario no Cuyabá, onde falleceu com testamento a 26 de Dezembro de 1780 (registrado no livro 8º dos residuos do Cuyabá a fl. 91 v. deixando por herdeiros a 3 filhos illegitimos que existem. Comprou o sitio e mais bens que foram do capitão-mór seu pai, de cuja herança se absteve.

Parnahyba. Neta pela parte paterna de Fernando de Oliveira Vargas, natural da cidade de Tavira, e cidadão de S. Paulo, onde occupou os honrosos cargos da republica (irmão direito de Ignacio de Oliveira Vargas, que casou no Rio de Janeiro, e de quem é neto o Revd. Ignacio de Oliveira Vargas, commissario do santo officio, e thesoureiro-mór da sé da mesma cidade, em que existe em 1766), que falleceu com testamento a 22 de Fevereiro de 1653 em S. Paulo, e de sua mulher D. Anna Borges de Cerqueira, natural da dita cidade de S. Paulo, que foi irmã por parte de mãi de D. Antonia, mulher do mestre de campo Antonio Raposo Tavares, que são os avós de Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, etc. E teve naturaes da villa de Itú nove filhos.

4—1. Antonio de Oliveira Moraes, falleceu solteiro afogado no Rio Grande, indo a uma diligencia do real serviço, que lhe foi recommendada por João Rodrigues Campello, ouvidor geral de S. Paulo e sua comarca.

4—2. Ignacio de Almeida Lara, solteiro em 1766.

4—3. José de Oliveira, que segue o real serviço em praça de soldado no Rio-Grande de S. Pedro do Sul.

4—4. Angelo de Almeida, morador na capitania de Goyazes, solteiro em 1766.

4—5. D. Maria de Almeida, que na matriz de Nossa Senhora do Pilar, sitio das minas da Papoã, da comarca da Villa-Boa de Goyazes, casou com Francisco de Campos Silva de conhecida nobreza na cidade do Porto, sua patria.

4—6. Francisco de Moraes Pedroso, sargento-mór das ordenanças da villa de Sorocaba por patente de D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, governardor e capitão-general da capitania de S. Paulo, passada em 1766, e confirmada depois. Casou com D. Maria de Belém, filha do sargento-mór Antonio Loureiro da Silva e de sua mulher D. Anna de Arruda. (Em titulo de Botelhos Arrudas,

cap. 2° § 1° n. 2—7.) E teve tres filhos, que são de tenra idade, naturaes de Sorocaba.

4—7. João de Almeida Lara, casou com D. Bernarda de Almeida Loureiro da Silva. (Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 2° § 1° n. 2—7.)

4—8. D. Maria de Almeida, casou no Pilar com......... Barbosa, sobrinho do sargento-mór João Barbosa de Lima.

4—9. D. Francisca de Almeida, casou com Antonio de Arruda Sá, filho de Francisco de Arruda e de D. Anna de Proença. (Em titulo de (*supra.*)

3—4. D. Francisca de Almeida (filha de Diogo de Lara Moraes do § 3°), elegeu o estado de solteira por mais perfeito (nota*). Falleceu em Janeiro de 1769 em Sorocaba.

3—5. D. Isabel de Lara (filha ultima do dito Diogo de Lara), fez estabelecimento no sitio de Araçariguama, freguezia da Senhora da Penha de França termo da villa de Parnahyba. Foi casada com João de Godoy Collaço, filho de Gaspar de Godoy Collaço, natural e cidadão de S. Paulo, tenente-general por patente e mercê de el-rei D. Pedro, da Conquista da Vaccaria, a que foi pelo mesmo rei encarregado, por ser este paulista um dos grandes soldados para qualquer acção na guerra dos barbaros indios; e de sua mulher D. Sebastiana Ribeira de Moraes. (Em titulo de Moraes, cap. 3° § 2° n. 3—5 e seguintes. E teve naturaes de Araçariguama sete filhos:

4—1. José de Godoy, casou sem eleição da sua distincta nobreza com Ignez Monteiro, filha de Antonio Pires Monteiro, e de sua mulher Maria Rodrigues, natural de Parnahyba (elle natural da villa de Jundiahy), da familia das mulheres dos Faons de Parnahyba.

(*) Falta no manuscripto.

(*Nota da redacção.*)

4—2. Luiz Castanho, que depois ficou chamando-se Luiz Pedroso de Almeida Lara. Casou em Parnahyba a 3 de Março de 1738 com Escholastica de Aguiar Lara, natural da mesma villa, filha de Paulo de Aguiar Lara, natural de S. Vicente, e de sua mulher Maria de Brito Silva, natural de Parnahyba, a qual foi filha de Gaspar de Brito, e de sua mulher Joanna de Almeida Naves. E teve quatro filhos.

5—1. Gaspar de Godoy Castanho, casou....

5—2. D. Isabel de Lara Leite, casou com João Barbosa do Rego.

5—3. D. Mecia de Almeida Lara, casou com José Frazão, filho de Pedro Frazão o dos Anhumas.

5—4. D. Maria Antonia de Godoy, casou com Bernardo Guedes Barreto, irmão de João Barbosa do Rego, supra 5—2.

4—3. Gaspar de Godoy de Almeida, casou primeira vez com Escholastica de Mariz, filha de Paulo de Aguiar Lara, e Maria de Brito Silva acima no n. 4—2, sem geração. E segunda vez casou em Araçariguama com Anna Maria, filha de Sebastião Soares de Camargo, e sua mulher Maria Pires, natural de Araçariguama, filha do capitão Rodrigo Bicudo Chassim, etc. Neta paterna de Francisco Bueno de Camargo, e Maria da Silva. E teve um filho Francisco,

4—4. D. Mecia de Moraes, casou em 1747 com Marcos Leite, natural de Itú, filho de Pedro Vaz de Barros, e de sua mulher D. Gertrudes de Arruda. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1° § 4° n. 3—4.)

4—5. D. Isabel de Lara, casou em 1747 na matriz de Nossa Senhora da Penha, com Mathias Leite de Barros, natural de Itú, irmão direito de Moraes Leite, supra.

4—6. D. Maria de Lara, casou em Goyazes com Domingos da Costa Guimarães, natural de Guimarães.

4—7. João de Godoy, falleceu solteiro em Araçariguama.

§ 4°

2—4. Antonio Castanho da Silva (filho de D. Isabel de Lara, do cap. 7°); acompanhou a seu pai Luiz Castanho de Almeida na ultima entrada que fez ao sertão dos Goyazes, e no ribeirão dos Guanicuns foi o successo acontecido, que narrámos no cap. 7°. Recolhido do sertão tendo n'ella miraculosamente escapado com vida, quando no rio de Meia-Ponte lhe atravessaram o pescoço com uma frecha. Casou com Luzia de Mendonça, filha de Thimoteo Leme e de sua mulher Luzia de Mendonça, que foi filha de João Gonçalves de Aguiar, que falleceu em Parnahyba com testamento a 10 de Novembro de 1668, e de sua mulher Luzia de Mendonça. Estes foram tambem pais de frei Francisco do Rosario da ordem de S. Francisco. Falleceu Antonio Castanho da Silva com testamento a 23 de Abril de 1700 e foi sepultado no jazigo de seu pai, que o teve proprio na igreja matriz de Parnahyba (18). E teve, como consta do cartorio de orphãos de Parnahyba n. 407, duas filhas.

3—1. D. Isabel de Mondonça.

3—2. D. Luzia de Mendonça, que falleceu solteira.

3—1. D. Isabel de Mendonça, casou com Paschoal Leite de Miranda, que era irmão inteiro de José Corrêa Leite, familiar do santo officio, e de D. Anna Ribeira, que foi mãi do Revm. Dr. Lourenço Leite Penteado, conego penitenciario da sé de S. Paulo, que serviu de vigario capitular em sede vacante por morte do primeiro bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira. (Em titulo de Mirandas, cap. 3° § 1° com toda a descendencia de D. Isabel de Mendonça, e Paschoal Leite.)

(18) Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, nos maços do residuo, testamento de Antonio Castanho da Silva.

§ 5°.

2—5. José de Almeida Lara (cap. 7°), casou em Jundiahy a 23 de Maio de 1694 com D. Marianna de Siqueira Moraes, irmã direita do padre João de Moraes Navarro, clerigo de S. Pedro, filho de Manoel Rodrigues de Moraes, e de sua mulher Francisca de Siqueira. (Em titulo de Moraes, cap. 2° § 8°.)E teve dez filhos naturaes de Parnahyba.

3—1. D. Isabel de Lara.
3—2. D. Francisca de Siqueira.
3—3. Manoel de Moraes Navarro.
3—4. D. Maria de Siqueira.
3—5. Luiz Castanho de Moraes Antas.
3—6. D. Marianna Paes de Siqueira.
3—7. Guilherme Pedroso de Moraes.
3—8. José de Almeida.
3—9. Antonio Castanho da Silva.
3—10. Pedro de Lara Moraes.

3—1. D. Isabel de Lara, nasceu a 20 de Fevereiro de 1695, e foi baptizada a 27 do mesmo mez na capella de sua tia D. Anna de Proença Taques, mulher do commendador Manoel de Brito Nogueira, casou com José Fernandes Paes, natural da freguezia de Santo Amaro, termo da cidade de S. Paulo, e filho de Francisco Fernandes, e de sua mulher Maria Paes, da mesma freguezia. Falleceu em Goyazes. E teve (19) 8 filhos naturaes de Parnahyba.

4—1. D. Marianna Paes de Siqueira, que foi casada com Manoel de Pinho. Sem geração.

4—2. João de Almeida Paes, falleceu solteiro.

4—3. José Paes de Almeida, casou com Maria Theresa de Jesus, filha de Pedro de Macedo Souto-Maior, que falleceu em Parnahyba com testamento a 7 de Fevereiro de 1748, que era natural da Villa Real (filho de D. Duarte de

(19) Orphãos de Parnahyba, inventario n. 670, o de José Fernandes Paes.

Macedo Souto-Maior, e de D. Catharina Lourença, em que houve este filho), e de sua mulher Maria Ribeira(20).

4—4. D. Escholastica. Falleceu menina.

4—5. D. Rita. Falleceu menina.

4—6. D. Anna Pedroso de Moraes, casou com Rodrigo da Costa Santarém, e foram de morada para Goyazes.

4—7. Antonio Castanho Paes.

4—8. D. Maria Paes de Almeida, casou com o alferes Hieronimo da Rocha, natural de Parnahyba, filho do capitão Manoel de Oliveira e de sua mulher Maria da Rocha.

3—2. D. Francisca de Siqueira (§ 5º), nasceu a 27 de Fevereiro de 1696 e falleceu com testamento em Parnahyba a 30 de Julho de 1751. (Cartorio de orphãos de Parnahyba n. 666.) Foi casada duas vezes: a primeira com Paulo Fernandes Paes, de quem não teve filhos; a segunda com Francisco Gonçalves de Oliveira, natural da villa de Vianna do Minho e capitão das ordenanças da villa de Parnahyba, e teve unica filha, D. Rosa Maria de Siqueira.

3—3. Manoel de Moraes Navarro (§ 5º), nasceu a 14 de Abril de 1697; casou na villa de Sorocaba, onde se estabeleceu, com D. Escholastica Soares Leite, filha do capitão Domingos Soares Paes e de sua mulher Maria Leite da Silva. (Em titulo de Ferrazes Araujos.) Tem servido os cargos da republica e o de juiz ordinario muitas vezes, porque as suas moraes virtudes dispertam sempre a lembrança dos eleitores dos pelouros para não deixarem descansar muitos annos a Manoel de Moraes Navarro, que como amigo da verdade, praticando o dom da sua innata prudencia e affabilidade, nunca jámais ficou culpado nas devassas dos corregedores, nem nas da Janeyrinha, a que

(20) Orphãos de Parnahyba n. 645, inventario de Pedro de Macedo Souto-Maior.

se procede na fórma da ordenação do reino. Porém quando acaba o pesado jugo da vara de juiz ordinario não fica livre de maior pezo com o encargo de juiz dos orphãos triennal, cujo officio, com grande utilidade dos pupillos, tem desempenhado nos tres triennios, que tem exercitado com geral applauso dos corregedores, que lhe têm tirado a residencia como dispõe a real ordem do 1731. Ainda existe em 1766, posto que já decahido de forças, na sua fazenda de cultura, engenho de assucar e aguardente. Do seu matrimonio teve dez filhos.

4—1. Domingos de Moraes Navarro serve a el-rei em praça de soldado no Rio Grande de S. Pedro do Sul.

4—2. José de Almeida Lara, que, resistindo por espaço de meio dia a um grosso troço de negros foragidos, a que no Brasil chamam calhambolas, sem mais forças que a de tres armas de fogo, que manejavam elle e dois mulatos seus escravos, de dentro de casa, e tendo boa pontaria, morreram muitos e ficaram feridos quasi todos; até que, acabada a polvora, avançaram os negros de pelotão e lhe acabaram a vida e a dos dois mulatos; e depois de morto lhe cortaram a cabeça e todos os membros, sem escapar da violencia d'estes barbaros as partes pudendas; de tal sorte, que ficou aquelle cadaver feito um crivo de chagas pelas muitas facadas com que o odio dos pretos empregou a sua furia. Este infeliz successo aconteceu nas minas do Pilar sitio da Papuã, da comarca da Villa-Boa de Goyazes, estando o pai do morto ausente de caza, que era construida nas suas lavras mineraes ao pé da estrada chamada dos Guarinos; e recolhendo-se a ella com os escravos que o acompanhavam achou o filho morto como fica referido, tendo escapado um mulato de 10 ou 12 annos, escondido no centro de uma cata profunda, e com escolta dos vizinhos trouxe o cadaver para o arraial para dar-

lhe sepultura, e a pedir soccorro á justiça para seguir a trilha dos aggressores de tão horroroso insulto, e dos roubos que fizeram na casa, levando tudo quanto poderam carregar. Porém não achou Manoel de Moraes Navarro o menor auxilio dos ministros de justiça, que eram dois juizes ordinarios, e, excitado da sua justificada dôr, formou com parentes e amigos um corpo de armas, que, governado mais pelo ardor do espirito que pelas forças dos seus annos, e desfallecimento das suas lagrimas, porque o filho morto era de grandes esperanças, penetrou as veredas do sertão, pois onde se entranharam os foragidos, porém sem effeito, por logo ao segundo dia choveu tanto que inteiramente não poderam descobrir mais a trilha para ser seguida. Porém antes de muitos dias em diversos sitios experimentaram outras vidas a tyrannia dos taes foragidos, que puzeram em consternação aos moradores d'aquelle continente, que deu occasião ao conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, governador e capitão-general da capitania de Goyazes em 1751, a passar em pessoa ao dito arraial, e com elle o Dr. ouvidor geral Sebastião José da Cunha Soares, que permittiram que livremente se atacassem aos quilombos, matando-se n'elles os negros que se puzessem em resistencia, como se pratica em Minas-Geraes; e ainda assim não cessam os roubos, mortes e insolencias; de sorte que, para se evitar um futuro levantamento dos pretos contra os brancos, se empenhou a actividade, ardor, zelo e desembaraço do coronel José Antonio Freire de Andrade (hoje conde de Bobadella), governador da capitania de Minas-Geraes, a vencer a Bartholomêo Bueno do Prado, natural de S. Paulo, por si e seus avós, para capitão-mór e conquistador de um quasi reino de pretos foragidos, que occupavam a campanha desde o rio das Mortes até o Grande, que se atravessava na estrada de S. Paulo

para Goyazes. Bartholomêo Bueno desempenhou tanto o conceito que se formava do seu valor e disciplina da guerra contra esta canalha, que se recolheu victorioso, apresentando 3,900 pares de orelhas dos negros, que destruiu em quilombos, sem mais premio, que a honra de ser occupado no real serviço, como consta dos accordãos tomados em camara de Villa-Rica sobre esta expedição, e o effeito d'ella para total segurança dos moradores d'aquella grande capitania.

4—3. Luiz Pedroso de Moraes Navarro.
4—4. Manoel Vicente de Moraes.
4—5. João Leite de Moraes.
4—6. D. Maria Leite de Moraes.
4—7. D. Marianna de Siqueira e Moraes.
4—8. D. Anna de Almeida Moraes.
4—9. D. Isabel de Lara Moraes.
4—10. D. Francisca de Almeida e Moraes.

3—4. D. Maria de Siqueira (filha de José de Almeida Lara do § 5º), nasceu a 13 de Outubro de 1699. Falleceu a 11 de Janeiro de 1710, solteira.

3—5. Luiz Castanho de Moraes (idem), nasceu a 23 de Maio de 1703. Está casado com D. Francisca Soares, filha do capitão Domingos Soares Paes, e de sua mulher D. Maria Leite da Silva. Tem servido os cargos honrosos da republica da villa de Sorocaba, onde fez o seu estabelecimento. E teve dez filhos.

4—1. D. Maria Leite de Anunciação, está casada com João Bicudo de Almeida, filho de Sebastião Bicudo de Proença, e de sua mulher Isabel Domingues do Prado.

4—2. D. Marianna de Siqueira e Moraes, está casada com Francisco de Camargo, filho do alferes José Munhos, e de sua mulher Catharina Domingues.

4—3. D. Isabel de Lara.

4—4. Salvador de Lara e Moraes.

4—5. Manoel de Almeida e Moraes, que está habilitado para sacerdote (nota *). Se se assentou praça de soldado em Santos, e desertando para Minas-Geraes, alli assentou praça de dragão em que existe em 1771.

4—6. Alexandre Pedroso de Moraes.

4—7. Luiz Castanho de Moraes Leite.

4—8. Francisco de Almeida Moraes.

4—9. José Maria Leite de Moraes.

4—10. Joaquim Maria Leite de Moraes.

3—6. D. Marianna Paes de Siqueira (§ 5º), nasceu a 8 de Outubro de 1702. Casou a 15 de Fevereiro de 1733 com Francisco de Godoy da Silva, filho de Balthazar de Godoy, o Pucú de alcunha. E tiveram

4—1. Ignacio de Godoy Silva, que nasceu a 4 de Setembro de 1737.

4—2. D. Isabel de Godoy, que nasceu a 21 de Setembro de 1735. Casou com Antonio de Almeida e Abrêo.

3—7. Guilherme Pedroso de Moraes (§ 5º), nasceu a 21 de Julho de 1707. Casou com Maria da Cunha de Oliveira, filha de João da Cunha, natural da freguezia de S. Bartholomêo de S. Gens, concelho de Monte-Longo, arcebispado de Braga, e de sua mulher Margarida de Oliveira de Brito. Neta pela parte paterna de João da Cunha e de sua mulher Catharina Gonçalves. E pela materna neta de João da Costa Homem e de sua mulher Anna Vieira de Barros, e por esta bisneta de Domingos Machado Jacome e de sua mulher Margarida de Oliveira. E teve em Parnahyba sete filhos:

(*) Falta no manuscripto.

(Nota da redacção).

4—1. José Pedroso de Moraes Lara.
4—2. João de Moraes Navarro de Antas.
4—3. Lourenço Castanho de Oliveira Barros.
4—4. Raymundo Vieira Baruel Machado.
4—5. Antonio da Cunha Gonçalves de Siqueira.
4—6. D. Anna Pedroso de Moraes Siqueira.
4—7. D. Catharina de Senna de Almeida Lara.

3—8. José de Almeida Lara, nasceu a 4 de Dezembro de 1711, existe solteiro.

3—9. Antonio Castanho da Silva (§ 5º), nasceu a 7 de Outubro de 1713. Está casado com D. Rosa Maria Teixeira, natural da cidade de S. Paulo, filha de Luiz Teixeira de Azevedo, e de sua mulher Isabel Colaço. (Em titulo de Alvarengas, cap. 5º.) E teve nascido em Parnahyba nove filhos.

4—1. João, que depois de baptizado voou para o ceu.

4—2. Luiz Castanho Navarro de Moraes e Antas, que na recruta que se fez em S. Paulo de 4 companhias para o Rio-Pardo, foi feito tenente da companhia do capitão Simão de Toledo de Almeida, em 17.... Foi prisioneiro para Buenos-Ayres, de d'onde passando para a cidade de Cordova, n'ella está casado e morador.

4—3. José Castanho de Azevedo.

4—4. Manoel Rodrigues de Moraes Antas. Director da aldêa de Maruyry do real padroado.

4—5. Antonio Castanho de Azevedo.

4—6. Feliciano, falleceu de 9 annos.

4—7. D. Anna Joaquina Castanho.

4—8. D. Custodia Maria.

4—9. D. Joaquina.

3—1º. Pedro de Lara e Moraes (§ 5º), nasceu a 6 de Novembro de 1715. Falleceu sem geração.

§ 6º

2—6. D. Catharina de Almeida (filha de D. Isabel de Lara e de Luiz Castanho de Almeida do cap. 7º), casou com Vicente Gonçalves de Aguiar, natural de Parnahyba, onde falleceu com testamento, em o qual declarou que era filho do capitão João Gonçalves de Aguiar, natural da cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher Luzia de Mendonça, natural da villa de Parnahyba (21), irmã direita de frei Francisco do Rosario, da ordem de S. Francisco. E teve dois filhos naturaes de Parnahyba :

3—1. Vicente Gonçalves de Almeida
3—2. D. Isabel de Lara.

3—1. Vicente Gonçalves de Almeida, falleceu com testamento a 12 de Novembro de 1731. Foi casado com D. Isabel da Silva Naves, filha de João de Almeida Naves, natural da villa de Algodre, bispado de Vizêo, e de sua mulher Maria da Silva (22). A dita D. Isabel da Silva Naves falleceu em 1735. (Cart. supra, inventario n. 581 de D. Isabel da Silva.) E teve dois filhos.

4—1. Vicente Ferreira de Almeida, falleceu em 1735 e foi casado com D. Escholastica da Silva Bueno, filha do capitão Francisco Bueno da Fonseca e de sua mulher Margarida da Silva. E teve uma filha, D. Ignacia de Loyola, que foi para Goyazes com seus pais.

4—2. D. Maria de Almeida Lara, que existe no estado de viuva de seu marido e primo D. Francisco Taques Rendon. (Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º, nos netos do capitão-mór Pedro Taques de Almeida.)

(21) Em titulo de Bicudos, cap. 5º § 3.º Cart. de orph. de Parn., inv. 387 de Vicente Gonçalves de Aguiar. O do capitão João Gonçalves de Aguiar, n. 210.

(22) Cart. de orph. de Parnahyba n. 108, inv. de João de Almeida Naves. O testamento que se abriu a 11 de Março de 1715.

3—2. D. Isabel de Lara (§ 6°), casou com Pedro Leme Ferreira. (Em titulo de Lemes.)

§ 7º

2—7. D. Magdalena Fernandes de Moraes (cap. 7°), foi casada com João Gomes. Falleceu a 18 de Junho de 1682 com testamento. (Cart. de orph. de Parn. inv. n. 308.) Sem geração.

§ 8º

2—8. Ignacio de Almeida Lara (cap. 7º), falleceu com testamento a 31 de Agosto de 1699: foi casado com D. Isabel Domingues Paes, filha de Martim Garcia Lumbria, capitão-mór governador da capitania de Itanhaen em 1693, e de sua mulher D. Maria Domingues Paes. Sem geração.

§ 9º

2—9. D. Antonia de Almeida (cap. 7°), casou com Hieronimo Ferraz de Araujo. Sem geração.

§ 10

2—10. D. Maria de Almeida Lara (filha de D. Isabel de Lara do cap. 7°), casou com Jorge de Mattos, natural de S. Jorge em a ilha do Tôpo, filho de João de Mattos, e de sua mulher Anna Francisca. Falleceu com testamento a 19 de Abril de 1659 (22). E teve filha unica, D. Susanna de Mattos, que falleceu menina.

§ 11

2—11. João (cap. 7°), falleceu de tenros annos.

(23) Cart. de orph. de Parnahyba, inv. n. 145, o de Jorge de Mattos.

CAPITULO VIII E ULTIMO

1—8. O P. Pedro de Lara e Moraes, clerigo de S. Pedro, passou-se para a Ilha Grande Angra dos Reis. N'ella descobriu pelos annos de 1647 os campos e terras de ge...na (*) em Mambiccoba, e pediu de sesmaria 4 leguas, dizendo na supplica que esperava de S. Paulo a seus pais com 4 genros cunhados d'elle, que eram Lourenço Castanho Taques, Luiz Castanho de Almeida, Tristão de Oliveira Gago e Francisco Martins Bonilha (Cart. da provedoria da fazenda real de S.Paulo, livro de sesmarias, n. 10, anno 1643, pag. 65), e lhe foram concedidas as ditas 4 leguas para o dito effeito. Porém nem os pais, nem os cunhados foram, e sómente seu irmão Joaquim de Lara foi ser morador da Ilha Grande, como já se disse no cap. 1.°

(*) Em consequencia da traça acha-se esta palavra inintelligivel.
(Nota da redacção.)

PRADOS

A nobre familia de Prados da capitania de S. Paulo é uma das mais antigas d'ella. O seu progenitor foi João do Prado, natural da praça de Olivença na provincia do Alemtejo em Portugal, onde a nobreza d'esta familia é bem conhecida. Foi um dos nobres povoadores da villa de S. Vicente, a qual fundou pelos annos de 1531 o seu donatario Martim Affonso de Sousa, vindo em pessoa no dito anno, e trouxe para isso navios com todos os petrechos de guerra para a conquista dos gentios barbaros, e muitos e nobres povoadores por mercê do Sr. D. João III, e por este principe feito capitão-mór governador das terras do Brasil, para o dito Martim Affonso de Sousa as poder repartir de sesmarias com as pessoas que comsigo trazia, para as povoarem, como se vê da sua carta patente datada na villa do Crato a 20 de Novembro de 1530 annos, registrada no cartorio da provedoria da fazenda real da capitania de S. Paulo, livro 1° de sesmarias, tit. 1554 pag. 42 e 102. Trouxe este fidalgo varios homens de fôro, e cavalleiros da ordem de Christo, sendo entre elles os mais estimados Luiz de Góes, casado com D. Catharina, e seus irmãos Pedro de Góes, que depois foi capitão-mór de armada pelos annos de 1553 e falleceu em S. Paulo,e Gabriel de Góes todos com fôro de fidalgos; Domingos Leitão, casado com uma filha do dito Luiz de Góes ; Braz Cubas, cavalleiro fidalgo e primeiro alcaide-mór da villa de Santos, e seu povoador, que depois foi provedor da fazenda real, capitão-mór, governador e ouvidor da capitania de S. Vicente, e seu filho Pedro Cubas, moço da camara de el-rei, que tambem foi provedor da fazenda e capitão-mór governador, e ouvidor da dita capitania ; e o dito Braz Cubas teve mais tres irmãos, que todos eram naturaes da cidade do Porto ; e foram Gonçalo Nunes Cubas,

Antonio Cubas e Francisco Nunes Cubas, moradores da villa de Santos; Ruy Pinto, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, casado com D. Anna Pires Missel; e seus irmãos Antonio Pinto e Francisco Pinto; Nicoláo de Azevedo, fidalgo da casa real, casado com D. Isabel Pinto, irmã de Ruy Pinto, de Antonio Pinto e Francisco Pinto, que todos foram filhos de Francisco Pinto, fidalgo da casa real, que ainda existia em Lisboa no anno de 1550, quando por escriptura vendeu aos allemães Erasmo Esquert e João Visnet as terras que em S. Vicente tinham ficado por morte de seu filho Ruy Pinto, e eram as da fazenda e engenho de S. Jorge (que depois tomou o nome dos allemães, chamando-se S. Jorge dos Erasmos), que havia fundado com o governador Martim Affonso de Sousa. Vieram tambem com este fidalgo para S. Vicente João Ramalho, que tinha o fôro de cavalleiro (fundador da povoação de Santo André de Borda do Campo, que depois se acclamou villa em 8 de Abril de 1553, sendo o dito Ramalho alcaide-mór e guarda-mór d'esta povoação), e sua irmã Joanna Ramalho, mulher de Jorge Ferreira, cavalleiro fidalgo, que foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente pelos annos de 1556: Jorge Pires, cavalleiro fidalgo, João Pires, o Gago de alcunha, Pedro Vicente e sua mulher Maria de Faria, Pedro Colaço, e outros muitos, e nobres povoadores de S. Vicente; e João do Prado, em quem principiamos este titulo de Prados.

Na villa de S. Vicente casou João do Prado com Felippa Vicente, filha do povoador Pedro Vicente e de sua mulher Maria de Faria, os quaes em 1554 eram lavradores de grandes cannaviaes com partido no engenho de assucar de S. Jorge dos Erasmos, e no dito anno venderam umas terras e seus cannaviaes a Pedro Rodrigues, as quaes terras já as possuiam em 1546. (Cart. da provedoria da fazenda real,

livro da sesmarias, tit. 1º pag. 122 v.) Passou-se o dito João de Prado com sua mulher Felippa Vicente para S. Paulo, onde se estabeleceram com muitos indios, que no sertão conquistou João do Prado. Foi da governança da republica e serviu todos os honrosos cargos d'ella, e de juiz ordinario muitas vezes, como foi no anno de 1588, 1592, e consta dos livros da camara de S. Paulo e no caderno de registros, 1583 fl. 7.

Tendo feito o seu testamento no anno de 1594 entrou para o sertão interessado em maior numero de indios que queria conquistar n'este mesmo anno, em que contra os barbaros indios da nação *Carijó*, que tinham vindo pôr em cerco aos moradores da villa de S. Paulo, formou exercito, e foi em pessoa ao sertão contra estes inimigos Jorge Corrêa, moço da camara de el-rei, capitão-mór governador da capitania de S. Vicente. Falleceu João do Prado no arraial do capitão-mór João Pereira de Sousa Botafogo, em Fevereiro de 1597. Em S. Paulo falleceu sua mulher Filippa Vicente com testamento a 27 de Junho de 1627; e no inventario feito dos bens para partilha dos filhos e herdeiros consta a fl. 18 que João do Prado e Filippa Vicente eram pessoas honradas e nobres. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra I, n. 13, o de João do Prado, etc. maço 2º letra F, n. 50 o de Filippa Vicente). Este João do Prado teve no Rio de Janeiro uma prima, chamada Clara Martins, que deixou nobre descendencia. E teve, como consta dos inventarios supracitados onze filhos.

Cap. 1º.— Isabel do Prado.
Cap. 2º.— Helena do Prado.
Cap. 3.º— Domingos do Prado.
Cap. 4.º— João do Prado.
Cap. 5.º— Catharina do Prado.
Cap. 6.º— Felippa Vicente do Prado.

Cap. 7.º— Maria do Prado.
Cap. 8.º— Martim do Prado.
Cap. 9.º— Pedro do Prado.
Cap. 10.— Anna Maria do Prado. Falleceu solteira.
Cap. 11.— Clara. Falleceu solteira.

Teve fóra do matrimonio um filho mamaluco, chamado Domingos do Prado, que na matriz de S. Paulo casou em 1816 com Filippa Leme, filha bastarda do grande Pedro Vaz de Barros, chamado pelo idioma brasilico Pero Váguassú. E falleceu esta Filippa Leme com testamento em S. Paulo a 20 de Novembro de 1636. E teve cinco filhos, como se vê do inventario de orphãos, letra F, maço 3º n. 3.

CAPITULO I

1—1. Isabel do Prado, natural de S. Vicente, casou em S. Paulo com Paschoal Leite Furtado, natural da ilha de Santa Maria dos Açores, filho de Gonçalo Martins Leite, e de sua mulher D. Maria da Silva. Este Paschoal Leite veiu em serviços da corôa as Minas de S. Vicente em 1599 com D. Francisco de Sousa, setimo governador geral do Estado do Brasil, que n'este anno veiu da Bahia, e chegou a S. Paulo, onde residiu até 1602, em que chegou á Bahia o seu successor Diogo Botelho, oitavo governador geral do Estado, despachado por el-rei D. Philippe III de Castella, e II de Portugal. Depois em 1609 chegou a S. Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, feito governador administrador geral das minas das capitanias do Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente, com mercê de marquez das minas com 30 tt^{os} de juro e herdade. Se as minas, que descubrisse rendessem cada anno para o real erario 500 tt^{es}, e nada conseguiu, porque em S. Paulo falleceu a 10 de Junho de 1611. Porém no anno de 1670 se verificou o titulo de mar

quez das Minas em seu neto D. Francisco de Sousa 1º marquez das Minas e terceiro conde do Prado por carta de el-rei D. Affonso VI passada em 7 de Janeiro do mesmo anno de 1670.

Este Paschoal Leite Furtado foi irmão direito de Catharina Furtado Leite, mulher de Sebastião de Andrade, o qual foi irmão de Francisco de Andrade, pai do Exm. bispo do Rio de Janeiro D. Francisco de S. Jeronymo. E pelo brazão de armas passado aos padres Gaspar de Andrade Columbreiro e Francisco de Andrade a 23 de Janeiro de 1707 pelo rei d'armas principal Manoel Leal, sendo escrivão da nobreza José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, e registrado na camara de S. Paulo no liv. 5º de registro geral, se mostra que por seu pai Gonçalo Martins Leite foi o dito Paschoal Leite neto de Jorge Furtado de Sousa, fidalgo da casa real, e de sua mulher Catharina Nunes Velha; e por ella bisneta de Isabel Nunes Velha, e de seu marido Fernão Vaz Pacheco; terneto de Nuno Velho (irmão de Ruy de Mello, que foi estribeiro-mór de el-rei D. João II), e de sua mulher Africa Annes, que era viuva de Jorge Velho. Quarto neto de D. Violante Cabral, e de seu marido Diogo Gonçalves de Travassos, que foi vedor do infante D. Pedro, regente do reino de Portugal, com quem se achou na batalha e tomada de Ceuta; e foi do conselho de el-rei D. Affonso V e tanto seu privado, que na sua doença foi visitado de el-rei em pessoa; e jaz sepultado no convento da Batalha á porta da capella dos reis com a letra D sobre sua sepultura por ordem do mesmo rei. Quinto neto de D. Maria Alves Cabral, e de seu marido Fernão Velho, e sexto neto do Sr. de Belmonte. Todo o referido consta melhor do dito brazão supra indicado; e o mesmo contexto se lê com mais diffusa noticia no padre Cordeiro; *Historia Insulana*, impressa em Lisboa em 1717. Em S. Paulo falleceu Paschoal Leite Fur-

tado com testamento a 4 de Maio de 1614 na sua fazenda do sitio de Pinheiros. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1° de inv. letra P, n. 3, o de Paschoal Leite.) E teve oito filhos naturaes de S. Paulo.

§ 1°

2—1. Isabel do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 19 de Abril de 1635 com Francisco Leal, natural da Ilha Terceira, filho de Manoel Lopes Leal, e de sua mulher Catharina Neto. Sem geração.

§ 2°

2—2. Paschoal Leite Furtado, casou na matriz de S. Paulo a 12 de Outubro de 1539 com Mecia da Cunha, filha de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher Maria de Freitas. Com geração. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1° § 1.°

§ 3°

2—3. Isabel do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Abril de 1640 com Pedro Dias de Castilho (filho de Manoel Lourenço Valença, e de sua mulher Anna de Castilho), natural da villa da Victoria da capitania do Espirito-Santo, e falleceu em Parnahyba com testamento no 1° de Setembro de 1675. (Cart. de orph. de Parnahyba, letra P. n. 256.) E teve dois filhos:

3—1. Anna de Castilho, mulher de Pedro Lopes de Lima.

3—2 Maria de Jesus.

§ 4°

2—4. Ursula Pedroso, casou tres vezes: primeira com João Nunes da Silva, que falleceu em S. Paulo em 1639; segunda

com Alberto Sobrinho, natural da villa de Santos (em titulo de Annes, cap. 2° § 2°: terceira vez casou aos 17 de Junho de 1643 com João Guerra Branco, natural da villa de Vianna, filho de Gonçalo da Guerra, e de sua mulher Branca Dias Maciel. Sem geração. Do primeiro matrimonio teve quatro filhos (1) e do segundo um filho.

3—1. Isabel Nunes da Silva, casou na matriz de S. Paulo a 2 de Março de 1642 com Estevão Ribeiro, filho de Balthazar Ribeiro, e de sua mulher Margarida Cançada.

3—2. Antonio.
3—3. João.
3—4. Maria.
3—5. Alberto Sobrinho.

§ 5°

2—5. Potencia Leite, casou com Antonio Rodrigues de Miranda, natural da cidade de Lamego e tronco da familia do seu appellido em S. Paulo. (Em titulo de Mirandas). Com geração.

§ 6°

2—6. Maria Leite, casou com Pedro Dias Paes Leme. (Em titulo de Lemes, cap. 5.° Com sua descendencia).

§ 7°

2—7. Paschoa Leite, falleceu sem geração em 14 de Junho de 1667, tendo sido casada com Gaspar Lopes Godim. (Cart. de orph. de Parn., inv. letra P. n. 185, o de Paschoa Leite.)

(1) Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1°, letra I. n. 32.

§ 8º

2—8. João Leite, falleceu com testamento em 8 de Abril de 1616, e foi casado com Ignez Pedroso (em titulo de Moreiras, n. 1 cap. 3º § 7); a qual viuvando casou com Thomé Martins (em titulo de Bonilhas, cap. 1º § 4º); e falleceu a mesma com testamento a 4 de Novembro de 1634; e foi irmã de Maria Moreira, mulher de Innocencio Preto. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 3 letra I n. 24, e n. 160, invent. de Ignez Pedroso.) E teve dois filhos.

3—1. Sebastião Pedroso Leite, casou na matriz de S. Paulo a 29 de Janeiro de 1631, com Maria Gonçalves (a qual depois casou segunda vez com Sebastião Martins, e terceira vez com Sebastião da Gama), filha de André Martins Bonilha e de sua mulher Justa Maciel. (Em titulo de Bonilhas, cap. 1º). Falleceu Sebastião Pedroso com testamento a 18 de Maio de 1698. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra S, n. 7, e cart. 1º de notas, maço de inventarios antigos, o de Maria Gonçalves.) E teve dois filhos.

4—1. Antonio Pedroso Leite, falleceu com testamento a 30 de Junho de 1677, e foi casado com Catharina Dias (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 4º de inv. letra A, n. 29.) E teve cinco filhos:

5—1. José Pedroso Leite.
5—2. Maria.
5—3. Ignez Pedroso.
5—4. Timotheo.
5—5. Catharina.

4—2. Manoel Pedroso Leite, falleceu. Sem geração.

3—2. João Leite, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Janeiro de 1636 com Antonia Gonçalves (depois foi viuva de João da Costa Leal), natural de S. Paulo, filha de Fran-

cisco Jorge, e de sua mulher Isabel Rodrigues. (Em titulo de Bonilhas, cap. 3º no segundo casamento de Isabel Rodrigues com Francisco Jorge; e d'este Francisco Jorge, temos feito menção em titulo de Godoy, cap. 2º.) E teve naturaes de S. Paulo quatro filhos.

4—1. Isabel Pedroso, casou com Manoel Vieira Barros, nobre cidadão e natural de S. Paulo, estando viuvo de sua primeira mulher Anna Dias, filho de Domingos Machado, natural da Ilha Terceira (filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Antonia Machado de Toledo, neto por parte paterna de Sebastião Vieira e de sua mulher Joanna Jacome, em titulo de Vieiras da Ilha Terceira. E pela materna neto de Gonçalo de Toledo Machado, e de sua mulher Maria Fernandes, a rica: em titulo de Machados Toledos da Ilha Terceira), e de Catharina de Barros, natural de S. Paulo. (Em titulo de Alvares de Sousa, de S. Paulo.) Falleceu dito Manoel Vieira de Barros com testamento a 21 de Abril de 1705, e se mandou sepultar no jazigo proprio, que como irmão da companhia lhe havia concedido por carta o Revm. padre provincial Alexandre de Gusmão, vindo de visita ao collegio de S. Paulo. Foi Manoel Vieira Barros quem com liberal piedade e devoção concorreu para a construção do recolhimento de Santa Theresa, que para accommodação da nobreza de S. Paulo idêou o Exm. D. José de Barros de Alarcão, 1º bispo da cidade do Rio de Janeiro, achando-se de visita em S. Paulo, largando tres moradas de casas que tinha no sitio, que se elegeu para o dito recolhimento, cuja custosa obra supposto teve por fundador o dito prelado, foi Manoel Vieira quem concorreu com a dadiva das suas tres moradas de casas; e para as mais despezas, que foram grandes e importaram cabedal. Soffreu Lourenço Castanho Taques, seu irmão o capitão-mór governador Pedro Taques, aos quaes fez concurso com uma certa porção de

dinheiro Diogo Rodrigues, que foi pai do honrado paulista Antonio Rodrigues de Medeiros, capitão dos cavalleiros de S. Paulo: n'este recolhimento entraram as filhas do dito Manoel Vieira Barros com grande consolação de seus pais, e applauso do fundador o Exm. bispo, havendo missa cantada e sermão no dia d'esta entrada com despeza grande pelos applausos d'este dia. E teve do seu matrimonio treze filhos (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1° de inv. letra M. n. 34 o de Manoel Vieira Barros), naturaes de S. Pedro.

5—1. Frei José Vieira, carmelita; occupou os cargos de prior em varias conventos e de visitador, e falleceu em S. Paulo em 1758.

5—2. Bento Vieira, foi clerigo presbytero de S. Pedro.

5—3. Antonio Pedroso Leite, casou com D.......(Em titulo de Raposos Silveiras, cap...

5—4. Maria Leite }
5—5. Theresa Vieira } Estas duas tomaram o habito no recolhimento de Santa Theresa, porém como com a morte do Exm.e Revm. fundador não passou a professo, veiu o recolhimento por falta de rendas a decahir totalmente da elevação com que tivéra principio o ingresso das primeiras recolhidas, servindo muito para a tal decadencia o fallecimento do fervoroso fundador Lourenço Castanho, até que Maria Leite e Theresa Vieira voltaram para o seculo, tendo n'elle o patrimonio das legitimas que herdaram por morte de seus pais.

5—6. Jorge, falleceu menino.

5—7. Leonor de Barros Vieira, falleceu solteira.

5—8. Francisca Leite de Barros, falleceu solteira.

5—9. Cordula Vieira, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Setembro de 1695, com Simão Pereira do Faro, filho de Francisco Pereira do Faro, e de sua mulher Anna de Oliveira. Sem geração.

5—10. Antonia Pedroso Vieira, casou a 29 de Outubro de 1699 com Manoel Ribeiro Leal, natural de Lisboa, freguezia de S. Julião, filho de Silvestre Dias Ribeiro e de Maria de Jesus, sua mulher. E teve dois filhos :

6—1. Francisco Ribeiro Leal.

6—2. Ignacio Ribeiro Leal.

5—11. Ursula Pedroso, falleceu solteira.

5—12. Ignacia de Barros, casou com Felix Sanches Barreto, natural de Lisboa, filho de Pedro Sanches e de sua mulher Maria Barreto, ambos de Lisboa (Camara episcopal da cidade de Marianna, autos *de genere* do padre Felix Sanches Barreto). E teve quatro filhos naturaes de S. Paulo:

6—1. O padre Felix Sanches Barreto, presbytero, morador no Serro do Frio em 1770.

6—2. Manoel Sanches Barreto, casou com D. Antonia Ignez de Almeida e Moura, filha do sargento-mór Domingos de Moura Miguel, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Beatriz Cardoso de Almeida natural da cidade da Bahia, com geração de quatro filhos ainda tenros.

6—3. Isabel Pedroso Leite casou em Taubaté a 20 de Janeiro de 1725 com João Paes Domingues, natural de Pindamonhangaba, filho de Manoel da Costa Leme, e de sua mulher Maria Paes Domingues e neto de Antonio Bicudo Leme, o Via-Sacra de alcunha. (Em titulo de Lemes, cap. 1° § 2°, ou em Bicudos, cap. 1° § 2°.) Com geração de dez filhos nascidos em Pindamonhangaba.

6—4. Pedro Sanches Barreto, falleceu solteiro.

5—13. Ignez Pedroso (ultima filha de Ignez Pedroso e Manoel Vieira Barros), casou a 5 de Novembro de 1695 com Thomé Rodrigues da Silva, que acabou em patente de sargento-mór dos auxiliares de S. Paulo, filho de Mathias Rodrigues Silva e de sua mulher Catharina d'Horta. (Em titulo

de Hortas, cap. 1º §.) Falleceu o sargento-mór Thomé Rodrigues com testamento a 26 de Setembro de 1743. E teve cinco filhos naturaes de S. Paulo. (Orph.de S. Paulo, maço 1º de inv. letra T. n. 11.)

6—1. O Revm. padre mestre frei Salvador Caetano de Horta, carmelita; falleceu em Lisboa.

6—2. O Revm. frei Bento Rodrigues de S. Angelo, carmelita, é presentado: ha muitos annos que existe feito descobridor de minas de ouro no sertão do Tibagy, onde descobriu perto da estrada dos Campos Geraes, faisqueiras de ouro de lavagem, e apparecendo diamantes, ficou prohibido o ingresso para estes descobrimentos, e se lhe pôz uma guarda de soldados infantes com um cabo commandante do presidio de Santos.

6—3. José Rodrigues da Silva Horta, casou por força de concsiencia com Rita da Silva, de quem já tinha antes do matrimonio varios filhos.

6—4. Frei Francisco de Santa Ignez, carmelita, foi repetidas vezes prior do convento de S. Paulo, onde deixou varias obras filhas do seu grande zelo e actividade. Estando definidor passou-se a residir na aldêa de Maruhiry do real padroado, onde fez construir um novo templo com bem proporcionada architectura em comprimento, largura e altura, seguindo-se um convento de sobrado com commodidades grandes para os Revms. que se ajuntam no dia da festa do orago da dita aldêa, Nossa Senhora da Escada, e para os Rev. visitadores ou Revms. provinciaes; porém antes de adornar o templo, e fazer levantar casas de taipa para vivenda dos indios em ruas, que já tinha destinado, acabou na mesma aldêa, de repente, e com não pequenas conjecturas de que fôra veneno introduzido em um crystel que lhe administrou um seu escravo, que o servia com apparencias

de fidelidade havia muitos annos. Jaz sepultado na casa do capitulo do convento de S. Paulo.

6—5. Catharina da Silva d'Horta, que falleceu de bexigas em 1769, foi casada com Francisco da Cunha Lobo, nobre cidadão de S.Paulo, que ainda existe em 1770, filho de..... (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—4 a n. 4—2, e seguintes.) Com doze filhos, que alli temos descriptos.

4—2. Paschoal Leite (filho do n. 3—2): falleceu menino.

4—3. Antonio Pedroso Leite, casou com Maria de Oliveira, natural de S. Paulo, irmã direita do coronel Antonio de Oliveira Leitão, que falleceu degolado em alto cadafalso na praça da Bahia. (Em titulo de Alvarengas, cap......)

Falleceu Antonio Pedroso Leite com testamento nas Minas-Geraes no anno de 1719. E teve cinco filhos naturaes deS. Paulo. (Cart. 1º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Antonio Pedroso Leite.)

5—1. Antonio Pedroso Leite, cidadão de S. Paulo, foi casado com Maria Paes Domingues, irmã de Manoel Cavalhero Lumbria, naturaes de S. Paulo, filho de Manoel Fernandes Cavalhero,natural de S. Paulo, morador no sitio de Tieté, que falleceu com testamento a 18 de Novembro de 1699, e de sua mulher Maria Paes Garcia, a qual casou segunda vez com João da Cunha Leme, neta por parte paterna de José Cavalhero, natural de Castella, reino de Toledo, villa de S. Olaya do senhorio do conde de Astorga, e de sua mulher Isabel Fernandes, natural de S. Amaro; e pela materna neta de Martim Garcia Lumbria, natural de S. Paulo, que foi capitão-mór da capitania de Itanhaen pelos annos de 1693, a quem o Sr. rei D. Pedro II mandou escrever uma carta firmada do seu real punho datada em Lisboa a 20 de Outubro de 1698, e de sua mulher D.

Maria Domingues das Candêas. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 6° de inventarios, letra M. n. 58, o de Manoel Fernandes Cavalhero, casado com Maria Paes Garcia .) E teve nove filhos naturaes de S. Paulo.

6—1. João Leite de Oliveira, morador em Goyazes, e casado com D. Escholastica Bueno filha do mestre de campo Antonio de Camargo Ortiz e Albuquerque. Em titulo de Camargos, cap. 7° §.)

6—2. Manoel Cavalhero Leite, cidadão de S. Paulo; tem occupado os honrosos cargos da republica: foi juiz ordinario em 1765, e é capitão de infantaria da ordenança do bairro do Tieté. Está casado com Mecia da Cunha, filha de Estevão da Cunha Abreu. Em titulo de Pires, cap. 6° §.)

6—3. Miguel Pedroso Leite, sahiu na recruta dos 200 soldados paulistas no anno de 1759 em capitão de infantaria, como temos referido em titulo de Rendons. Casou no Rio-Pardo com D. Innocencia Maria Pereira Pinto, filha do coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, e de D. Francisca Velloso de Fontoura. E tem quatro filhos:

7—1. Francisco de Paula Barreto Pereira Pinto.

7—2. Miguel Pinto Carneiro de Fontoura.

7—3. Antonio Pinto Carneiro de Fontoura.

7—4. Manoel Cavalhero Leite.

6—4. Maria Paes de Oliveira foi casada com Domingos Gomes Albernaz, natural de S. Amaro, filho de....

6—5. Antonio Pedroso de Oliveira, está casado com Anna Maria da Luz filha de Lourenço de Siqueira Preto, natural e cidadão de S. Paulo, e de Anna da Silva de Padilha.

6—6. José Paes, falleceu solteiro em Minas do Pilar em 1752.

6—7. Bento Paes, falleceu solteiro em Pilar.

6—8. Clara Domingues Pedroso, foi casada com José Innocencio de Aguirre. Sem geração.

6—9. Francisco, falleceu menino nas minas de Crixás da comarca de Villa-Boa de Goyazes.

5—2. Antonia de Oliveira Leite, casou em S. Paulo no 1° de Maio de 1695 com Francisco Rodrigues de Freitas, natural de Mogy das Cruzes (filho de André Rodrigues de Freitas, e de sua mulher Maria da Luz), o qual falleceu a 20 de Julho de 1743. (Residuo ecclesiastico, testamentos, maço 7° letra F.) E teve

6—1. Francisco.

6—2. Josepha Rodrigues, mulher de Manoel da Cunha, e segunda vez de João Machado Castanho.

6—3. Maria .... casada primeira vez com Antonio de Alcaçova, ou Alcovia, e segunda com Manoel da Maya.

5—3. Anna de Oliveira, casou em S. Paulo a 21 de Fevereiro de 1700 com Vasco da Motta Cavalcanti, natural da villa de Mogy das Cruzes, filho de Antonio da Motta Cavalcanti e de sua mulher Maria Fragoso de Mattos. Em Mogy falleceu Antonio da Motta Cavalcanti a 10 de Dezembro de 1696. (Orphãos de Mogy, inventario letra A. n. 16.) E teve

6—1. João Leite de Moraes, que foi casado com D. Maria de Lara em S. Paulo, filha do sargento-mór Simão de Toledo de Castelhanos.) Em titulo de Taques Pompêos cap. 3° §.

6—2. Manoel de Oliveira.

5—4. Francisca Leite casou com Manoel de Azambuja, natural do Rio de Janeiro, filho de Manoel de Azambuja, e de sua mulher N., que elle matou, e se passou para S. Paulo d'este homicidio; por cujo crime veiu a ser preso pelo desembargador Antonio Luiz Peleja, 1° ouvidor geral

e corregedor de S. Paulo. E teve filhos naturaes de S. Paulo.

6—1. Manoel de Azambuja, falleceu solteiro no Rio Grande do Sul.

6 — 2. Erancisco Xavier de Azambuja, falleceu no Rio-Pardo em 1769, estando alli casado com.... Foi capitão da cavallaria auxiliar do districto da freguezia nova do Bom-Jesus, em cujo posto fez muitos serviços a Sua Magestade com grande respeito e affecto do povo. Viveu abundante com a sua grande fazenda de gados, que tem no mesmo districto, e deixou numerosa successão.

5—5. Ignez Pedroso de Oliveira, foi casada com Domingos Coelho Barradas, natural e cidadão de S. Paulo. Foi capitão da ordenança do bairro de Cahaguassú, e falleceu com testamento em S. Paulo, e n'elle declarou a sua naturalidade, e que era filho de Domingos Coelho Barradas e de sua mulher Custodia Gonçalves, Em titulo de Alvares Sousas, cap. 7°). E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

6—1. Antonio Coelho, casou com Maria de Godoy Cardoso, irmã direita de João de Godoy Pinto e Silveira, filha de Francisco de Godoy Preto, cidadão de S. Paulo, guarda-mór das minas da Papuãa, arraial do Pilar, e seu descobridor, na comarca de Villa-Boa de Goyazes, e de sua mulher D......... Cardoso.

6—2. Frei Manoel de S. Ignez, religioso franciscano, correu as Indias de Hespanha e foi vigario na cidade do Cusco: falleceu em S. Paulo.

6—3. José, falleceu solteiro nas Indias de Hespanha, indo de S. Paulo na companhia do irmão.

6—4. Philippa, casou com José Pereira de Oliveira, natural de S. Paulo, filho de Manoel João de Oliveira. Em titulo de Moraes.

6—5. Escholastica....... casada com Domingos de Almeida Ramos, natural da villa de Mogy das Cruzes, filho de Domingos de Almeida Ramos, que falleceu na mesma villa a 4 de Novembro de 1755, natural do lugar lo Landoal, termo da villa de Obidos (filho de Manoel Ramos, e de sua mulher Catharina de Almeida), e de sua mulher Barbara Corrêa, natural de Mogy, que tambem são os pais do padre Marcello de Almeida Ramos, clerigo de S. Pedro.

6—6. Theresa de Jesus, foi casada com Philippe Corrêa Quintana, natural da villa de Santos e cidadão de S. Paulo, capitão da ordenança do bairro de S. Miguel, filho de Philippe Corrêa Quintana, alferes de infanteria do presidio de Santos. Falleceu do tiro que lhe deu por emboscada um N. de Avila, seu inimigo. Com geração.

4—4. Ignez Pedroso (filha ultima do n. 3—2, pag. 95) falleceu sem geração. Foi casada com Bartholomêo Fernandes de Faria, que, sendo preso quando já contava acima de 80 annos de idade, e remettido para a Bahia com o processo das culpas, que lhe resultaram de varias mortes, que mandou fazer por um *Carijó* da sua administração chamado Judêo de alcanha, antes da sentença acabou a vida na cadêa da Bahia, de bexigas. Este foi o Bartholomêo Fernandes de Faria, terror da villa de Jacarehy, em cujo termo foi morador muitos annos; e o que pôz aos moradores da villa de Santos cheios de um temor panico, quando baixou áquella villa com um troço de gente armada sem lhe embaraçar a resolução, que ia executar, como executou, o ser a villa de Santos um presidio fortificado de 4 companhias de infanteria paga, e ter n'aquella occasião por governador da praça e suas fortalezas ao mestre de campo José Monteiro de Mattos; porque o dito Faria posto em marcha chegou á villa de S. Vicente, e por ella se introduziu por terra em distancia de duas leguas com o seu troço,

valendo cada soldado, na estimação do seu commandante Bartholomêo Fernandes de Faria por muitos dos que na praça tinham o soldo do rei. Deu motivo para esta briosa, posto que indiscreta acção, o vexame, que soffriam, sem remedio, os moradores de serra acima; porque a ambição tinha convertido em negocio particular a venda do sal (que por estanco se dignou conceder a real piedade do Sr. rei D. João V em preço taxado de 1$280 por alqueire, por supplica que lhe haviam feito os mesmos moradores de serra acima pela camara capital de S. Paulo), que tinha chegado ao excesso de pedir o contratador por cada um alqueire 20$, affectando que do reino lhe tinha faltado a providencia annual d'este genero. Porém constando a Bartholomêo Fernandes que tudo era dissimulação no contratador, que,protegido dos magnates da villa de Santos, estava praticando com liberdade esta insolencia debaixo dos seguros de lhe não ser castigada a culpa, sendo tantas vezes requerida pelos da republica de S. Paulo, formou um corpo de armas, e baixou com elle na fórma referida á villa de Santos: chegado a ella tomou logo as casas dos armazens do sal; e mandando chamar o contratador do sal com o seguro da palavra de homem de bem de lhe não fazer minima offensa, e que só carecia da sua presença com os seus caixeiros para vêr a extracção do sal, e receber de cada um alqueire o seu taxado preço de 1$280, e porque d'esta quantia tem a fazenda real 400 rs. por consignação, que prometteram os povos de S. Paulo e suas villas para subsidio da infanteria da praça, mandou aviso ao provedor da mesma fazenda Thimoteo Corrêa de Góes para mandar para os portos dos armazens do sal o fiel recebedor dos 400 rs. de cada alqueire. Estando tudo assim disposto com grande tranquillidade de espirito,occupou Bartholomêo Fernandes a rua onde existiam os ditos armazens, cujas

portas fez abrir, e por medida que tinham os mesmos fez extrahir e evacuar o sal, que entendeu necessario para fornecimento dos povos de serra acima, que havia mezes supportavam a barbaridade da ambição do dito contratador, pagando-se (dentro dos mesmos armazens), o sal que para fóra se tirava, e os 400 rs. de cada alqueire alli mesmo recebeu o fiel da fazenda real, sem que esta, ou o contratador recebesse prejuizo por diminuição de um só real. Para conducção do genero que deu causa a esta liberdade e despotismo, havia Bartholomêo Fernandes de Faria disposto uma multidão de *Carijós*, a cujas costas se conduziu todo o sal, e com cavallos de cargas, que para o mesmo fim os fez ir em sua companhia, o que tudo augmentou tanto o troço da gente armada, que avultava a um pé de exercito, que para praça tão pequena; e seus nacionaes sem terem occasião de verem cavallos, que ainda então os não havia n'aquelle rocio, menos corpo sobrava para o temor, e para a admiração. Executado este lance sem outro algum procedimento de maldade, que costuma obrar qualquer corpo auxiliado do despotismo, se retirou Bartholomêo Fernandes de Faria pelo mesmo caminho de terra da villa de S. Vicente; e porque n'esta estrada ha uma ponte chamada de S. Jorge, tanto que teve toda a gente assim de armas, como de cargas e bestas, posta de outra parte da dita ponte com accordo de soldado esperto, mandou deital-a abaixo, acautelando-se assim para passar a noite em socego, se na sua retaguarda tocasse alarma a infanteria da praça para o atacarem dentro da villa de S. Vicente, em marcha para S. Paulo até o sitio chamado do Cubatão. Não foi esta advertencia de pequena consequencia, porque, resolvendo-se os da praça a seguirem a Bartholomêo Fernandes para castigarem a ousadia, chegando as tropas ao passo de S. Jorge, o acharam sem ponte, a qual se não podia fabri-

car em breves horas; e por este impedimento retrocedeu para Santos sem mais acção, que haverem intentado o despique por desafogo. Socegados os animos do primeiro susto e horror, que causou a liberdade de Bartholomêo Fernandes entrando com corpo armado na praça de Santos, houve acção de graças por ficarem os moradores livres de um potentado, de quem receiaram hostilidades, roubos, e outras insolencias, que costuma praticar qualquer corpo tumultuoso, e sem disciplina regular. Foi a acção de graças celebrada na igreja do collegio dos PP. jesuitas da praça de Santos, e houve no fim do *Te-Deum* um sermão, que se dedicou, para o prélo, ao mestre de campo governador José Monteiro de Mattos. Nós tivemos o gosto de vêr este papel; porém como nos falta a lição para termos voto de o applaudir ou criticar, só fizemos conceito, que sahindo ao mundo pela publicidade da imprensa, não faltaria quem reputasse primeira satyra, que sermão adornado de textos sagrados, por uma acção, que mais accusava o terror panico dos moradores de Santos, que a força das armas do despotico Bartholomêo Fernandes de Faria. Deixou n'esta acção estampado o seu nome, que em todo o tempo seria recommendavel se o não manchára com a nota indesculpavel de tantas mortes, que se executaram por seu auxilio e consentimento. Porém ainda que as não pagou por sentença da recta justiça, sempre por ella foi preso quando já os annos lhe aconselhavam o retiro, em que se achava para chorar peccados em um quasi deserto da praia da villa da Conceição de Itanhaen, dentro de uma pequena cabana de palha; e conduzido em ferros para a cadêa de Santos, d'ella o embarcaram para a cidade da Bahia, onde, como temos referido, acabou de bexigas. Como a pobreza era summa, logo que expirou, sahiu o padre provedor dos presos, que sempre foi este emprego de religioso jesuita,

a pedir esmolas para a mortalha e bens da alma, e, não tendo passado de uma rua proxima á cadêa da relação, se achou com tão avultada esmola, que passou de 800$, que todos lhe serviram para o enterramento e suffragios. Esta verdade se diffundiu em S. Paulo por cartas de alguns jesuitas escriptas a outros do collegio de S. Paulo.

CAPITULO II

1—2. Helena do Prado, casou com Pedro Leme, natural da villa de S. Vicente. (Em titulo de Lemes, cap. 1° com sua descendencia.)

CAPITULO III

1—3. Domingos do Prado, estudou no Rio de Janeiro em casa de sua tia Clara Martins. Foi jesuita; e, vindo para cantar missa no collegio de S. Paulo, falleceu entrevado. D'esta Clara Martins do Rio de Janeiro houve um jesuita N. Martins, que existia no collegio d'aquella cidade pelos annos de 1728.

CAPITULO IV

1—4. João do Prado, falleceu no sertão em 1616, estando casado com Maria da Silva de S. Paio, filha de Domingos Martins, a qual casou segunda vez com Sebastião Soares, natural de Portugal, que falleceu em 1630, (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra I. n.... e s. maço 1° n. 23. (E teve tres filhos.)

§ 1°

2—1. Joanna do Prado, casou na matriz de S. Paulo a

25 de Janeiro de 1632 com Antonio de Lima, natural de Ponte de Lima (filho de Simão Nunes Homem, e de sua mulher Isabel Rodel), que falleceu em 1648. (Cartorio de orphãos, maço 4° de inventarios letra A, n. 39.) E teve sete filhos.

3—1. Antonio de Lima do Prado, se habilitou *de genere* no anno de 1661.

3—2. João de Lima do Prado, falleceu na Atibaia em 16 de Dezembro de 1716. Casou com Maria de Siqueira de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap.....) Residuo da ouvidoria de S. Paulo, testamento de João de Lima do Prado, e cartorio de notas de S. Paulo, inventario de João de Lima do Prado.) E teve cinco filhos.

4—1. Antonio de Lima do Prado, que falleceu em S. Paulo com testamento em Julho de 1723 (Orphãos, maço 4º letra A, n. 27), casado com Maria Antunes. E teve tres filhos.

5—1. João de Lima do Prado.

5—2. Anna Maria.

5—3. Antonio de Lima do Prado, casou com Maria da Luz, filha de Gaspar Lopes de Medeiros, e de sua mulher Catharina Cortez.

4—2. João de Lima, que já era fallecido em 1706.

4—3. Pedro de Lima.

4—4. Joanna de Lima, mulher de Hyeronimo da Rocha Pimentel. (Em Camargos, cap. 8° § 3° n. 3—2.)

4—5. Mecia de Siqueira.

3—3. Pedro de Lima do Prado, que viuvando foi clerigo de S. Pedro; casou e teve a filha D. Anna de Lima do Prado, mulher do alcaide-mór José de Camargo Pimentel. (Em titulo de Camargos, cap. 4° § 2°.)

3—4. Manoel de Lima do Prado, casou com Anna Peres

Vidal de Siqueira, a qual falleceu a 12 de Março de 1719, e seu marido falleceu a 9 de Abril de 1715. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço n. 4 letra A. n. 26). E teve tres filhos.

4—1. João de Lima do Prado.

4—2. Maria de Lima do Prado, mulher de Bartholomêo Bueno de Azeredo (Em titulo de Camargos, cap. 7° § 1° n. 3—1.)

4—3. Maria de Lima do Prado, mulher de Luiz Barroso, natural e cidadão de S. Paulo, onde falleceu em 1695, e sua mulher falleceu a 16 de Abril de 1729. (Cart. 1° de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos o de Luiz Dias Barroso, e o de Maria de Lima do Prado; e tambem ouv. de S. Paulo maço dos residuos, o testamento de Maria de Lima); filho de João Barroso, natural de Portugal, e de sua mulher Catharina de Siqueira, irmã do Rev. Matheus Nunes de Siqueira; o que temos mostrado em titulo de Camargos, cap. 1° § 2° n. 3—9. E teve dois filhos :

5—1. Hyeronimo Dias Barroso, que falleceu em Mogy-Guassú, casado com...... Forquim.

5—2. Maria de Lima do Prado, mulher do capitão Fernando Lopes de Camargo, com geração. (Em titulo de Camargos, cap. 1° § 2° n. 3—9)

3—5. Domingos.

3—6. Maria.

3—7. Domingos.

§ 2°

2—2. Domingas da Silva, casou na matriz de S. Paulo a 25 de Janeiro de 1632 com André Bernaldes, filho de João Bernaldes e de sua mulher Helena Gonçalves. Sem geração.

§ 3º

2—3. João do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 20 de Outubro de 1635 com Maria de Chaves, filha de Antonio Lourenço e de sua mulher Marianna de Chaves. (Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º § 4º.) Com geração em dito titulo, e foram

3—1. João do Prado, que se passou para Taubaté, onde já morava em 1658.

3—2. Philippa do Prado, casou com João de Santa Maria, natural de Castella, que veiu a S. Paulo em 1609 feito secretario de D. Francisco de Sousa, governador administrador geral das minas, que falleceu em S. Paulo em Junho de 1611. (Cam. de S. Paulo, cad. de residuos, titulo 1607 pag. 33, e Cam. Episcopal, aut. *de genere* de Domingos de Camargo, que foi clerigo.) E teve :

4—». Marianna do Prado, mulher de Fernando de Camargo, o Tigre de alcunha. (Em titulo de Camargos, cap. 1º.) Deixou geração.

CAPITULO V

1—5. Catharina do Prado, natural da villa de S. Vicente, falleceu em S. Paulo com testamento a 17 de Maio de 1649, e foi casada com João Gago da Cunha, natural e cidadão de S. Paulo, que falleceu com testamento a 4 de Setembro de 1636. (Cart de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra C n. 10, e letra I, maço 3º n. 20), filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher...... (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 2.º) E teve doze filhos naturaes de S. Paulo.

§ 1º

2—1. Maria da Cunha, foi casada com Hyeronimo da Vei-

ga, nobre cidadão de S. Paulo, onde já era morador em 1638; irmão de Belchior da Veiga, que casando com Beatriz Camacho, falleceu sem filhos e sem testamento, por cuja razão ficou por seu herdeiro o dito Hyeronimo da Veiga (Cart. 2º de notas de S. Paulo, maço de justificação de Hyeronimo da Veiga), que falleceu a 2 de Dezembro de 1660, e sua mulher Maria da Cunha a 14 de Outubro de 1670. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra H. n. 10, e letra M. maço 1º n. 20.) Os ditos irmãos Veigas eram já moradores de S. Paulo em 1609. (Notas, liv. n. 27. 1609 fl. 10 v.) E teve quatorze filhos.

3—1. João da Veiga, falleceu solteiro.

3—2. Antonio da Veiga casou com Maria de Pinho, e teve tres filhos : João, Catharina e Ignez.

3—3. Balthazar da Costa da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo, onde serviu todos os cargos da republica, foi potentado em arcos, e abundante de suas lavouras de trigo e outros mantimentos, com grande criação de gados vaccuns. Falleceu a 24 de Agosto de 1700 (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra B. n. 5), e foi casado com Maria Bueno de Mendonça, que falleceu em 1709, filha de Amador Bueno e de sua mulher Margarida de Mendonça. (Em titulo de Buenos, cap. 1º § 2.º) E teve onze filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. Amador Bueno da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo onde, serviu todos os cargos da republica. Foi potentado em arcos, dos quaes teve numerosos indios da sua administração, e a sua fazenda era um populoso arraial. No anno de 1709 teve mercê de juiz de orphãos de S. Paulo pelo marquez de Cascaes, donatario da capitania de S. Vicente, de que tomou posse, e não exerceu o seu officio por fazer d'elle desistencia em camara, como abaixo fazemos menção. Foi casado com D. Martha de Miranda, filha de Bartholomêo da Cunha Gago (em titulo de Prados aqui, cap. 7º

§ 2º n. 3—3), nobre cidadão de S. Paulo que falleceu na villa de Taubaté com testamento a 31 de Janeiro de 1685 (Orph. de Taubaté, maço de inv. letra B. n. 10) e de sua mulher Maria Portes de El-Rei, natural da villa de Mogy Sant'Anna das Cruzes, filha do capitão João Portes de El-Rei, e de sua mulher Juliana Antunes (em titulo de Portes de El-Rei, cap 4.º) onde se verá a nobre ascendencia do capitão João Portes de El-Rei. Falleceu Amador Bueno no sertão do Rio-Pardo a 21 de Dezembro de 1719. E teve seis filhos, de que faremos menção no fim da digressão em que entramos por dar uma verdadeira noticia do levantamento que houve nas Minas-Geraes, que produziu ser em S. Paulo constituido este Amador Bueno em cabo-maior do exercito paulistano em 1709.

(O autor principiou a dar uma noção da origem da capitania de S. Vicente para entrar na historia dos descobrimentos das Minas do Brasil feitos pelos paulistas sem a menor despeza da fazenda real; porém não continuou e diz: « Aqui se ha de copiar o discurso chronologico, que tenho escripto dos descobrimentos do Brasil, desde o primeiro que se intentou em 1572 na Bahia sem effeito, até o ultimo de Goyazes em 1725 conseguido. » E, como o pouco que narra acha-se em outros titulos, deixei de copiar aqui por desnecessario.)

5—1. Bartholomeu Bueno da Cunha, falleceu nas minas do Pilar da Papuã, tendo gozado um grande respeito, estimação e cabedal grande, e foi casado em Taubaté a 11 de Agosto de 1726 com D. Francisca Barbosa de Lima, filha do brigadeiro Alexandre Barreto de Lima. (Em titulo de Moraes, cap. 3º § 1º n. 3—4: na descendencia de Gabriel Barbosa de Lima.) Com geração.

5—2. Balthazar da Cunha Bueno, foi coronel das ordenanças e guarda-mór das Minas, como temos tratado em

titulo de Camargos, cap. 8° § 3° n. 3—4 e seguintes até D. Maria Buena da Rocha, mulher do mesmo, com sua descendencia.

5—3. Francisco Homem de El-Rei.

5—4. Maria Portes de El-Rei, mulher de Pedro de Moraes da Cunha. (Em titulo de Moraes, cap. 1° § 5° n. 3—4 a n. 4—3 e seg. E em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1° § 4° n. 3—7 a n. 4—2, com sua descendencia.)

5—5. Maria Portes de El-Rei, foi casada com José Barbosa de Lima, irmão inteiro do brigadeiro Alexandre Barretode Lima, a cima n. 5—1. (Em titulo de Moraes, cap. 3° § 1° n. 3—4, na descendencia de Gabriel Barbosa.)

5—6. Maria de Miranda, casou com Estevão Raposo de Siqueira, d'este cap. 5° § 6° n. 3—2 a n. 4—2: adiante.)

4—2. Antonio Bueno (filho do n. 3—3) casou com....

4—3. Hyeronimo da Veiga. Vive. Se casou com Maria Moniz de Miranda: e teve a filha Catharina da Veiga de Onhate, que falleceu em Taubaté a 17 de Novembro de 1733, casada com Antonio Vieira da Cunha; e tiveram sete filhos. (Caz. 11 de Taubaté.)

4—4. Miguel Bueno da Veiga, casou com....

4—5. João da Veiga Bueno, casou com....

4—6. Balthasar da Veiga Bueno, foi casado com D. Anna Maria da Silveira, filha de D. Anna Maria da Silveira. (Em titulo de Raposos Silveiras, cap. 1° § 7°.) Deixou geração.

4—7. Catharina do Prado, casou com Lourenço Corrêa Paes.

4—8. Guilherme da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu os cargos da republica, e na matriz de S. Paulo a 2 de Maio de 1706 casou com Isabel de Sousa, filha de José de Sousa de Araujo e de sua mulher Paschoa Domingues. Guilherme da Veiga falleceu em S. Paulo a 19 de

Novembro de 1734. (Residuo ecclesiastico, testamentos, letra G. n. 3.) E teve dez filhos naturaes de S. Paulo.

5—1. Maria Buena, que foi casada com Antonio Corrêa Pires Barradas, que ainda existe, republicano de S. Paulo, natural de....E tem seis filhos, entre os quaes é o Rev. Antonio Bueno da Veiga, clerigo de S. Pedro: existe em Goyazes.

5—2. Bento de Sousa Bueno.

5—3. Escholastica Buena, beata carmelita, que primeiro esteve no recolhimento de Santa Theresa.

5—4. Antonio Bueno de Sousa, casou com D. Luzia Martins Bonilha, irmã do capitão, Salvador Martins Bonilha em titulo de Laras, e são pais de (Bonilhas, cap. 1° § 1° n. 3—1 a n. 4—7).

6—D. Maria da Encarnação, mulher do coronel Bartholomêo Bueno da Silva, e casou em Meia-Ponte a 20 de Agosto de 1767. (Em titulo de Lemes, cap. 5° § 5° n. 3—2.)

5—5. Isabel Buena de Sousa, beata no recolhimento de Santa Theresa.

5—6. Antonia Buena, que existe solteira no estado de celibato, que elegeu.

5—7. Balthazar da Veiga Bueno.

5—8. Margarida Buena, falleceu solteira.

5—9. Marianna Buena, casou com João Rodrigues do Prado, e foi para Minas-Geraes, onde casando segunda vez, não teve filhos.

5—10. José de Sousa, foi para Minas do Cuyabá, onde existe.

4—9. Maria da Veiga (filha do n. 3—3), foi casada com Estevão Sanches de Pontes, natural de S. Paulo e seu cidadão, que falleceu a 16 de Abril de 1686 ; filho de Estevão Sanches e de sua mulher Mecia Soares Corrêa. (Cartori

de orphãos de S. Paulo, maço 1° de inventarios letra E. n. 14), neto de Geraldo Corrêa Sardinha, natural da cidade de Braga, da rua do Corno, que falleceu em S. Paulo a 24 de Abril de 1668, e de sua mulher Maria Soares, que falleceu em S. Paulo a 10 de Março de 1671 (Cartorio de orphãos, maço 1° de inventarios letra G. n. 21 e maço 1° letra M. n. 1); bisneto de Francisco Corrêa, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Atanasia Sardinha, natural da cidade de Braga; e por sua avó Maria Soares, bisneto de João Soares, e de sua mulher Mecia Rodrigues. Estevão Sanches foi sargento-mór da leva de D. Rodrigo de Castel Blanco em 1681. E Maria da Veiga tambem casou com Manoel Vieira, como consta do inventario de sua mãi, letra M. n. 141. E teve de seu matrimonio com o dito Estevão Sancnes quatro filhos.

5—1. Maximiano.
5—2. João.
5—3. Estevão.
5—4. Catharina.

4—10. Maria da Cunha (filha do n. 3—3), casou com Luiz Corrêa de Lemos, o Alferes, e morador em S. Miguel. Em titulo de Moraes, cap. 3° § 2° n. 3—5 a n. 4—4, 5—3, com sete filhos.)

4—11. Margarida Buena da Veiga de Mendonça, casou na matriz de S. Paulo a 5 de Março de 1696 com Bartholomeu da Cunha Gago, natural da villa de Taubaté, que foi capitão-mór da tropa para o descobrimento de prata, ouro e pedras em 22 de Janeiro de 1680 (V. Taubaté fl. 2), filho de Bartholomeu da Cunha Gago, e de sua mulher Maria Portes d'El-Rei, os mesmos dos quaes notámos no n. 4—1. Falleceu Margarida Buena da Veiga em Taubaté com testamento a 27 de Setembro de 1741, sendo casada segunda vez com Manoel da Cruz, sem geração.

(Orphãos de Taubaté, inventarios, letra M. n. 2º e n. 35.) E Bartholomêo da Cunha Gago, falleceu em Taubaté a 9 de Dezembro de 1710. (Orphãos de Taubaté, letra B. n. 7.) E teve tres filhos.

5—1 Maria Portes da Cunha.
5—2. Antonio.
5—3. Francisca.

3—4. Hyeronimo da Veiga (filho do § 1º), casou com Maria Moniz de Miranda, que foi filha de José Corrêa Moniz, natural do Espirito-Santo, que falleceu em Taubaté a 19 de Maio de 1692, e de sua mulher Maria Collaça (orphãos de Taubaté, maço de inventarios letra I. n. 49), neta pela parte paterna de Christovão Moniz, e de Catharina Soares. Falleceu Hyeronimo da Veiga a 13 de Outubro de 1716. (Orphãos de Taubaté, letra H. n. 2.) E teve sete filhos.

4—1. Catharina de Onhatte, que em Taubaté casou a 14 de Novembro de 1697 com Antonio Vieira da Cunha, filho de Matheus Vieira da Cunha e de Beatriz Gonçalves.

4—2. Garcia Rodrigues.

4—3. Pio da Veiga Corrêa.

4—4. João Corrêa da Veiga, falleceu a 2 de Abril de 1759, casado com Maria Bicuda. (Orphãos de Taubaté, inventarios letra I. n. 62.) E teve

5—1. Antonia, mulher de Antonio Pereira da Costa.
5—2. Miguel Corrêa.
5—3. Maria.
5—4. Anna.... mulher de Francisco da Costa.
5—5. Ignacia.
5—6. Francisca..... mulher de Antonio da Costa.
5—7. Catharina.

4—5. Francisco Corrêa da Veiga. V. se casou com Martha de Miranda, pais de Maria Antunes, mulher de Pe-

dro Teixeira da Cunha.(Orphãos de Taubaté,letra M. n. 99).

4—6. Estacia da Veiga,mulher de Dyonisio Rodrigues do Prado.

4—7. Martha de Miranda, que era solteira em 1716 quando falleceu seu pai Hyeronimo da Veiga.

3—5. Belchior da Costa da Veiga (filho do § 1°).

3—6. Lourenço da Veiga, casou com Marianna Fragoso, e teve:

4—1. Maria Fragoso, que na matriz de Taubaté casou a 2 de Agosto de 1698 com Antonio Gonçalves, filho de Antonio Gonçalves e de sua mulher Maria Alves.

3—7. Gaspar, falleceu solteiro.

3—8. Estacia da Cunha (filha do § 1°), casou em S. Paulo a 16 de Janeiro de 1633 com Geraldo Corrêa, natural de S. Paulo,filho de Geraldo Corrêa Sardinha, natural da cidade de Braga da rua do Corno, e de sua mulher Maria Soares, os mesmos do n. retro 4—9. Falleceu Estacia da Veiga em S. Paulo com testamento a 19 de Outubro de 1674, e seu marido Geraldo Corrêa falleceu com testamento a 23 de Outubro de 1667. (Cartorio de orphãos, maço 1° de inventarios letra E. n. 7 e letra G. maço 1° n. 34.) E teve 10 filhos.

4—1. Isabel Corrêa da Veiga.

4—2. Maria Antunes, casou com Mathias de Oliveira.

4—3. Anna Soares, casou com Manoel Dofouros.

4—4. Mecia Corrêa da Veiga, casou com Jorge Velho, e teve: 5—1 Maria da Costa da Veiga, que a 8 de Outubro de 1699 casou em S. Paulo com Manoel da Costa de Azeredo n. 471.

4—5. Hyeronimo da Veiga.

4—6. João Corrêa, casou.

4—7. Antonio Corrêa.

4—8. Francisco Corrêa.
4—9. Manoel Corrêa.
4—10. Salvador.

3—9. Maria da Cunha (filha do § 1º), foi casada com Alvaro Gonçalves.

3—10. Philippa da Veiga, foi casada com Clemente Alvares e teve a filha

4.—Anna do Prado, que na matriz de S. Paulo casou a 27 de Junho de 1643 com Pedro Ribeiro, natural do Rio de Janeiro (filho de Pedro Ribeiro e de sua mulher Magdalena Fernandes); falleceu a 7 de Junho de 1665, com geração de seis filhos. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra P. n. 41.)

3—11. Catharina do Prado, casou duas vezes: a primeira com Manoel Borja, a segunda com Manoel Vareja.

3—12. Isabel da Cunha, foi casada com Pedro Gil. Ella falleceu em Taubaté com testamento a 4 de Abril de 1683. (Taubaté, inventarios letra I. n. 26.) E teve:

4—1. Domingas da Veiga, mulher do capitão Manoel Vieira Sarmento. V. se foi alcaide-mór.

4—2. Maria da Cunha.

4—3. Hyeronimo da Veiga.

3—13. Apolonia da Veiga, foi casada com o capitão Antonio Bicudo Leme.

3—14. Luzia da Veiga, foi casada com João de Siqueira, morador na freguezia da Conceição dos Guarulhos. E teve naturaes da Conceição:

4—1. João de Siqueira da Veiga, falleceu em Taubaté a 28 de Abril de 1722, casado com Margarida Bicuda, viuva de Domingos Gil. E não teve filhos. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra I. n. 57.)

§ 2º

2—2. Luzia da Cunha (filha do cap. 3º), foi casada com Domingos Rodrigues Velho, filho de Garcia Rodrigues e de Isabel Velho. (Em titulo de Garcias Velhos, cap. 9º.) E teve:

3—1. Catharina do Prado, casou em S. Paulo a 9 de Junho de 1642 com Manoel Nunes de Siqueira, filho de Antonio Nunes de Siqueira e de Maria Maciel. (Em titulo de Nunes Siqueiras, cap. 3º § 6º com seis filhos alli declarados.)

§ 3º

2—3. Antonia da Cunha, foi casada na matriz de S. Paulo a 3 de Julho de 1631 com João Ribeiro, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Estevão Ribeiro e de sua mulher Maria Missel. (Em titulo de Alvarengas, cap. 5º § 5º.)

§ 4º

2—4. Catharina do Prado, foi casada com Mathias Lopes, natural de S. Paulo (irmão de Zuzarte Lopes, de Antonio Lopes Medeiros, de Maria de Medeiros, mulher de Gonçalo da Costa Ferreira morador no Rio de Janeiro), filho de Mathias Lopes, o Velho, que falleceu com testamento a 25 de Maio de 1651, e de sua primeira mulher Catharina de Medeiros, que falleceu com testamento em 1629. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra C. n. 27 e maço 2º letra M. n. 46.) E teve:

3—1. Catharina do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Janeiro de 1682 com Estevão Ribeiro Martins, filho de Diogo Martins da Costa e de sua mulher D. Isabel Ribeira. (Em titulo de Alvarengas, cap. 5º § 1º n. 3—6.)

3—2. João Lopes de Medeiros, casou com Marianna da

Luz, sogros do capitão-mór Ligas Antonio Corrêa de Lemos, e foi João Lopes sargento-mór, e teve quatro filhos, e o filho....

§ 5°

2—5. Isabel da Cunha, casou primeira vez na matriz de S. Paulo a 30 de Março de 1636 com Gaspar Fernandes, filho de Gaspar Fernandes e de sua mulher Domingas Antunes, sem geração. Casou segunda vez com Manoel da Costa.

§ 6°

2—6. João do Prado da Cunha, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu todos os honrosos cargos da republica, falleceu com testamento a 10 de Março de 1695, casado com Mecia Raposo, irmã direita do coronel João Raposo Boccarro e de D. Maria Raposo, mulher de Antonio Raposo da Silveira, cavalleiro fidalgo, professo da ordem de S. Thiago, que foi capitão-mór, governador e ouvidor da capitania de S. Vicente, proprietario do officio de juiz de orphãos, que deu em dote a seu genro Salvador Cardoso de Almeida, e foram filhos de João Raposo Boccarro, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Anna Maria de Siqueira, e netos de Antonio Raposo, natural da cidade de Beja, que foi armado cavalleiro em 1600 em S. Paulo por D. Francisco da Sousa pela sua nobre qualidade e serviços, e de sua mulher D. Antolinna de Peralta, natural de Castella, com quem veiu a Santos na armada do general D. Diogo Flôres de Baldez. (Em titulo de Raposos Boccarros. Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2° de inventarios, letra I. n. 14.) E teve naturaes de S. Paulo quatorze filhos.

3—1. Antonio do Prado da Cunha, foi nobre cidadão de S. Paulo com grande respeito e veneração. No real serviço acompanhou o governador Fernão Dias Paes ao descobrimento das esmeraldas, e obrando n'esta conquista, como se esperava da sua pessoa, se fez distincto entre os mais, de sorte que pelos seus assignalados serviços foi promovido em mestre de campo (por D. Braz Balthazar da Silveira, governador e capitão-general da capitanias de S. Paulo e Minas em 2 de Outubro de 1713) do terço das minas de Pitangui; e no contexto d'esta carta patente se deve notar ibi: « Tendo consideração aos merecimentos e assignalados serviços do capitão dos auxiliares d'esta comarca Antonio do Prado da Cunha, obrados no posto de alferes e capitão de uma das companhias das que creou o governador Fernão Dias Paes para o descobrimento das esmeraldas e mais pedraria, em cuja diligencia andou oito annos, como consta das suas certidões, sustentando-se e aos seus escravos á sua custa, tolerando sempre com grande constancia as calamidades e trabalhos, que d'aquella expedição experimentaram, arriscando-se varias vezes nos encontros e pelejas que teve com os barbaros, em que se distinguiu sempre com singular valor e prudencia, com notorio e evidente perigo de sua vida, desprezando todos os que se lhe offereciam, só afim de que tivesse effeito o dito descobrimento. Sendo capitão dos auxiliares d'esta comarca acudiu promptamente á villa de Santos por andarem na costa seis navios francezes; e sendo mandado fornecer a fortaleza do Itapêmã, assistiu n'ella quarenta dias fazendo fachinas. Voltou a Santos quando os francezes tomaram o Rio de Janeiro, guarnecendo com a sua companhia a praia do Crasto com excessiva despeza da sua fazenda, por haver sustentado a sua companhia todo o tempo que alli se deteve. Nas minas de Pitangui des-

empenhou no posto de mestre de campo do terço d'ellas o grande conceito que tinha merecido ao sobredito general, obrando muitas e repetidas acções no real serviço com despeza da propria fazenda, de que foi opulento em cabedaes e escravatura, com lavras mineraes muito rendosas, das quaes extrahiu muita cópia de ouro. Casou na matriz de S. Paulo a 8 de Setembro de 1698 (tendo-se recolhido do descobrimento das esmeraldas no anno de 1681, em que falleceu o governador Fernão Dias Paes) com D. Maria Pires de Camargo, filha do potentado paulista Hyeronimo de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap. 5º § 1º com sua descendencia do filho unico, João do Prado de Camargo, que ainda existe n'este anno de 1769 morador em S. João da Atibaia.)

3—2. João do Prado da Cunha, nobre cidadão de S. Paulo, que occupou os honrosos cargos da republica com estimação, respeito e applauso; casou com Maria Paes, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 22 de Março de 1701, e era irmã de Salvador de Oliveira (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 4º de inventarios, letra M. n. 15), filha de Matheus de Siqueira de Mendonça, nobre cidadão e natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento em Junho de 1680 (irmão de Antonio de Siqueira de Mendonça) e de sua mulher D. Antonia Paes, que falleceu em 1688, natural da ilha de S. Sebastião (irmã direita de Estevão Raposo Boccarro, guarda-mór da marinha, e senhor do engenho chamado do Bairro, na dita ilha, de quem tratamos em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 3º n. 3—5. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 4º de inventarios, letra M. n. 39, e cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario, letra A. n. 339.) Este Matheus de Siqueira de Mendonça, marido de D. Antonia Paes, foi filho de Antonio de Siqueira de Mendonça, da nobre familia dos seus

appellidos. (Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. 1º § 2º n. 3—1.) E teve tres filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. Matheus de Siqueira de Mendonça, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu todos os cargos da republica; e foi juiz ordinario em 1746, em que no dia 8 de Dezembro fez a sua publica entrada o Exm. e Revm. D. Bernardo Rodrigues Nogueira, primeiro bispo de S. Paulo, e n'este acto soube o juiz ordinario Mendonça, desempenhar as obrigações de sua nobreza e cargo. Casou com Maria Barbosa de Lima, que ainda existe n'este anno de 1769, com geração. (Em titulo de Annes, cap. 7º § 4º n. 3—1 e seg.)

4—2. Estevão Raposo de Siqueira, foi casado com Maria de Miranda, filha do capitão-mór Amador Bueno da Veiga, n'este cap. 5º § 1º n. 3—1 a n. 4—1.

4—3. Mecia Raposo, foi casada com João da Cunha Portes de El-Rei.

3—3. Thomaz Gago Raposo, morador de S. Miguel e nobre cidadão de S. Paulo, casou na sua matriz a 20 de Abril de 1700 com Margarida de Siqueira, filha do capitão Francisco Cubas de Mendonça e de sua mulher Isabel de Ribeira da Luz. (Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. 1º na sua descendencia, e em titulo de Buenos, cap. 1º § 8º n. 3—3.) Falleceu Thomaz Gago Raposo com testamento a 9 de Novembro de 1745. (Cartorio de orphãos de S Paulo, maço 1º de inventarios letra T. n. 10.) E teve quatro filhos:

4—1. Thomaz Gago de Siqueira, casou na Conceição.

4—2. José Cubas do Prado, casou na Acutia com Maria de Camargo.

4—3. Francisco Cubas do Prado, casou na Conceição com . . . . filha de Gabriel Barbosa de Lima.

4—4. João do Prado de Siqueira, casou duas vezes.

3—4. Manoel do Prado de Siqueira, casou em S. Paulo

com Catharina Cubas de Siqueira, dispensados. E teve dois filhos.

4—1. João do Prado de Siqueira, casou em S. Paulo com Josepha Rodrigues Barbosa, filha de Antonio Rodrigues Lopes e Maria da Luz. (Em titulo de Rodrigues Lopes.) E teve cinco filhos:

5—1. Bartholomêo Rodrigues do Prado.

5—2. Catharina Rodrigues do Prado, falleceu solteira.

5—3. Escholastica Rodrigues do Prado, casada com Vicente Pimenta de Godoy.

5—4. Manoel de Siqueira Barbosa.

5—5. Margarida Rodrigues do Prado, casada com José Barbosa da Cunha.

4—2. Maria do Prado, que em 1773 existe no estado de celibato.

3—5. Francisco de Siqueira do Prado.

3—6. João Gago do Prado, casou em Mogy das Cruzes com.... filha do Berbozem, de alcunha. E teve filho unico:

4—1. João Domingues do Prado, fallecido em S. Miguel, casado com Maria de Siqueira, filha de Francisco de Barros Coelho.

3—7. Estevão Raposo Boccarro, falleceu solteiro com testamento a 30 de Março de 1748. (Residuo ecclesiastico, letra E.)

3—8. José do Prado, casou com Anna Barbosa de Lima. E teve quatro filhos.

4—1. José do Prado, existe casado na Conceição com.... filha de Rodrigo de Moraes.

4—2. Maria do Prado Barbosa, existe casada com Antonio de Camargo, natural de S. Paulo.

4—3. João do Prado, existe solteiro, soldado no Rio Pardo do Sul.

4—4. Domingos do Prado, existe solteiro, soldado como seu irmão.

3—9. Domingos do Prado.

3—10. Maria do Prado, casou com Estevão Gago da Camara.

3—11. Anna Maria de Siqueira, casou com Manoel da Motta.

3—12. Catharina do Prado, falleceu sem geração.

3—13. Mecia Raposo, foi beata franciscana.

3—14. Bartholomêo do Prado, casou com D. Lourença Corrêa de Araujo, natural de S Paulo. E teve só filha unica D. Antonia.

§ 7º

2—7. João Gago, foi nobre cidadão de S. Paulo e occupou todos os cargos da republica. Casou com Anna Pires, filha de João Pires e de sua mulher Mecia Rodrigues. (Em titulo de Pires, cap. 6º § 3º.)

§ 8º

2—8. Paula da Cunha, casou na matriz de S. Paulo a 7 de Janeiro de 1642 com Bernardo Sanches de La Pimenta Cabeça de Vacca, filho de Balthazar de Almeida e de sua mulher Petronilha de Freitas. Falleceu Paula da Cunha em a villa de Taubaté a 20 de Setembro de 1683. (Cartorio de orphãos de Taubaté, letra P, n. 22.) E teve filho unico:

3—1. Francisco de Almeida Gago, casou com Marianna do Prado, filha de Francisco Borges Rodriguès e de sua mulher Luzia Rodrigues do Prado. (Em o cap. 6º aqui, § 2º, n 3—2, a n. 4—2) Falleceu em Taubaté Francisco

Borges com testamento a 9 de Setembro de 1685, natural de S. Paulo, filho de Francisco Borges e de Helena Rodrigues. (Cartorio de orphãos de Taubaté, letra F, n. 8.) E Marianna do Prado falleceu em Taubaté, e se lhe fez inventario dos bens no anno de 1743. (Orphãos, letra M, n. 49.) E teve:

4—1. Francisco de Almeida Gago.

4—2. Luzia Rodrigues de Almeida, mulher de Balthazar do Rego Calheiros. Vide pag. 24 adiante n. 4—2.

4—3. Maria de Almeida, casou em Taubaté em 1696 com Francisco de Goes da Costa, filho de Domingos Gomes e Ignez Gonçalves.

4—4. Marianna de Almeida do Prado, casou em Taubaté a 14 de Março de 1703 com João de Figueiredo Telles, natural de Villar Maior, filho de Francisco de Figueiredo Telles e de Antonia da Fonseca.

4—5. Catharina de Almeida, mulher de Antonio Raposo Lima.

§ 9º

2—9. Anna da Cunha, falleceu em S. Paulo com testamento a 28 de Março de 1675 (Cartório de orphãos de S. Paulo, maço 5º, letra A, n. 18, inventario de Anna da Cunha, e nos mesmos autos appenso o de seu marido Antonio Paes): e foi casada com Antonio Paes, que falleceu no sertão no mesmo anno de 1675, natural de S. Paulo, filho de João Paes e de sua mulher Suzana Rodrigues, natural de S. Paulo, e por ella neto do capitão Martim Rodrigues Tenorio e de sua mulher Suzana Rodrigues, que primeiro tinha sido casada com Damião Simões. (Em titulo de Tenorios, cap. 1º.) E teve oito filhos.

3—1. João Gago Paes, paulista de muita veneração e

respeito; casado com D. Anna de Proença. (Em titulo de Taques Pompêos, cap, 3º, § 9º n. 3—7.) Com geração.

3—2. Martinho Paes.

3—3. Thomaz Rodrigues.

3—4. Catharina Rodrigues, mulher de João das Neves.

3—5. Suzana Rodrigues, mulher de José Domingues Pontes. (Em titulo de Pontes, cap. 1º, § 17.)

3—6. Maria Paes.

3—7. Paula da Cunha.

3—8. Josépha Paes, falleceu em S. Paulo com testamento a 29 de Abril de 1725. Casada com Domingos Luiz Bueno (Cartorio da Ouv. de S. Paulo, testamentos, o de Jasépha Paes). E teve dois filhos.

4—1. Anna da Cunha, mulher ou de João Rosado Pires, ou de João da Rocha de Mattos.

4—2. Margarida Bueno, mulher de um dos dois supra.

§ 10º

2—10. Joanna da Cunha, foi casada com....Rodrigues.

§ 11º

2—11. Philippa da Cunha, foi casada com Antonio Ferreira, que falleceu em S. Paulo com testamento em 1627, e sua mulher falleceu tambem no mesmo anno (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra A, n. 41). E teve unica filha:

3—1. Anna.

§ 12º

2—12. Thomaz, falleceu solteiro.

CAPITULO VI

1—6. Philippa Vicente do Prado, casou duas vezes; a primeira com Antonio Pereira de Avellar, que falleceu em 1602. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra A, n. 45.) E teve filho unico. Casou segunda vez com Luiz Furtado, irmão inteiro de Daniel Furtado, naturaes de Monsanto de Caminha, filhos de Simão Furtado e de sua mulher Catharina Luiz. Este Luiz Furtado, ficando viuvo de Philippa Vicente, que falleceu em 1615, casou com Cosma Mendes, e falleceu em S. Paulo com testamento a 22 de Maio de 1636. (Cartorio de orphãos, maço 1º de inventarios, letra L, n. 41.) E teve quatro filhos.

Primeiro matrimonio.

Paulo Pereira de Avellar... 1:

Segundo matrimonio.

Antonia Furtado ..... § 2.
Isabel Furtado....... § 3.
Luzia Furtado........ § 4.

§ 1º

2—1. Paulo Pereira de Avellar, casou na matriz de S. Paulo a 19 de Outubro de 1631 com Anna de Chaves, filha de Antonio Lourenço e de sua mulher Marianna de Chaves (Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º, § 3.º). Foi Paulo Pereira de Avellar cidadão de S. Paulo, e occupou todos os cargos da republica. Falleceu a 10 de Junho de 1647, e sua mulher falleceu em 11 de Agosto de 1655 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra P, n. 21; e nos mesmos autos o inventario de Anna de Chaves). E teve cinco filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. Antonio Pereira de Avellar, cidadão de S.

Paulo, falleceu com testamento a 22 de Novembro de 1697. Foi casado duas vezes: primeira com Maria Pedroso, filha de Antonio Pedroso de Freitas e de Clara Parenta (Em titulo de Freitas, cap. 6º, § 2º, ou em titulo de Dias Teve-riçás, cap. 2º, § 1º, n. 3—2.) Casou segunda vez dito Antonio Pereira com Isabel de Pontes. (Em titulo de Pontes); e falleceu sua primeira mulher Maria Pedroso a 22 de Janeiro de 1694. E teve do primeiro matrimonio oito filhos; e do segundo dois filhos.

4—1. Clara Pereira, casou duas vezes: primeira com Francisco Dias de Alvarenga, e segunda vez com José de Mongellos.

4—2. Catharina Pereira, casou duas vezes; primeira com Antonio Rodrigues; segunda ignoramos.

4—3. Isabel Pereira, casou com João de Siqueira.

4—4. Margarida Pereira, casou com João de Godoy Pires.

4—5. Antonio Pereira.

4—6. José Pereira.

4—7. Paulo Pereira.

4—8. Domingos Pereira.

Segundo matrimonio.

4—9. Roque Pereira Pontes.

4—10. Salvador Pereira Pontes.

3—2. Amador Pereira.

3—3. Paulo Pereira.

3—4. João Pereira de Avellar, foi casado com Maria Leme do Prado. (Em titulo de Lemes, cap. 2º, § 4º, n. 3—8.) Com geração alli.

3—5. Marianna de Chaves.

§ 2º

2—2. Antonia Furtado, casou com Francisco Rodrigues, que falleceu em 1652 (Orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra F. n. 20), filho de Affonso Pires Rodrigues, e de sua mulher Anna Affonso, como consta na camara episcopal autos *de genere* de Antonio Rodrigues maço 1º letra. A. n. 2. Porém o certo é que o dito Francisco Rodrigues era nacional do Ameixial da freguezia de Lanhoso, termo da villa de Vianna, porque em S. Paulo na nota do 1º cartorio no cad. n. 50 titulo 1624 pag. 28 o dito Francisco Rodrigues com sua mulher Antonia Furtado fez doação por escriptura dos bens, que tinha herdado por morte de seu pai Affonso Pires a Beatriz Affonso, alli moradora, para os gozar em sua vida sómente, e por sua morte tornarem a elles doadores. Em Taubaté falleceu Antonia Furtado com testamento a 4 de Agosto de 1672 (Cartorio de orph. de Taubaté maço de inv. letra A. n. 63). E teve nascidos em S. Paulo doze filhos.

3—1. Antonio Rodrigues, presbytero secular, foi morador de Taubaté, onde falleceu a 10 de Agosto de 1672. (Orph. de Taubaté inv. letra A. n. 66; e residuo ecclesiastico de S. Paulo, testamentos A. maço 1º n. 25.) Tendo sido vigario da matriz da mesma villa, e foram herdeiros do seu cabedal seus irmãos.

3—2. Luzia Rodrigues do Prado, falleceu com testamento a 28 de Maio de 1728 (Orph., inv. letra L. n. 7; e orph. de Guaratinguetá, letra L. n. 5): casou com Francisco Borges Rodrigues, natural de S. Paulo, irmão de Manoel Borges Cousseiro, que falleceu solteiro em Taubaté em 1680 (filhos de Francisco Borges e de sua mulher Helena Rodrigues), que primeiro tinha sido casado com Mecia Vaz, sem geração. Como tudo declarou no testamento com que

falleceu em Taubaté, onde foi morador, a 9 de Setembro de 1685. (Orph. de Taubaté, inv. letra F. n. 8.) E teve treze filhos naturaes de Taubaté.

4—1. Manoel Rodrigues do Prado, casou em Taubaté com Guiomar de Alvarenga em 169?, filha de Manoel Rodrigues Moreira e de sua mulher Maria Bicuda sem geração; falleceu Manoel Rodrigues do Prado em Guaratinguetá com testamento aos 24 de Dezembro de 1727, sem geração. (Guaratinguetá, inv. letra M. n. 25.)

4—2. Marianna do Prado, casou duas vezes; primeira com Francisco de Almeida Gago, de quem teve filhos; segunda, sendo já quinquagenaria, com Antonio Rodrigues sem geração. (Em Prados, cap. 5°, aqui § 8° n. 3 —1, alli os seus filhos.) Mas, como no n. 4—2 de Luzia Rodrigues não se disse tudo, aqui se ampliará sua descendencia com o n. 5—

5—». Luzia Rodrigues de Almeida, casou em Taubaté a 10 de Janeiro de 1694 com Balthazar do Rego Calheiros, natural de Guaratinguetá, filho de Antonio Raposo Barreto e de sua mulher Maria de Brito Leme. Falleceu o dito Balthazar em Taubaté com testamento a 2 de Novembro de 1735. (Orph. de Taubaté, inv. letra B. n. 9.) E Luzia Rodrigues falleceu com testamento a 8 de Março de 1756. (Orph., inv. letra L n. 8.) E teve.

6—1. Francisco Barbosa da Silva.
6—2. Marianna Barbosa, casou com Domingos Vaz Guedes.
6—3. Maria Barbosa, casou com Miguel Rodrigues de Faria ou com Garcia Rodrigues da Cunha.
6—4. Joanna Barbosa, casou com Ignacio Barbosa de Moraes.
6—5. Catharina da Silva, casou com José Corrêa Leme.

4—3. Domingos Rodrigues do Prado, falleceu com testamento a 28 de Fevereiro de 1717, e foi casado em

1706 com Maria de Todos os Santos, filha de Amaro Gil e Marianna de Freitas. (Livro dos casamentos de Taubaté).

4—4. Antonio Rodrigues.

4—5. Matheus Rodrigues.

4—6. José Rodrigues do Prado. falleceu em Guaritinguetá a 14 de Junho de 1748 com testamento, casou em Taubaté, de onde era natural, com Maria Sobrinha Antunes, filha de Francisco Corrêa da Veiga e de Martha de Miranda Antunes, como declara no mesmo testamento. E teve

5—1. Francisco.
5—2. Manoel.
5—3. João.
5—4. Domingos.
5—5. Anna.
5—6. Maria.
5—7. Antonia.
5—8. Martha.
5—9. Luzia.
5—10. Maria.

4—7. Salvador Rodrigues.

4—8. Miguel Rodrigues do Prado, falleceu em Taubaté com testamento a 14 de Janeiro de 1719, e foi casado com Maria de Madureira,e de sua mulher Joanna Cordeira. (Orph. de Taubaté, inv. n. 45.) E teve

5—1. Francisco.
5—2. Antonio.
5—3. Joanna.
5—4. Luzia.

4—9. João Rodrigues do Prado, casou em Taubaté a 12 de Junho de 1724 com Sebastiana Leite de Miranda, filha de Paschoal Leite de Miranda e de sua mulher Maria Pires. (Em Leites Mirandas, cap. 9º § 1º n. 3– 6.

4—10. Maria Rodrigues do Prado.

4—11. Antonia Furtado, falleceu em Taubaté com testamento a 30 de Dezembro de 1732; e foi casada duas vezes: primeira com João Delgado de Escobar, natural de S. Paulo, filho de Antonio Delgado de Escobar e de sua mulher Ignez Gonçalves, ambos naturaes de S. Paulo, o qual Antonio Delgado falleceu em Taubaté com testamento a 5 de Outubro de 1708. (Orph. de Taubaté, inv. letra A. n. 2 e n. 13.) E o dito João Delgado falleceu em Taubaté a 22 de Fevereiro de 1713. Neto por parte materna de Sebastião Gil o Velho, por alcunha o Villão, e de sua mulher Feliciana Dias. E pela paterna neto de Antonio Delgado de Escobar e de sua mulher Beatriz Ribeira ; como tudo consta do testamento já citado a 5 de Outubro de 1708. Em titulo de Dias Teveriçás, cap. 3º § 3º n. 3 – 3.) E teve dez filhos. Casou segunda vez dita Antonia Furtado com Affonso de Barros, de quem não teve filhos.

5—1. Antonio Delgado de Escobar.

5—2. João Delgado de Escobar, casou na matriz de Taubaté ao 1º de Novembro de 1747 com Theresa de Moraes, natural de S. Paulo, filha de Christovão da Cunha e de Maria de Moraes. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º n. 3 –7 em sua descendencia.)

5—3. Francisco de Siqueira Furtado, casou na matriz de Taubaté a 9 de Setembro de 1727 com Maria de Moraes da Cunha, filha de Christovão da Cunha e de sua mulher Maria de Moraes. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º n. 3—7 em sua descendencia.)

5—4. Raymundo Furtado.

5—5. Lourenço Rodrigues do Prado.

5—6. Luzia Rodrigues do Prado, casou com Salvador Esteves Leme natural de Itú, a 10 de Janeiro de 1705, filho de Francisco Leme e de sua mulher Isabel de Anhaya. Em titulo de Lemes, cap...)

5—7. Ignez Gonçalves, casou com Cypriano Corrêa.

5—8. Maria das Neves, casou com Antonio Soares Ferreira.

5—9. Antonia Furtado do Prado, falleceu em Taubaté, e se lhe fez inv. letra A. n. 10, e foi casada com Geraldo Cubas Ferreira a 12 de Maio de 1717, filho de Francisco Corrêa e de sua mulher Martha de Miranda. E teve sete filhos, que foram

6—1. João.
6—2. Francisco.
6—3. Martha.
6—4. Quiteria.
6—5. Antonio.
6—6. Domingos.
6—7. Anna.

5—10. Helena do Prado, casou em Taubaté a 8 de Outubro de 1727 com Antonio da Cunha Barros, filho de Christovão da Cunha e Maria de Moraes. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1° § 4° n. 3—7; em sua descendencia.)

4—12. Francisco Rodrigues do Prado, foi casado em S. Paulo com Catharina Dias, natural de S. Paulo, filha de Manoel Gonçalves Morgado e de sua mulher Catharina Dias, a qual tinha sido primeira vez casada com Antonio de Almeida de Miranda, como tratamos n'este titulo cap. 7° § 7° n. 3—2

4—13. Francisco Borges Rodrigues, casou com Anna Vaz Bicudo, filha de Antonio de Alvarenga e de sua mulher Maria Moreira. Elle falleceu com testamento a 22 de Abril de 1746, ella falleceu a 27 de Março de 1703. (Orph. de Taubaté, inv. A. maço 1° n. 40, e letra F. n. 24.) E tiveram tres filhos.

5—1. Isabel Bicudo do Prado, mulher de Matheus Vieira da Cunha.(Em titulo de Cunhas, cap. 1° § 1° n. 3—6 a n. 4—2.)

5—2. Antonio, falleceu solteiro.

5—3. Luzia Bicudo, casou com Manoel da Motta Paes (Inventarios de Guaritinguetá, letra L. n. 13); casou segunda vez dito Francisco Borges Rodrigues com Francisca Cordeiro da Costa. E teve tres filhos:

5—4. Francisca, casada com José do Rego.

5—5. João Borges do Prado, casou com Margarida Nunes Bicudo em Taubaté em 1730 a 8 de Janeiro, filha de Miguel Garcia Bicudo e de sua mulher Margarida de Siqueira.

5—6. Maria, casou com Matheus Leme da Costa.

3—3. Domingos Rodrigues do Prado, o Longo de alcunha, que teve sempre as redeas do governo civil de S. Paulo com grande respeito e veneração, falleceu em Taubaté a 9 de Maio de 1715 com testamento que fez de mão commum com sua mulher Violante Cardoso de Siqueira, fallecida a 27 de Maio de 1721, natural tambem de S. Paulo, filha do capitão Pedro Gil, e de sua mulher Violante de Siqueira (2). Esta falleceu em Taubaté em 1656, e aquelle na mesma parte a 14 de Outubro de 1668, e foi filho de Sebastião Gil, chamado o Villão, natural de S. João da Foz, e de sua mulher Feliciana Dias, natural de S. Paulo, filha do leigo Pedro Dias e de sua mulher Antonia Gomes da Silva, natural de Braga, que a S. Paulo veiu solteira com seus pais Pedro Gomes Affonso e Maria da Silva, ambos naturaes de Braga. (Em tit. de Dias.) E teve filhos.

4—1. Domingos Rodrigues do Prado, assistiu nas minas de Pitangui, onde se fez poderoso com o grosso cabedal que extrahiu de suas lavras mineraes com o numero grande de escravos que teve até o anno de 1720, em que se reti-

(2) Orphãos, inventarios, D. n. 14 e V. n. 2.

rou por não romper com o ouvidor de villa real do Sabará, o Dr. Bernardo Pereira de Gusmão, que havia sahido acompanhado de 20 soldados a prender ao dito Domingos Rodrigues, que sendo potentado em armas, temeu o ouvidor entrar em Pitangui; e Prado se retirou para dar a conhecer que não era regulo, para que com o poder e força das armas impedisse a entrada de um ministro regio, que vinha a devassar de varias mortes acontecidas no Pitangui por aquelles tempos, e o dito Dr. ouvidor para entrar n'esta diligencia se preveniu com contas que deu a Sua Magestade em 6 e 8 de Janeiro de 1720, dizendo ser o Pitangui da sua jurisdicção. Entrou Domingos Rodrigues do Prado para as minas dos Goyazes depois de descobertas por seu sogro e cunhado o capitão-mór Bartholomêo Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortiz em 1725. N'ellas tambem extrahiu um grosso cabedal de oitavas de ouro. Retirou-se para a estrada geral de Goyazes a S. Paulo, e, fazendo assento em o sitio além do rio Parnahyba, succedeu chegar a esta fazenda (vinha de retirada de Goyazes para a praça de Santos) o capitão de infanteria...... com a sua companhia de 50 soldados infantes do presidio da villa de Santos, e sendo o dito capitão arrogante por natureza e opposto por inclinação aos filhos do Brasil, descomedindo-se nas palavras e tratamento com Domingos Rodrigues do Prado sobre não ter este as farinhas promptas para o fornecimento do pão de munição da sua infanteria, e não admittindo a indispensavel escusa que lhe deu Prado de que na occasião não havia farinhas feitas, mas que se fariam á custa de todo o trabalho e presteza, visto que sua mercê lhe não tinha feito aviso adiantado de que vinha fazer pouso n'aquella fazenda, o tal capitão, preoccupado de um furor fanatico, capacitando-se que qualquer paulista se reputava por um indio neophito, se alterou em

vozes e com imperio, para ser maior a injuria ; e, tendo tolerado Domingos Rodrigues as primeiras arrogancias, não lhe pôde soffrer mais o descomedimento quando já este tocava em total desprezo e abatimento da sua pessoa ; e a estas alteradas vozes acudiu do interior da casa um filho seu chamado Bartholomêo Bueno do Prado, que considerando ao pai totalmente abandonado pelo furor, e descomedimento do capitão, lhe disparou uma arma de fogo, de cujo tiro cahiu morto no mesmo lugar do terreiro e pateo das casas. N'este sitio se deu á terra o cadaver do capitão com geral sentimento dos soldados de sua companhia, os quaes confessavam publicamente que esta morte fôra solicitada de seu capitão pelo excesso com que se demasiára com Domingos Rodrigues do Prado, pois este se tinha portado com attenção, urbanidade e agasalho com o dito capitão logo que chegára áqualla fazenda. Com effeito os soldados foram fornecidos de todo o necessario com liberalidade para seguirem a marcha para S. Paulo por uma estrada falta de todos os viveres e mantimentos para a manutenção dos viandantes. Não faltaram pessoas da praça, que quizessem macular de fraco ao sargento d'esta companhia Francisco Aranha Barreto (hoje capitão de infanteria) por não haver despicado a morte do seu capitão, pois se achava com 50 homens para emprehender destruir a Prado ; porém a verdade é que o mesmo sargento e seus soldados reconheceram o despotismo do seu capitão para a fatalidade da sua morte, que não foi pensada do aggressor d'ella ; e quando contra os merecimentos da razão quizesse tomar despique o dito sargento, já não tinha partido algum contra as forças de Domingos Rodrigues do Prado, que, percebendo o mais minimo movimento, certamente seria aquella fazenda não Troya abrasada, mas abrasadora ; porque dos 50 soldados infantes não escaparia um só ao ferro de Domingos

Rodrigues ; e sobretudo nem a companhia vinha fornecida de polvora e bala para em corpo de batalha cercar a fazenda. Este inopinado successo fez com que passados tempos se retirasse Domingos Rodrigues a buscar povoado para se encommendar a Deus com a tranquillidade e socego, que já lhe aconselhavam os annos ; e tendo-o assim feito, e posto em execução, não chegou a gozar a desejada paz de espirito, porque falleceu antes de chegar a povoado no anno de 1738. Estava casado com D. Leonor de Gusmão, filha do capitão-mór Bartholomêo Bueno da Silva, descobridor das minas de Goyazes.(Em titulo de Lemes, capitulo... com sua descendencia.)

4—2. Dionysio Rodrigues do Prado, casou com Estacia da Veiga, filha de Hyeronimo da Veiga e de sua mulher Maria Moniz de Miranda d'este titulo de Prados cap. 5º § 1º n. 3—4 ao n. 4—6 :

4—3. Salvador Rodrigues do Prado, casou em S. Paulo com D. Philippa de Siqueira de Albuquerque Camargo, que ainda existe em 1769. (Em titulo de Camargos, cap. 1º § 5º n. 3—7.

4—4. Eusebio Rodrigues do Prado totalmente degenerou do ser que lhe deu a natureza ; e, perdendo o santo temor de Deus, foi cruel por inclinação e matador por vicio : não falta quem affirme, que as mortes, que fez pelo proprio pulso excederam ao numero de vinte quatro : nós não podemos conseguir a verdade d'estes factos ; mas é certo, que como aggressor de tantos delictos chegou a ser preso, e nós o vimos no calabouço da fortaleza de S. Amaro da Barra de Santos, e não chegou a ser castigado pela justiça, porque fugindo do calabouço da fortaleza da Barra Grande falleceu nas Minas-Geraes em casa de seu irmão João Rodrigues do Prado, estando casado com uma irmã de Fr. Francisco de S. José, carmelita, que acabou com

opinião de santo no rio Parahybuna, e fazenda do guarda-mór geral Garcia Rodrigues Paes, de d'onde se trasladaram com muita decencia os seus ossos para o convento do Rio de Janeiro á custa da liberalidade de seu intimo amigo Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, etc.

4—5. João Rodrigues do Prado foi de morada para Minas Geraes, onde falleceu casado com Marianna Bueno da Veiga.

4—6. Manoel Rodrigues do Prado, falleceu em Taubaté a 3 de Junho de 1749 estando casado com Joanna de Oliveira em Taubaté em 1707, filha de Philippe Lobo, e Maria de Oliveira. E teve 8 filhos. (Orphãos, inventarios, letra M. n. 15.)

5—1. João Rodrigues, casou com Maria Moreira.

5—2. Verissimo de Siqueira do Prado, casou com Francisca Moreira Leme.

5—3. Joanna de Oliveira casou com Antonio Barreto Moreira.

5—4. Theodosia.

5—5. Anna.

5—6. Liberato.

5—7. Ignacio.

5—8. Agueda.

4—7. Catharina de Siqueira do Prado casou com Domingos Luiz Cabral natural da Ilha Grande (filho de Domingos Cabral, e de sua mulher Domingas Barbosa, como se vê do testamento com que falleceu o dito Domingos Luiz Cabral em Taubaté a 21 de Agosto de 1726; e sua mulher falleceu a 3 de Junho de 1736. (Orphãos de Taubaté, inventarios, C. n. 19 e inventarios, D. n. 30.) E teve:

5—1. Estevão Cabral.

5—2. Salvador Barbosa, casou em Taubaté a 2 de Se-

tembro de 1714 com Estacia da Veiga, filha do capitão Antonio Corrêa da Veiga e de sua mulher Maria de Miranda.

5—3. Lucindo Cabral, o Tangua de alcunha, foi para Buenos-Ayres.

5—4. Seraphino Barbosa do Prado, falleceu em Goyazes.

5—5. Raymundo Cabral.

5—6. Francisco Barbosa.

5—7. Claudio Barbosa, casou em S. Sebatião com uma irmã do reverendo vigario Domingos da Costa.

5—8. Domingas Barbosa casou com Miguel Antonio.

5—9. Barbara Cabral casou em Taubaté a 21 de Fevereiro de 1695 com André Leme, filho de Aleixo Leme e de sua mulher Anna da Costa.

4—8. Violante de Siqueira, casou em Taubaté em 1699 com Belchior Felix Corrêa, natural de Taubaté, filho do alcaide-mór Manoel Vieira Sarmento, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Marianna Moreira neto de Belchior Felix e de sua mulher Anna Sarmento. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra M. n. 46, o do alcaide-mór Miguel Vieira Sarmento.) E teve o filho:

5—1. João Corrêa Sarmento, que casou em Taubaté a 15 de Novembro de 1727 com Juliana Antunes do Prado, filha de Sebastião Fernandes Corrêa e de sua mulher Maria do Prado.

4—9. Josepha do Prado, foi casada com Gaspar Pereira de Castro em Taubaté a 16 de Agosto de 1708, natural de S. Julião, termo de Valença, filho de Antonio Pereira de Castro e de sua mulher Philippa Barbosa.

4—10. Francisco Rodrigues do Prado, casou em Taubaté a 31 de Janeiro de 1699 com Maria Antunes da Veiga, filha do capitão Manoel Corrêa da Veiga e de sua mulher

Juliana Antunes. Falleceu Francisco Rodrigues em Taubaté sem testamento, e se lhe fez inventario dos bens a 25 de Fevereiro de 1709. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra F. n. 25.) E teve:

5—1. José, falleceu solteiro.

5—2. Francisco Rodrigues do Prado.

5—3. Domingos Rodrigues do Prado, casou com Maria de Todos os Santos, filha de Amaro Gil Côrtes e de sua mulher Marianna de Freitas. (Taubaté, M. 65 vide retro n. 3—2 ao n. 4—3 pag. 123.)

5—4. Violante de Siqueira.

5—5. João, falleceu solteiro.

4—11. Antonia Furtado, casou com Miguel Gil, como se mostra do casamento de seu filho 51. Miguel Rodrigues de Siqueira que em Taubaté casou a 13 de Fevereiro de 1713 com Maria Vieira, filha de Domingos Vieira Cardoso e de sua mulher Martha de Miranda. (Em titulo de Vieiras Mayas, cap. 5° § 12.)

4—12. Philippa Rodrigues do Prado (filha ultima do n. 3—3. retro) casou em Taubaté a 29 de Outubro de 1704 com João Pinto de Queiroz, natural de Amarante, filho de Manoel Pinto Monteiro e de sua mulher Luzia da Silva.

3—4. Lourenço Antonio, falleceu solteiro.

3—5. Miguel Rodrigues do Prado, foi casado com Isabel da Rosa, que falleceu em Taubaté a 27 de Setembro de 1715 estando casada segunda vez com José Dias de Carvalho. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra I, n. 16.) E teve filha unica:

4—1. Antonia Furtado, mulher de Domingos de Goes.

3—6. Catharina Furtado Rodrigues, casou duas vezes, e falleceu em Taubaté, e se lhe fez inventario dos bens

em 1702. Casada segunda vez com Salvador de Freitas Albernaz: e d'este segundo matrimonio teve:

4—1. Sebastião Gil de Siqueira.

4—2. José Maria da Cruz.

4—3. Domingas Rodrigues.

4—4. Violante de Siqueira.

E da primeira vez casou a dita Catharina Furtado com Manoel Cardoso de Almeida, que falleceu em S. Paulo. (Orphãos de S. Paulo, letra M, n. 61.) Como consta do inventario de seu pai Francisco Rodrigues em S. Paulo em 1652. E teve oito filhos, entre os quaes foi:

4—5. João Vaz Cardoso, que casou em Itú a 20 de Abril de 1687 com Isabel da Costa, filha de João Diniz da Costa, e de sua mulher Cicilia Ribeiro. (Casamentos n. 380.)

3—7. Isabel Rodrigues, falleceu em S. Paulo com testamento a 6 de Dezembro de 1683, casada com Gaspar Vaz Cardoso. (Orphãos de S. Paulo, maço 2° de inventarios, letra I, n. 19.) E teve dois filhos.

4—1. Antonio Vaz, casou com ..... E teve dois filhos.

5—1. Gaspar.

5—2. Maria.

4—2. Francisco Rodrigues.

3—8. Antonia Furtado, falleceu solteira como consta do inventario de seu pai.

3—9. Bernarda Rodrigues de Jesus, falleceu em Taubaté com testamento a 10 de Agosto de 1672, e foi casada com Luiz Coelho de Abrêo. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra B, n. 4.) E teve:

4—1. Francisco Coelho, falleceu em Taubaté em 1697, e foi casado com Violante de Siqueira, de quem teve

Francisco, Bernarda, Helena. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra F, n. 18.)

4—2. Antonia.

4—3. Joanna.

4—4. Francisca.

3—10. Maria Furtado, ficou sendo moradora de S. Paulo, sua patria, onde havia casado com Belchior da Cunha Barregão, natural de Portugal, que falleceu em 1702, e ella em 1708. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1° de inventarios, letra B. n. 6.) E teve sete filhos nascidos em S. Paulo.

4—1. Marianna da Cunha, casou duas vezes: primeira com Manoel Vicente Pereira, que falleceu a 5 de Junho de 1684. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letra M, n. 6.) E teve dois filhos.

5—1. Francisco.

5—2. Catharina.

Casou segunda vez dita Marianna da Cunha com Ignacio Vieira Antunes, natural de S. Paulo (irmão inteiro de Ignacia Vieira, avó do M. R. conego José Rebello Pinto, do Revd. Antonio Rodrigues Villares, do Dr. Joaquim Marianno de Castro, auditor de um regimento do presidio do Rio de Janeiro desde 1764, e mãi do Revd. padre mestre frei Bento da Annunciação, religioso capucho da provincia do Rio de Janeiro, e do Revd. Dr. Manoel Velloso Vieira, clerigo de S. Pedro, que falleceu no Rio de Janeiro em 1763), filho de Francisco Vieira (em S. Paulo foi conhecido com o appellido de orador pela sua exemplar vida e virtudes), natural da freguezia de S. Martinho da Ventosa do conselho da Ribeira do Soares, e de sua mulher Isabel Manoel Alvares de Sousa, que nasceu a 16 de Junho de 1641, irmã inteira do frei Placido, que,sendo monge bene-

dictino no Brasil, passou ao reino de Portugal, e ficou monge de S. Bernardo, tomando o habito no real mosteiro de Alcobaça; e voltou a visitar os parentes pelos annos de 1681; e foi eminente na prenda de tanger viola, e tão destro que mereceu tanger na presença do Sr. rei D. Pedro II. Irmão tambem do padre Sebastião Coelho Barradas, que foi conego na Sé da Bahia, e tinha sido baptizado na matriz de S. Paulo a 26 de Agosto de 1651. Neto pela parte paterna de Adrião Vieira, e de sua mulher Agueda Dias, ambos da freguezia da Ventosa. (Cartorio do tabellião de S. Paulo na nota de 1755 de Antonio Moniz, o testamento de Francisco Vieira.) E pela parte materna neto de Manoel Alvares de Sousa, natural da ilha de S. Miguel, e nobre cidadão de S. Paulo (senhor do jazigo na quadra da igreja do mosteiro de S. Bento para si e seus descendentes, que conservam o seu direito pela campa de pedra que lhe accusa o dominio), e de sua mulher Maria Carneiro, natural de S. Paulo, por quem foi bisneto de Sebastião Coelho Barradas (irmão inteiro do padre mestre Manoel Coelho Barradas, jesuita, que falleceu no collegio da Bahia, e era natural de Portugal), que falleceu em S. Paulo em 1627, e de sua mulher D. Catharina de Barros, que falleceu em S. Paulo com testamento a 9 de Setembro de 1687 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, inventarios, letra S, maço 1°, n. 11; e letra C, maço 1°, n. 46), cuja naturalidade ao certo se não sabe; porque seus pais d'ella D. Jorge de Barros Fajardo, e sua mulher D. Anna Maciel, natural da villa de Vianna do Minho, vieram de Portugal para S. Paulo na companhia de João Maciel, que era pai da dita D. Anna, e o dito João Maciel trouxe mais uma filha já casada com Antonio Antunes, e trouxe tambem filhos. Este D. Jorge de Barros Fajardo, era natural da cidade de Ponte-Vedra do reino de Galliza, filho de

D. Belchior de Barros, e de sua mulher D. Catharina Vaz, como tudo se vê do testamento com que falleceu em S. Paulo o dito D. Jorge de Barros em 1615 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3º, letra I, n. 28). A passagem e nobre qualidade de João Maciel, de Vianna para o Brasil, consta no cartorio das justificações da côrte de Lisboa nos autos de *nobilitate probanda* de Domingos Antunes Maciel, processados no anno de 1756 no juizo de India e Mina. Manoel Alvares de Sousa, natural de S. Miguel, veiu ao Brasil á imitação do seu ascendente Gaspar Vaz de Sousa, que em serviço do Sr. rei D. João III tambem veiu ao Brasil á capitania do Porto-Seguro em tempo do seu primeiro donatario Pedro de Campo Tourinho, a quem o mesmo monarcha a déra com 50 leguas de costa, que dito Tourinho, natural de Vianna, veiu povoar com sua casa e algumas familias que trouxe; e ganhando varias victorias aos gentios, os afugentou para o interior d'aquelles sertões, que depois se voltaram contra os moradores de Porto-Seguro, que destruiram, matando a maior parte da gente européa. Em soccorros vieram outros mandados pelo Sr. rei D. João III, e entre muitos veiu da ilha de S. Miguel dito Gaspar Vaz de Sousa, João Lordello e outros da mesma ilha, porém todos pereceram flexados da multidão dos barbaros indios. Este infeliz successo toca succintamente no seu *Nobiliario* o grande e famoso genealogico o Revd. Dr. Gaspar Fractuoso (que falleceu sendo vigario da igreja da Estrella no anno de 1591), livro 4º, cap. 12, onde trata da nobre origem dos Alvares Sousas de S. Miguel, dizendo o seguinte: « Deixo de copiar, por brevidade. » Nós omittimos os mais irmãos, que teve Balthazar Vaz de Sousa, que foram sete, e de cada um d'elles trata o mesmo *Nobiliario*; porque para verdadeira noção de que d'este Balthazar Vaz de Sousa, e de sua mu-

lher Leonor Manoel procedeu Manoel Alvares de Sousa, devemos ponderar, com advertida connexão, que, casando em S. Paulo dito Manoel Alvares de Sousa, e dando-lhe Deus primeira filha, Isabel, que nasceu em S. Paulo a 16 de Junho de 1641, para n'ella resplandecer o honroso appellido dos seus ascendentes paternos, ficou chamandose *Isabel Manoel*, que depois casou com Francisco Vieira, de cujo matrimonio foi filho Ignacio Vieira Antunes, marido de Marianna da Cunha, como fica retro mostrado no n. 4—1. D'este segundo matrimonio nasceu em S. Paulo unica filha:

5—. Maria Vieira da Cunha, casou na matriz de S. Paulo a 16 de Fevereiro de 1706 com Gaspar de Mattos, que falleceu em 1734 em S. Paulo; natural da freguezia de Nozedo, arcebispado de Braga, filho de Sebastião de Mattos, e de sua mulher Isabel de Araujo da freguezia de Nozedo. (Camara episcopal de S. Paulo autos de *genere* do padre Antonio Xavier de Mattos em 1747.) E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

6—1. Frei Sebastião Maria Mattos, carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro, em cujo convento existe em 1769. Passou a Roma duas vezes, e foi procurador na sua provincia no hospicio da côrte de Lisboa, cuja igreja elle fez construir no estado excellente de finas pinturas como existe. Quando segunda vez passou a Roma a negocios da religião na sua provincia, soube bem acreditar a actividade, zelo e desembaraço com que manejou os negocios n'aquella grande côrte, merecendo honrosa aceitação do seu Revm. Geral, que lhe conferiu o caracter de mestre com as honras de provincial para as desfructar na sua religião e provincia.

6—2. Antonio Xavier de Mattos, passou de S. Paulo mandado por seu pai para a universidade de Coimbra, e

por força de destino infeliz, pela maledicencia de um seu criado, se viu consternado a largar os estudos, e fugitivo retirar-se para o reino de Castella. No serviço d'esta corôa teve praça de soldado e foi destacado para Barcelona.

6—3. Frei Francisco de Mattos, carmelita do Rio de Janeiro, em cujo convento existe em 1769. Foi prior do convento da villa de Santos, e tem servido de procurador do convento do Rio de Janeiro, que traz muito pensionado este cargo.

6—4. José Vieira, jesuita e professo do quarto voto, que não quiz merecer a honra de ficar gozando a naturalidade em que nasceu vassallo da corôa de Portugal, e seguiu a teima de acompanhar para a Italia aos mais padres que foram desnaturalisados. Tinha passado á capitania de Goyazes para missionario apostolico dos gentios *Acroás*, e *Xavantes* no districto das minas de Natividade, e foi recolhido ao tempo da expulsão dos jesuitas.

6—5. .... falleceu solteira, de bexigas.

6—6. Maria Josepha de Mattos, foi casada com Francisco de Salles Ribeiro, natural da cidade de Lisboa, e criado na villa de Setubal desde tenros annos, cidadão de S. Paulo, onde foi juiz ordinario no anno de 1763, e tinha sido muitos annos antes capitão de infanteria da ordenança da mesma cidade. (Camara episcopal de S. Paulo autos de *genere* de José Francisco de Salles.) E teve, fóra os que tenrinhos voaram para o céo, onze filhos nascidos em S. Paulo.

7—1. O padre Gaspar de Salles Ribeiro, que estando jesuita se deixou ficar no seculo quando da Bahia foram recolhidos á côrte os mais jesuitas; e elle em S. Paulo se ordenou de presbytero secular. Passou para Lisboa em 1769. Existe em S. Paulo cura da Sé em 1795.

7—2. Bento de Salles Ribeiro, casou em S. Amaro com Anna de Ibeyrós, natural de S. Amaro, filha de João Mo-

reira Garcia e de sua mulher Maria de Eyró, ambos de S. Amaro.

7—3. Anna de Salles, casou duas vezes: primeira com José Francisco de Andrade, de quem lhe ficaram tres filhos: segunda casou com José da Cruz de Almada, natural de Lisboa, de quem tem quatro filhos.

8—1. Gertrudes Maria de Andrade.
8—2. Anna Joaquina de Andrade.
8—3. Manoel Francisco de Andrade.
8—4. Joaquim Antonio.
8—5. Maria Francisca.
8—6. José Maria.
8—7. João.

7—4. O padre Antonio Xavier de Salles, presbytero secular. * Acha-se despachado em Lisboa para vigario collado da igreja de S José em Minas-Geraes, em 1795.

7—5. O padre João de Salles Ribeiro, presbytero secular.

7—6. O padre frei Ignacio de Salles, religioso franciscano, prégador.

7—7. Manoel Francisco de Salles.

7—8. Francisco Marianno de Salles.

7—9. José Francisco de Salles.

7—10. Theodora Maria de Salles. * Depois de avançada em annos casou com......

7—11. O padre Joaquim de Salles, jesuita, que foi para Italia *in minoribus*.

4—2. Maria da Cunha do Prado, foi casada com Accenço Rodrigues Lopes, natural de S. Paulo, filho de João Rodrigues e de sua mulher Joanna Simoa, que falleceu em S. Paulo a 20 de Agosto de 1706, estando segunda vez casada com Pedro Vaz Moniz; e ella foi filha de Simão Lopes e de sua mulher Joanna Fernandes. (Cartorio de

orphãos de S. Paulo, maço 3° de inventarios, letra I, n....
o de Joanna Simoa.) Accenso Rodrigues falleceu a 12 de Janeiro de 1721, e sua mulher Maria da Cunha falleceu a 19 de Fevereiro de 1732. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra B, n. 50. Em titulo de Rodrigues Lopes, cap. 2°, § 5°, com seis filhos alli, que foram os seguintes, nascidos na freguezia da Conceição dos Guarulhos.)

5—1. Catharina Rodrigues do Prado, mulher de Antonio Martins de Macedo.

5—2. Antonia Furtado, casou duas vezes: primeira com Francisco Rodrigues Fortes: segunda com Manoel Telles de Menezes.

5—3. Marianna Rodrigues da Cunha, mulher de Antonio de Siqueira Cubas.

5—4. Joanna da Cunha, mulher de Miguel de Siqueira.

5—5. Belchior da Cunha, falleceu nas Minas-Geraes em Itaverava em 1718, estando casado na freguezia da Conceição dos Guarulhos com Margarida Cardoso de Siqueira, de quem teve dois filhos.

6—1. João Rodrigues Antunes, morador da Conceição, casado com D. Joanna Baptista.

6—2. Helena Maria de Jesus, mulher de Antonio Lopes Chaves, natural d'esta villa e fallecido no Sumidouro de Marianna. E teve filha unica.

5—6. João Rodrigues da Cunha, existe na Conceição, casou duas vezes: primeira com Josepha Pedroso, irmã de Bento de Siqueira Pedroso. (Em titulo de Camargos, cap...) Segunda vez está casado com Maria de Godoy Bueno, filha de Francisco de Godoy Pires com D. Josepha Bueno, filha. (Em titulo de Silveiras, cap. 1°, § 7°, n. 3—1.)

4—3. Anna Maria da Cunha, foi casada com seu parente em quarto gráo em S. Paulo a 20 de Novembro de 1686, o capitão João Vaz dos Reis, natural de Mogy das Cruzes, e cidadão de S. Paulo, onde falleceu em Janeiro de 1708; filho de Gaspar dos Reis e de sua mulher Maria Pedroso, moradores da villa de Mogy das Cruzes. E Anna Maria da Cunha tinha fallecido a 7 de Janeiro de 1705 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 5º de inventarios, letra A, n. 8.) E teve sete filhos nascidos em S. Paulo.

5—1. O padre Belchior Vaz dos Reis, clerigo de S. Pedro, que foi muito estimado pela excellencia da voz para as missas cantadas.

5—2. Frei Francisco Vaz, carmelita, que existe em 1769 conventual do Rio de Janeiro, ou Ilha-Grande.

5—3. Antonia Furtado, falleceu a 8 de Maio de 1731, estando casada com Hyeronimo de Faria Marinho, enteado do desembargador Roberto Car Ribeiro. Sem geração. Hyeronimo de Faria casou depois em Itú, onde falleceu. (Residuo ecclesiastico , testamento n. 28 , letra E.)

5—4. João Vaz dos Reis.

5—5. Gaspar Vaz, falleceu em Outubro de 1769; foi morador no sitio da Borda do Campo e casado com Maria Dultra, filha de Manoel Dultra Machado, e de sua mulher Marianna Machado. Em titulo de Machados Castanhos, cap. 7º, ou em titulo de Dultras, cap. 1º, § 7º.)

5—6. Maria da Luz, moradora em 1769 na freguezia nova da Conceição de Jaguary, no estado de viuva de seu marido.

5—7. Catharina Pedroso, falleceu em Outubro de 1769 estando casada com o alferes Aleixo Garcez da Cunha, nobre cidadão de S. Paulo, filho de Christovão da Cunha Rodrigues. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º,

§ 4°, n. 3—12 e seg. a n. 4—1, com sua descendencia; ou em Rodrigues, cap....)

4—4. Catharina da Cunha, foi casada com o capitão Sebastião Borges da Silva, sem geração, e tinha sido primeiro casada com Mathias Rodrigues da Silva, o qual tinha casado primeira vez com Catharina de Horta: elle falleceu em S. Paulo em 1709. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, maço 6°, letra M, n. 15.) Sem geração.

4—5. Philippa da Cunha, foi senhora da quinta que hoje chamam dos *Torres* ao pé da quinta do alferes Aleixo Garcez da Cunha, no caminho que da cidade vai para a capella de N. S. da Penha, que passou a ser de D. Maria Angela Eufrasia da Silva. Casou duas vezes: primeira com Francisco Romeiro: segunda com Antonio Teixeira de Oliveira, que na noite de S. João lhe rebentou um foguete que traspassando-lhe a mão, lhe ficaram n'ella as buxas e acabou da gangrena a 2 de Julho de 1722, natural da cidade do Porto, filho de Simão Teixeira e de sua mulher Maria de Oliveira. (Residuo ecclesiastico de S. Paulo, testamento de Antonio Teixeira, n. 5, letra A.) Sem geração.

4—6. Antonio da Cunha, passou de S. Paulo para Pernambuco a visitar um tio irmão de seu pai, que alli era morador muito abastado e de grande nome e estimação: alli casou o dito Antonio da Cunha, e deixou geração.

4—7. João da Cunha, passou a Pernambuco, e voltando para S. Paulo falleceu solteiro.

3—11. Maria Rodrigues (filha ultima do § 2°), casou em S. Paulo a 16 de Abril de 1640 com Luiz Dias, filho de Gonçalo Ribeiro e Catharina Dias.

§ 3.°

2—3. Isabel Furtado (filha do cap. 6°), falleceu em S. Paulo com testamento a 17 de Abril de 1683, casada

com Mathias Cardoso de Almeida, natural da Ilha Terceira, e falleceu no sertão em 1656. (Orphãos de S. Paulo, maço 2° de inventarios, letra I, n. 28; e maço 4°, letra M, n. 41.) E teve naturaes de S. Paulo cinco filhos.

3—1. Barbara Cardoso, foi casada com Domingos Lopes Lima, natural de Pernambuco, que falleceu em S. Paulo com testamento a 18 de Novembro de 1667, filho de Francisco Pereira de Lemos. (Em titulo de Camargos, cap. 4°, § 4°, n. 3—7. Orphãos de S. Paulo, maço 2° de inventarios, letra D, n. 13, e camara episcopal autos de *genere* de Domingos Lopes de Godoy.) E teve cinco filhos.

4—1. O padre mestre Dr. frei Mathias do Espirito Santo, monge benedictino, cuja cogula tomou pelos annos de 1685, porque em 11 de Abril de 1684 lhe tiraram os inquisidores em S. Paulo.

4—2. João Lopes de Lima, casou com Gabriella Ortiz de Camargo (Em titulo de Camargos, cap. 4°, § 8.) Deixou geração.

4—3. Manoel Cardoso de Lima, clerigo de S. Pedro, fundador e padroeiro da capella do Senhor Bom Jesus de Nazareth.

4—4. Sebastião Lopes de Lima, casou com Maria Ribeiro de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap. 4°, § 4°, n. 3—7.) Com geração.

4—5. Maria de Lima, casou com João de Godoy Moreira, filho de Balthazar de Godoy Moreira e de Maria Jorge. (Em titulo de Godoys, cap....) E teve filho unico:

5—. Domingos Lopes de Godoy, cidadão de S. Paulo, habilitado de *genere* em 1712. (Camara episcopal, autos de *genere*, letra D.)

3—2. Salvador Cardoso de Almeida, nobre cidadão de S. Paulo que servia os cargos da republica, casou com D. Anna Maria da Silveira, levando em dote de pro-

priedade o officio de juiz de orphãos de S. Paulo. (Em titulo de Raposos Silveiras, cap. 1°.) Falleceu com testamento no 1° de Fevereiro de 1690. (Orphãos de S. Paulo, maço 2° de inventarios, letra S, n. 3.) E teve nove filhos:

4—1. José Raposo da Silveira.

4—2. Domingos Cardoso.

4—3. D. Isabel Cardoso, mulher de Francisco de Camargo Pimentel.

4—4. D. Maria Cardoso de Almeida, mulher de Ignacio Lopes Munhós. (Em titulo de Munhós, cap. 2°, § 2°.)

4—5. Mathias Cardoso de Almeida, falleceu solteiro com testamento a 29 de Março de 1732. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letra M, maço 1°, n. 35.)

4—6. Antonio Cardoso da Silveira.

4—7. D. Anna Maria.

4—8. D. Marianna Cardoso, mulher de Bernardino de Moura.

4—9. Salvador Cardoso de Almeida, foi casado com D. Anna Pedroso de Moraes, que ainda existe em 1769, filha de Francisco Pedroso de Almeida e de sua mulher Agueda Machado. (Em titulo de Laras, cap. 7°, § 1°, n. 3—1.) Com sua descendencia.

3—3. Mathias Cardoso de Almeida, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu os cargos da republica. Este paulista fez varias entradas ao sertão, e conquistou grande numero de indios bravos, e no modo da guerra contra os gentios se fez um famoso soldado com grande disciplina; de sorte que entre os mais cabos do seu tempo teve applausos de excellente capitão.

Sendo encarregado ao governador Fernão Dias Paes Leme o descobrimento das esmeraldas (tão appetecidas desde o principio da povoação do Brasil, como nunca

jámais encontradas pelos que intentaram o descobrimento d'ellas, como foram no anno de 1572 Sebastião Fernandes e Tourinho, a quem succedeu Antonio Dias Adorno, ambos enviados da Bahia por Luiz de Brito de Almeida, 4º governador geral do Estado; e, depois d'estes, Diogo Martins Cam, o Magnata de alcunha, e seus successores até Marcos de Azeredo Coitinho), no anno de 1672 por Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, governador geral do Estado do Brasil, que lhe conferiu o caracter de governador por patente sua datada na Bahia a 30 de Outubro de 1672, estando já o governador Fernão Dias Paes prompto a sahir de S. Paulo para a conquista e descobrimento das minas de prata em Sabarábuçú, e esmeraldas no sertão dos barbaros indios *Mapáxós* e mais nações gentilicas e bravas; foi lembrado o capitão Mathias Cardoso de Almeida para o acompanhar. Para este effeito o mesmo governador Fernão Dias, representou a necessidade que havia da sua pessoa, expressando ser muito conveniente que fosse por seu adjunto por ter grande experiencia d'aquelle sertão e dos gentios d'elle, onde já havia conseguido entradas de importancia, procedendo com muito valor e boa disposição na conquista dos gentios que domára. O referido contexto se vê da carta patente que de capitão-mór se passou ao dito Mathias Cardoso de Almeida, datada em 13 de Março de 1673. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registro, n. 4, titulo 1662, pag. 98 e 99.) Para o sertão de Sabarábuçú (hoje se chama Sabará, que é Minas-Geraes) e Cataguares entrou o governador Fernão Dias Paes com o seu adjunto o capitão-mór Mathias Cardoso de Almeida no mesmo anno de 1673, e penetrando n'aquelles vastos sertões, n'elles não perderam os exploradores os mais efficazes exames para o descobrimento da prata; e sem jámais se enviar o mineiro para este fazer as experiencias para o

conhecimento e desengano de haver ou não a desejada prata que se procurava. Sendo passados 3 para 4 annos de constante trabalho, e vida laboriosa toda empregada em exames á custa dos maiores soffrimentos de calamidades de um sertão inculto, retrocedeu Mathias Cardoso com todos os mais da conducta que formávam o corpo militar, com que de S. Paulo sahira o governador Fernão Dias. Este, vendo-se só sem mais companhia que a do seu filho Garcia Rodrigues Paes, e seu genro Manoel de Borba Gatto, penetrou os vastos sertões até estabelecer feitoria na Tucumbira, e mais ao centro outra no Itamirindiba, de donde sulcando por diversas veredas, o mesmo sertão do reino dos *Mapáxós*, até o lugar da alagôa Vupavuçú, no laborioso desvelo de descobrir as appetecidas esmeraldas, no sitio em que as havia extrahido Marcos de Azeredo, que recolhido ao Rio de Janeiro quiz antes morrer em uma cadêa, e sequestrados todos os seus bens, do que declarar o sitio onde tinha achado as esmeraldas e prata. Com effeito foram descobertas em Fevereiro de 1681: e voltando o governador para S. Paulo no mesmo anno com as esmeraldas do seu descobrimento, chegando ao Rio das Velhas, alli falleceu; e quasi ao mesmo tempo chegou tambem áquelle sertão o administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco, a quem veiu procurar Garcia Rodrigues Paes no arraial de S. Pedro da Parahyba, e lhe apresentou e entregou as esmeraldas que havia descoberto o governador seu pai, que de tudo se lavrou auto em 26 de Junho de 1681; pedindo ao dito administrador geral que as ditas pedras enviasse a Sua Magestade, pelo impedimento que elle dito Garcia Rodrigues Paes tinha de poder n'aquella occasião seguir marcha para S. Paulo por conta da epidemia, que tinha de cama gravemente enfermos a todos os indios da tropa de seu defunto pai. Recebidas as esmeraldas, foram

estas conduzidas para S. Paulo pelo ajudante Francisco João da Cunha, o qual no 1º de Setembro do dito anno de 1681 apresentou aos officiaes da camara um saccozinho cosido e lacrado, em que vinham as esmeraldas com uma carta para Sua Magestade para tudo remettêrem os ditos officiaes camaristas ao Rio de Janeiro ao syndicante João da Rocha Pinto, ausente ao governador Pedro Gomes. Assim executaram os officiaes, que então eram Pedro Taques de Almeida, Diogo Bueno, Manoel Vieira de Barros, Roque Furtado Simões, e José de Godoy Moreira (Archivo da Camara de S. Paulo, livro de registro, tit. 1675 pag. 71 v. e livro de Vereanças, tit. 1675 pag. 139.) Além d'estas esmeraldas veiu depois a S. Paulo o mesmo Garcia Rodrigues Paes, e apresentou em camara a 11 de Setembro de 1681 quarenta e sete pedras grandes, e outras pequenas, que todas pesaram 133/8 e 1/2. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de Vereanças tit. 1675 pag. 149.) Estando em S. Paulo Mathias Cardoso de Almeida, chegou em 1680 o sobredito administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco a dispôr a sua jornada para o sertão da serra de Sabarabuçú, a que vinha mandado pelo serenissimo principe o Sr. D. Pedro. O mesmo senhor á custa da real fazenda tinha mandado a este D. Rodrigo (era natural do reino de Castella) no anno de 1673 com os honrosos empregos de governador administrador geral das minas com 600$ de ordenado por anno, tendo-o tomado por fidalgo da sua real casa; e acompanhado de Jorge Soares de Macedo, capitão de infantaria (depois foi o primeiro governador da praça de Santos pelos annos de 1700, em patente de mestre de campo) para no sertão da Bahia na Tabaiana fazer os descobrimentos de minas que se esperavam achar n'elle. Com effeito chegou á Bahia dito D. Rodrigo e Jorge Soares em 1673, e apresentadas as ordens que trazia ao

governador geral do Estado Roque da Costa Barreto, fez a sua primeira entrada ao dito sertão de Tabaiana em Julho de 1674, e em 11 do mesmo mez e anno principiou o primeiro exame com trabalhadores pagos por conta de Sua Magestade, e continuaram os ditos exames em diversas partes do mesmo sertão da Bahia até 1678 sem o menor effeito de descobrimento algum, com excessivas despezas de trabalhadores a jornal, que todos constam do caderno d'ellas, que se acha na provedoria da fazenda real de S. Paulo com o titulo — Caderno que ha de servir de rol do ponto dos officiaes que trabalharam nas minas, etc. — Além dos ordenados de 600$ por anno que percebia D. Rodrigo, e 16$ por mez o capitão Jorge Soares de Macedo, consumo das fabricas mineraes, e materiaes, que só de azougue trouxe de Lisboa 500 arrateis, e em dinheiro 400$ para os primeiros gastos; e depois recebeu tres ditos na Bahia; o que tudo se vê dos caps. 1° e 2° da instrucção que trouxe. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros 1675 pag. 57.) Da Bahia sahiram D. Rodrigo e Jorge Soares com uma companhia de 30 soldados de sua guarda para o acompanharem ao sertão, do presidio da mesma Bahia, sendo capitão dos ditos soldados Manoel de Sousa Pereira, e no Rio de Janeiro recebeu mais 20 soldados e 1 alferes d'aquella praça, Mauricio Pacheco Tavares, com que se encheu uma companhia de 50 homens com capitão e alferes Trouxe por capellão-mór o Rev. Felix Paes Nogueira, provido na Bahia a 3 de Setembro de 1678 com 83$920 por anno. Um escrivão das minas, João da Maia, com 15$ por mez, provido na Bahia em 3 de Abril de 1678. Um thesoureiro, Manoel Vieira da Silva, com 15$ por mez, provido na Bahia em 15 de Abril de 1678. Um apontador do rol do ponto dos trabalhadores, Francisco João da Cunha, com 10$ por mez, provido na Bahia

a 3 de Abril de 1678. Um mineiro com experiencia de minerar, João Alves Coutinho, natural de Sergipe d'el-Rei, com 20$ por mez, provido na Bahia a 20 de Agosto de 1678. (Provedoria da fazenda real supra, caderno citado pag. 31 v., 32 v., 33, 34, 34 v. e 35 v.)

Com todo este corpo embarcou D. Rodrigo de Castel Blanco na Bahia, e chegou ao Rio de Janeiro em Novembro de 1678 acompanhado do mesmo Jorge Soares de Macedo, que já vinha com patente de tenente-general (bem se vê que esta patente não correspondia ao gráo das que têm hoje este nome) por mercê de Sua Alteza (com exercicio e governo na infantaria que passasse aos descobrimentos das minas com D. Rodrigo de Castel Blanco com 26$ de soldo por mez) datada em Lisboa a 30 de Outubro de 1677. (Camara de S. Paulo, livro de registos tit. 1675 pag. 25.) Emquanto se demorou no Rio de Janeiro mandou D. Rodrigo a João de Campos de Mattos, por provisão sua datada no Rio de Janeiro a 18 de Novembro de 1678, que fosse fazer descobrimentos n'aquelle sertão, onde o dito Mattos dizia haver serras com pedrarias; porém não se conseguiu d'esta entrada e despezas d'ella o menor effeito de utilidade. (Carta da provedoria da fazenda real no caderno citado retro pag. 36 v.)

Este mesmo corpo militar, e officiaes que acompanhavam a D. Rodrigo, chegou á villa de Santos em Novembro de 1678. (Caderno supra citado pag. 37 v. e 38.) Trazia D. Rodrigo já disposto que o tenente de mestre de campo general Jorge Soares de Macedo fosse fazer os descobrimentos de minas de prata no sertão do sul até o Rio da Prata, e ilhas de S. Gabriel; e no emtanto passar elle ao sertão da villa de Parnaguá para depois se intentar a entrada para o sertão de Sabarabuçú. E como com esta divisão se dividiam as forças, assentaram D. Rodrigo e Macedo

que este subisse para S. Paulo a formar gente para o acompanhar, e embarcar-se no porto de Santos a demandar o Rio da Prata ; e elle D. Rodrigo seguir para a villa de Paranaguá : assim se executou. A S. Paulo chegou o tenente general Macedo, e aos officiaes da camara apresentou todas as ordens e carta de Sua Alteza para os ditos officiaes, que eram n'este anno juiz ordinario Lourenço Castanho Taques, vereadores Gaspar Cubas Ferreira, Manoel da Rosa de Azevedo e Manoel de Góes ; procurador do conselho Matheus de Leão. N'esta carta lhes ordenava Sua Alteza que do dinheiro do donativo e paz de Hollanda se havia de fazer toda a despeza, e assistencias a D. Rodrigo e Macedo, como melhor se vê do teor d'ella :

«Officiaes da camara de S. Paulo. Eu o principe vos envio saudar. Viu-se a vossa carta de 22 de Dezembro do anno passado, e o que me representais sobre o imposto e donativo de Inglaterra, e paz de Hollanda, e serviços que esses moradores têm feito a esta corôa na conquista dos indios barbaros do reconcavo da Bahia, ao que em toda a occasião dos seus accrescentamentos lhes hei de mandar deferir, como merecem ; e porque ora fui servido resolver fossem ao descobrimento das minas de prata e ouro de Paranaguá o administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco, e o tenente-general Jorge Soares de Macedo, para de uma vez se vir em conhecimento de que ha estas minas, ou de todo se colher o desengano de que não persistem, mandei applicar a este dispendio o dito imposto, e os mais d'essas villas da repartição do sul, por se achar a minha fazenda tão exhausta, que não houve outros effeitos para lhe applicar, e satisfazer a Inglaterra e Hollanda, pelos d'este reino o que elles importam ; e desvanecendo-se o intento das minas de Paranaguá, lhes ordeno passem a serra de Sabarábuçú ; e porque não poderão fazer sem adjuto-

rio d'esses moradores, como levam por instrucção, communicando comvosco o modo com que se póde fazer este serviço, quando sejam em numero, em que se lhes haja de nomear capitão, que vá á ordem do dito tenente-general, o nomeareis; e o fio do vosso zelo, e do bem, que tendes assistido ao que toca em beneficio d'esta corôa, obreis n'isto, e na entrega do que se estiver devendo do donativo, e fôr cahindo, para supprir as despezas do que fica referido, de modo que tenha eu que vos agradecer, e deferir em vossos accrescentamentos, como merecem tão leaes vassallos. Escripta em Lisboa a 29 de Novembro de 1677.—*Principe.—Conde de Val dos Reis.*»

D. Rodrigo de Castel Blanco, por alvará de 29 de Novembro de 1677, veiu feito administrador geral, como já o era quando viéra para as minas do sertão de Tabaiana com 600$; e para as de Parnaguá e Sabarábuçú trouxe mais de propriedade o officio de provedor e administrador com 40$ por mez de ordenado, vencidos desde o dia do seu embarque na Bahia; e quando as minas que descobrisse rendessem livres para a fazenda real 40 libs. (* creio que este signal são mil cruzados) por anno, subiriam os 40$ a 60$ por anno; além de 700$ de juro herdade para sempre. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros tit. 1675 pag. 48 v.) Por outra ordem do mesmo senhor de 29 de Novembro de 1677 (livro supra citado pag. 23) trouxe D. Rodrigo faculdade para em nome de Sua Alteza prometter aos paulistas que o acompanhassem aos descobrimentos um habito de Christo, dois de Aviz e dois de S. Thiago, com 20$ até 40$ effectivos cada um dos ditos habitos. Manda tambem dar seis fóros de cavalleiros fidalgos; seis de moços da camara, e que se terá respeito a o serviço que fizerem, para haverem do mesmo senhor a mercê de fidalgos da sua casa.

Em cumprimento d'estas reaes ordens estiveram os camaristas pelo que pediu o tenente-general Jorge Soares de Macedo, o qual para a jornada do sertão do sul até o Rio da Prata recebeu em dinheiro 2:050$000; além d'este dinheiro recebeu mais tres 3,000 alqueires de farinha de trigo, 300 arrobas de carne de porco, 100 alqueires de feijão, 98 arrobas de fio de algodão torcido em tres linhas, e de fio singelo 2 arrobas, 19 espingardas, 12 catanas, 15 arrobas de tabaco de rôlo, e 8,000 varas de panno de algodão. Para o acompanhar, foram nomeados os paulistas, que do sertão tinham a melhor pratica, e disciplina militar contra os indios bravos; e em patente de capitão-mór de toda a gente da leva e infanteria sahiu Braz Rodrigues de Arzão, de quem temos tratado em titulo de Arzão, cap. 5°; em sargento-mór Antonio Affonso Vidal, e a um e outro se lhe passaram as patentes em S. Paulo a 15 de Janeiro do anno de 1679. (Camara de S. Paulo, livro de registros, titulo 1679, pag. 40. E cartorio da provedoria da fazenda real caderno de registros de rol do ponto de D. Rodrigo pag. 38 v. e 40.)

No porto da villa de Santos embarcou o tenente-general Macedo no mez de Março de 1679 com toda a gente da sua conducta, soldados infantes, officiaes, e um corpo de 200 indios bons flecheiros e arcabuzeiros. Compôz-se este transporte de sete embarcações grandes chamadas sumacas, entre as quaes ia um patacho, e n'ellas se accommodou toda a gente, fabricas e instrumentos mineraes, armamento, polvora e bala, mantimentos, viveres e fazendas seccas. Para capitão de mar com todo o governo maritimo teve patente Manoel Fernandes. Capitão da sumaca N. S. da Conceição e Almas teve patente Thomaz de Sousa Rios. Capitão da sumaca N. S. do Monte teve patente Vicente Pendão. Do patacho N. S. do Rosario teve patente de ca-

pitão João Jacques; e d'esta fórma cada embarcação levava seu capitão de patente, que todas foram passadas em Santos no fim de Janeiro de 1679. (Cartorio da provedoria da fazenda Real, caderno supra citado, pag. 39 v., 41, 42 e 43.)

Tendo esta pequena frota dado velas ao vento, em breves dias encontraram tormentas grandes, com contrarios ventos, que tendo obrigado a tres arribadas até a barra de Santos, da terceira vez foi maior o perigo, porque uma das sete sumacas se foi ao fundo destroçada ; tres foram de arribada á ilha de Santa Catharina, e tres tomaram o porto de Santos com o tenente-general Macedo, capitão-mór Arzão, sargento-mór Vidal, capitão de infanteria Manoel de Sousa Pereira, e alferes Mauricio Pacheco Tavares com os soldados infantes. Do porto de Santos tomaram o caminho de terra a ir demandar Parnaguá e d'alli tomaram o sertão do Rio de S. Francisco até a ilha de Santa Catharina. N'ella postou este militar corpo a tempo, que D. Manoel Lodo governador do Rio de Janeiro que se achava na ilha de S. Gabriel fazendo construir uma fortaleza na nova povoação da Colonia e cidade do Sacramento em 1680, sabendo d'esta gente,mandou que o tenente-general com os officiaes de patente e soldados infantes o fossem buscar de soccorro contra o poder do castelhano, que já movia exercito para lançar d'aquelle sitio a D. Manoel Lobo: assim se executou, embarcando todos em um navio (ficou a gente da leva com 200 indios em S. Catharina debaixo do commando do vedor Manoel da Costa Duarte, de quem temos tratado em titulo de Camargos, cap. 1º, § 11) que na altura do Cabo de S. Maria deu á costa, e muito apenas, por conhecido milagre, salvaram as vidas 24 pessôas, cada uma arrimada á sua taboa, que sahiram a terra em praia deserta; e foram o tenente-general Ma-

cedo, o capitão-mór Arzão e o sargento-mór Vidal, e não sabemos dos mais; e todos penetrando o sertão a demandar a ilha de S. Gabriel e nova cidade do Sacramento foram dar ás mãos do inimigo castelhano, que os fez a todos conduzir presos para Buenos-Ayres, que então com sua provincia era governada por D. José Garro. O que passou com estes presos até a rota, que tivemos no dia 6 de Agosto de 1680, em que os castelhanos ganharam a cidade do Sacramento com sua fortaleza pelo general D. Antonio de Vera Moxica, temos historiado em titulo de Rendons, n. 1º cap. 1º § 4º e em titulo de Arzão, cap. 5º.

Embarcado o tenente-general Macedo em Santos, como fica referido, passou D. Rodrigo de Castel Blanco para a villa de Parnaguá no mesmo anno de 1679. Em 14 de Março do dito anno teve principio o rol do ponto com cento e tantas pessoas de comboio para Parnaguá, que importou a féria de 30 dias á salario dos conductores indios até 14 de Abril a dinheiro 186$300 reis, que o conduziram por terra da villa de Santos até Parnaguá. Importou o rol do ponto de 123 indios de 14 de Março até 14 de Abril em Parnaguá a dinheiro 177$000 réis. Importou o rol do ponto de 118 pessoas que andaram em varias diligencias de descobrimento de prata e ouro no sertão de Parnaguá até 14 de Maio a dinheiro 174$000. Importou o rol do ponto até 14 de Junho a dinheiro aos trabalhadores das minas do Itambé com 118 pessoas, 155$750. Importou o rol do ponto de 116 pessoas até 14 de Julho no Itambé a dinheiro, 132$000. Rol do ponto com 88 pessoas em dito Itambé até 14 de Agosto importou a dinheiro, 71$100. Rol do ponto com 79 pessoas até 14 de Agosto, até 14 de Setembro, 72$000. Rol do ponto de 86 pessoas até 14 de Outubro, 71$730. Rol do ponto de 80 pessoas até 14 de Novembro, 78$300. Rol do ponto

com 87 pessoas até 14 de Dezembro, 78$300. Rol do ponto com os indios até 14 de Janeiro de 1680 annos a dinheiro, importou 78$300. Até 14 de Fevereiro 81$100. Até 14 de Março, 79$600 Até 14 de Abril 75$600. Sommam estes roes dos pontos de 14 de Março de 1679 até 14 de Maio de 1680, a dinheiro, só com os indios, fóra as mais despezas, 1:055$960 (* n'esta conta entram 43$350 de que faz menção abaixo, e mais 1$530 não sei de que, e que o autor pôz á margem.)

Em 14 de Abril de 1680 sahiu de Parnaguá para Santos D. Rodrigo de Castel Blanco sem conseguir o mais minimo descobrimento em o sertão de Parnaguá ; e n'elle as minas descobertas em Peruna, e no Itaembé o ribeirão de Nossa Senhora da Graça foram por paulistas: em Peruna pelo capitão-mór Gabriel de Lara, e no Itaembé por João de Araujo ; e as ditas minas foram repartidas em Julho de 1679, e tão ricas que só uma data para el-rei foi rematada por João Rodrigues França em 155$000. As minas de Nossa Senhora da Conceição, tambem descobertas no anno de 1679; e depois d'estas as minas descobertas por Salvador Jorge Velho, tambem paulista. E todos estes descobrimentos sem despeza da real fazenda a mais minima.

Da villa de Santos subiu para S. Paulo D. Rodrigo de Castel Blanco em 14 de Maio, e chegou a 30 do mesmo mez de 1680 com despeza de 43$350 com os indios de seu transporte, que foram 85, e tocou a cada um 510 réis, como tudo se vê do caderno do rol dos pontos acima citado de pag. 8 até pag. 28. Em S. Paulo dispôz a sua entrada para o sertão de Sabarábuçú, para o que em 20 de Junho de 1680 propôz em camara D. Rodrigo aos officiaes d'ella, que eram juiz ordinario Antonio de Godoy Moreira; vereadores João Pinheiro, Francisco Corrêa de Lemos, Diogo Barbosa Rego ; procurador do conselho Manoel Ro-

drigues Arzão, que carecia de ouvir aos melhores sertanistas para com elles consultar a sua entrada para o sertão de Sabarabuçú; e sendo chamados Mathias Cardoso de Almeida, Hyeronimo de Camargo, Antonio de Siqueira de Mendonça, Pedro da Rocha Pimentel, e outros paulistas mais, todos foram de voto, que se devia mandar plantar os sitios, que nomeados e assignalados fossem, para quando chegasse a tropa terem mantimentos promptos para o necessario sustento no sertão, assim aceitou o conselho o dito D. Rodrigo. (Camara de S. Paulo, livro de registros titulo 1675 pag. 53 v.)

Reconhecendo D. Rodrigo que, sem levar paulistas sertanistas de valor e experiencia da guerra contra os indios barbaros, não podia conseguir a sua entrada para Sabarábuçú, ficou eleito Mathias Cardoso de Almeida com patente de tenente-general em lugar de Jorge Soares de Macedo, que se achava prisioneiro em Buenos-Ayres, e lhe passou patente em S. Paulo do theor seguinte:

« D. Rodrigo de Castel Blanco, fidalgo da casa de Sua Alteza, administrador e provedor-geral das minas da repartição do Sul, etc. Faço saber aos que esta carta patente virem, que por patente do capitão-mór Mathias Cardoso de Almeida, se me representou a nomeação, que em sua pessoa fez o senado da camara d'esta villa de S. Paulo para tenente-general pelas partes, sufficiencia, e disposição, que em sua pessoa concorrem, e pelo bom governo dos que a seu cargo forem, pela prudencia, com que em todas as materias se sabe haver, como tambem por ser visto no exercicio do sertão, para onde se ordena a presente jornada ao descobrimento das minas de prata á serra de Sabarabuçú; e dá elle dito para ajuda da dita jornada sessenta negros seus, e sua pessoa, sem interesse algum mais, que por servir a Sua Alteza; e por todas as razões recontadas, partes

e merecimentos, e esperar de sua pessoa, me pareceu conveniente nomeal-o, como por esta nomeação o nomeio por tenente-general da gente, que fôr em minha companhia, para o que livremente exerça o dito cargo e com elle goze todas as honras, graças, franquezas, privilegios, poder, mando e autoridade, como os mais prós e precalços, que por razão do dito posto lhe pertencem. Pelo que por esta o hei por mettido de posse, dando juramento, de que se fará assento nas costas d'esta; e servirá o dito posto emquanto Sua Alteza não mandar o contrario, e houver assim por bem na fórma das suas reaes ordens; para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal, e sello das minhas armas; a qual se registrará nos livros da minha administração, a que tocar; e se guardará e cumprirá tão pontual e inteiramente como n'ella se contém, sem duvida, embargo, nem contradicção alguma. João da Maia, escrivão da administração, a fiz n'esta villa de S. Paulo aos 28 de Janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1681. *D. Rodrigo de Castel Blanco.*» (Provedoria da Fazenda Real, caderno do rol do ponto pag. 50. Camara de S. Paulo, livro de registros tit. 1675 pag. 67 v.)

Além de Mathias Cardoso de Almeida em tenente-general da leva foi constituido em sargento-mór d'ella Estevão Sanches de Pontes, de que se lhe passou patente registrada no livro da camara supra, e no caderno do rol do ponto pag. 52, pag. 29. Formaram-se tres companhias de paulistas voluntarios sem soldo algum, cujos capitães por patentes de D. Rodrigo e nomeação da camara de S. Paulo foram Manoel Cardoso de Almeida (irmão do tenente-general); João Dias Mendes e André Furtado. Estando a tropa formada, para cujo augmento vieram os indios e alguns soldados que estavam em Santa Catharina, que se mandaram recolher depois que se soube da tomada da

nova Colonia, e ficar prisioneiro o governador D. Manoel Lobo, foram os paulistas notando uma total frouxidão em D. Rodrigo, e muito mais no mineiro João Alves Coutinho, para a entrada do sertão de Sabarábuçú, e se ia vencendo o melhor tempo de monção por estarem entrados já no mez de Março. Isto deu causa para que o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, estimulado do zelo e ardor do real serviço, apparecesse em camara no dia 16 de Março de 1681, e aos officiaes d'ella representasse com desafogo de vassallo leal e brioso, que elle observára uma grande repugnancia no mineiro João Coutinho, que por ordem de Sua Alteza, e carta, que o mesmo Senhor lhe escrevêra, viéra da Bahia para os exames das minas de prata, ouro e pedras preciosas; por cujo merecimento estava percebendo de soldo cada mez 20$000 réis havia já 2 annos e meio: que n'estes termos devia ser constrangido a ir, sem que a escusa que dava de seus achaques, e idade avançada de 68 annos se lhe admittisse; e sendo chamado pelos officiaes camaristas no mesmo acto o dito João Alves Coutinho, e fazendo-se-lhe carga das suas escusas, disse que já não tinha dentes, e se achava muito impossibilitado para andar por sertão; porém que assim mesmo se sacrificaria a ir; ao que animou ao tenente-general Mathias Cardoso dizendo n'aquella assembléa, que elle não vencia soldo algum, e só tinha a honra de se empregar no real serviço por Sua Alteza querer d'esta vez ficar desenganado de haverem, ou não taes minas; que já na jornada do sertão das Esmeraldas, acompanhára muitos annos ao governador Fernão Dias Paes, a custa da sua propria fazenda, indo em pessoa com seus escravos armados, com polvora, chumbo e balas; fazendo as despezas de todo o necessario para semelhantes emprezas, sem gastar um só real da fazenda de Sua Alteza; e que da mesma fórma obrava agora para esta jornada de

Sabarábuçú com o administrador e provedor geral D.Rodrigo de Castel Blanco: e que se obrigava a conduzir ao mineiro João Alves Coutinho em rede nos hombros de 60 indios seus administrados, que para isso os offerecia, e de lhe assistir com todo o necessario sustento no sertão, e que de tudo isto se lavrasse termo para todos assignarem; e assim se executou. (Camara de S. Paulo, liv. tit. 1675 pag. 114, e pag. 127.)

Depois que chegou a S. Paulo D. Rodrigo achou nos officiaes camaristas de 1680 e de 1681 tanto zelo e promptidão para a expedição de Sabarábuçú, que o mesmo D. Rodrigo lhes passou uma certidão honrosa, que se acha registrada no liv. tit. 1675 pag. 61 v.

De S. Paulo sahiu a tropa de D. Rodrigo em principios do mez de Maio de 1681 com 60 indios para o trem de sua pessoa; e outros 60 da administração do tenente-general Mathias Cardoso de Almeida para a conducta do mineiro João Alves Coutinho, e 120 indios mais para o trabalho das minas.

Marchou D. Rodrigo á direitura ao sertão e aportou ao arraial de S. Pedro,onde o veiu encontrar Garcia Rodrigues Paes, e já o achou alli nas matas do rio Parahypeva no dia 26 de Junho do dito anno, no qual se formou o auto de apresentação e entrega que lhe fez das esmeraldas, que seu pai o governador Fernão Dias havia descoberto no reino dos *Mapaxós*, o que já fica referido, para que fossem remettidas á côrte a Sua Alteza; e emquanto não tinha a sua real determinação na materia d'este descobrimento, elle D. Rodrigo em nome do dito senhor tomasse posse de todos os arraiaes, feitorias,roupas e celeiros de mantimentos que tinha feito seu pai: o que assim se effectuou. E d'este lugar de S. Pedro de Parahypeva mandou D. Rodrigo ao ajudante das ordens Francisco João da Cunha com carta

datada a 28 de Junho do mesmo anno de 1681, aos officiaes da camara de S. Paulo um saquinho de chamalote amarello, cosido e lacrado, que trazia as esmeraldas para irem a Sua Alteza, mandando os ditos camaristas entregar o saquinho, e as vias no Rio de Janeiro ao desembargador syndicante João da Rocha Pita, ausente ao mestre de campo governador Pedro Gomes. (Archivo da Camara de S. Paulo, livro de registro, titulo 1675, pag. 71 v, 72 e 79.)

Depois que chegou D. Rodrigo voltou Garcia Rodrigues para o seu arraial do Sumidouro, ao qual chegou depois dito D. Rodrigo a tomar posse d'elle e dos mais arraiaes que lhe havia offerecido ; e tambem tomou posse em nome de Sua Alteza de todas as serras, das quaes o governador Fernão Dias havia extrahido as esmeraldas. Isto foi o que unicamente obrou D. Rodrigo todo o tempo que lhe durou a vida até o mez de Setembro ou Outubro do anno de 1682, com tantas, e tão avultadas despezas que já antes do seu fallecimento tinham chegado as noticias aos reaes ouvidos de Sua Alteza, que se dignou mandar recolher ao sobredito D. Rodrigo por se ter conhecido a sua inutilidade. Assim se vê do contesto da sua real ordem datada a 23 de Dezembro de 1682. (Secretaria do conselho ultramarino, livro de registro das cartas do Rio de Janeiro titulo 1673, pag. 35.)

Entre os paulistas, que se achavam no sertão das esmeraldas e arraial do Sumidouro, era Manoel de Borba Gatto (depois foi tenente-general do Matto em Minas Geraes pelos annos de 1708), que, observando a inacção de D. Rodrigo de Castel Blanco, sem se applicar a fazer entradas ao sertão, para com os exames se descobrir o desejado fim para que Sua Alteza o havia despachado com tantas honras e mercês, distribuindo-se e consumindo-se da sua real fazenda uma muito consideravel somma de dinheiro, com al-

guma liberdade lhe estranhou ao dito Borba o amortecimento em que se conservava desde que chegára áquelle sertão, applicando-se só a mandar fazer caçadas de aves e animaes terrestres para o regalo e grandeza da sua mesa, e travando-se de razões menos comedidas, o sobredito Borba se precipitou tão arrebatado de furor, que dando em D. Rodrigo um violento empuxão o deitou ao fundo de uma alta cata, na qual cahiu morto. E, chegando a S. Paulo esta noticia, os officiaes da camara deram conta a Sua Alteza em carta de 2 de Novembro de 1682. (Archivo da Camara de S. Paulo, 1675, pag. 92.)

Recolhido á patria o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida no anno de 1682, n'ella desfructou o socego da quietação em desconto dos trabalhos que havia curtido na expedição com D. Rodrigo de Castel Blanco: porém não gozou da patria mais do que até o anno de 1689, porque o seu merecimento foi lembrado na cidade da Bahia para se confiar do seu grande valor e disciplina o socego e a paz que não gozavam os moradores do Rio-Grande da capitania do Ceará, pelas hostilidades dos barbaros gentios habitadores d'aquelles asperos sertões.

Antes que passemos a individuar as acções de Mathias Cardoso na guerra contra os gentios do Rio-Grande devemos noticiar, que o coronel Sebastião da Rocha Pitta no seu livro *America Portugueza*, pag. 437 do n. 52 até 54 affirma que o governador geral do Estado, Mathias da Cunha, ordenára ao governador de Pernambuco aos capitães-mores da Parahyba e Rio-Grande mandassem cabos, gente, petrechos e bastimentos para aquella empreza; o que assim se executára com tão bom successo, que d'elle resultára a quietação, que lograva aquella provincia, colhendo os fructos das culturas do seu reconcavo com menor perigo do que até aquelle tempo experimentára. Até aqui o dito

Pitta : porém este autor tem tantas faltas no corpo da historia, que passam a ser erros indesculpaveis; porque as materias de que trata, constando a verdade d'ellas e a sua época e a chronologia dos documentos que existem nos registros dos livros da secretaria do governo geral, provedoria-mór e camara da Bahia, não devia escrever os successos pertencentes á mesma historia sem a lição d'estes cartorios; e por esta falta escreveu mais por vaidade que por zelo; e em muitas materias só o fez por informação dos apaixonados; e por isso cahiu em faltas que temos mostrado em alguns titulos genealogicos que temos escripto. Não duvidamos que ao governador geral do Estado Mathias da Cunha recorressem os opprimidos moradores da capitania do Ceará do barbaro gentio do Rio-Grande, o que lhe fizesse applicar as forças de que trata o dito coronel Pitta no n. 53; porém é totalmente engano affirmar, que d'esta providencia resultára a conquista d'aquelles barbaros; porque o contrario se mostra de documentos de que faremos menção. E não será muito padecer este autor semelhante engano, quando no liv. 6° n. 79 até o n. 85 affirma que a conquista dos gentios barbaros, que offendiam as villas do Cairú, Camamú, Boypeva, fôra conseguida pelo capitão-mór João Amaro Maciel Parente, e que tivéra em premio do Sr. D. Pedro II o senhorio de uma villa que elle a fundára com vocação de Santo Antonio, que ficou sendo chamada vulgarmente de João Amaro; sendo cérto que esta conquista foi do governador Estevão Ribeiro Baixo Parente, pai do dito João Amaro, como temos historiado em titulo de Camargos, cap. § 8°, § 3° n. 3—9. E até ignorou Pitta, que antes d'esta guerra do governador Estevão Ribeiro tinha já ido contra os mesmos gentios o capitão-mór Domingos Barbosa Calheiros com os seus adjuntos capitães de infanteria Fernando de Camargo e

Bernardino Sanches de Aguiar, que todos sahiram de S. Paulo no anno de 1658 convidados pelo governador geral do Estado Francisco Barreto, como temos historiado em titulo de Camargos, cap. 1º § 2.º

Nos poucos mezes do governo de Mathias da Cunha, recorreram a elle os moradores da capitania do Ceará pelos annos de 1687 ou 1688, pedindo soccorro contra os gentios d'aquelles sertões, que tinham feito grandes damnos na cidade e seu reconcavo. E' certo que o governador geral convocou a palacio uma junta de theologos, missionarios e os cabos principaes, para se votar se era justa a guerra, que se havia de fazer áquelles gentios, e se ficavam legitimamente captivos os que n'ella fossem presos, como já se havia resolvido nas juntas dos governadores geraes Francisco Barreto em 1658 e Alexandre de Sousa Freire em 1671 ? E se resolveu da mesma fórma. Então mandaria o governador geral Cunha ao de Pernambuco, e aos capitães móres de Parahyba e do Rio-Grande o que affirma o coronel Pitta ; porém que não produziu effeito algum vemos do que obrou o mesmo governador geral Cunha. Mandou a S. Paulo, e fez o mesmo o seu successor o Exm. arcebispo D. frei Manoel da Resurreição (que entrou no governo geral do Estado pela morte de Mathias da Cunha na Bahia a 24 de Outubro de 1688), ordenando por carta sua de 30 de Agosto de 1689, dirigida a Thomaz Fernandes de Oliveira, capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, que applicasse o soccorro que tinha mandado ir dos paulistas a cargo do governador, o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, para a guerra dos barbaros gentios do Rio-Grande.

Com effeito em S. Paulo formou o seu terço o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida no anno de 1689. (Secretaria do governo de S. Paulo, livro de registro geral

n. 3º pag. 120 v.) E se pôz em marcha com mais de 500 leguas de sertão até o Rio de S. Francisco; porém, como a gente do seu terço não era sufficiente em numero para a guerra, deixou ordenado em S. Paulo a João Amaro Maciel Parente, capitão-mór do seu regimento, fosse formando os mais soldados da guerra e seus capitães, para todos sahirem em conducta com o dito capitão-mór, e irem incorporar-se com elle mestre de campo Mathias Cardoso no Rio de S. Francisco. Com effeito o capitão-mór João Amaro formou em S. Paulo as mais companhias de infanteria, que ainda faltavam para o terço do mestre de campo Cardoso; e entre os capitães foi João Pires de Brito, natural e nobre cidadão de S. Paulo, que á sua custa formou a companhia, da qual lhe passou patente de capitão de infanteria, que depois a confirmou o Exm. arcebispo como governador geral do Estado. Esta conducta do capitão-mór João Amaro Maciel Parente sahiu de S. Paulo a 18 de Junho de 1683, e marchou pelo sertão até o Rio de S. Francisco, onde se achava postado o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, a quem o sobredito governador geral do Estado constituiu governador absoluto da guerra contra os barbaros gentios do Rio-Grande e Ceará.

Incorporado o capitão-mór com o governador mestre de campo no Rio de S. Francisco, n'elle ainda se deteve o exercito paulistano quatro mezes emquanto chegava a ordem do arcebispo governador para marchar este corpo, e dar principio á guerra intentada. Destacou este militar corpos até á barra do Jaguaribe, cujo sitio foi destinado para arraial e acampamento. Deu-se principio á guerra no sertão do Rio-Grande, onde se matou e destruiu a maior parte do inimigo por espaço de sete annos, que em guerra viva andaram as armas dos paulistas debaixo sempre do commando e disposições militares do governador Mathias

Cardoso, que, aprisionando muita parte dos inimigos barbaros, e mettendo-se outros de paz, deixou totalmente livre a campanha do Rio-Grande e Ceará, de sorte que a 10 de Fevereiro de 1696 sahiu do Ceará Grande o sargento mór d'esta capitania, Domingos Ferreira Chaves (depois presbytero de S. Pedro, e missionario dos *Tapuias* e *Anacás* na capella de Nossa Senhora da Conceição, e estava morador no anno de 1701 na villa de S. José de Ribamar, capitania do Ceará Grande) com o capitão-maior Pedro Leliz a levantar um presidio na dita ribeira do Jaguaribe por conta dos *Tapuias* da nação *Pajocás*, *Janduhy* e *Javós*

Com grande magoa lamentamos a falta das noticias dos capitães que tiveram a honra de servirem n'esta guerra, e conquista do Rio-Grande e Ceará com o governador mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e muito apenas encontramos os documentos que nos deram a certeza de ser capitão-mór d'este regimento o dito João Amaro, e um dos capitães de infanteria o dito João Pires de Brito, o qual, acabada a guerra do Rio-Grande e Ceará, passou para a do Piagui, onde se achava quando Manoel Alvares de Moraes Navarro, natural de S. Paulo, mestre de campo de um terço de infanteria paga e governador da campanha do Rio-Grande por Sua Magestade em 1701, certificou que o governador geral D. João de Lencastro proveu no posto de sargento-mór do terço do dito mestre de campo Navarro ao dito capitão João Pires de Brito a tempo que assistia no Piagui em mais de duzentas leguas de distancia, onde chegando-lhe a noticia d'esta promoção viéra tomar posse do dito posto; mas foi já a tempo que, por se julgar retirado já para S. Paulo dito capitão Pires, se havia provido o dito posto de sargento-mór em outro sargento; por cuja razão ficou servindo de capitão de uma

das companhias do referido terço para d'elle passar ao de sargento-mór na primeira vagante pelos seus grandes merecimentos e serviços assim na guerra do Rio-Grande e Ceará, como na guerra contra o gentio *Quiriri* das ribeiras de Itahim, e Piracuruca na capitania do Piagui. Todo o referido consta das certidões e fés de officio do capitão João Pires de Brito, que se acham lançadas na nota do tabellião da villa de Taubaté, e das quaes tivemos em nosso poder uma cópia authentica.

Tambem Antonio Gonçalves Figueira, natural da villa de Santos, foi alferes de infanteria do terço que formou o mestre de campo Mathias Cardoso em S. Paulo no anno de 1689, levando comsigo dito alferes doze escravos seus, bons escopeteiros. Ficou existindo no Ceará debaixo do commando do capitão-mór João Amaro Maciel Parente, até que se retirou para o Rio-Grande por ordem do seu mestre de campo para alli se continuar a guerra. Em 12 de Novembro de 1693 se fez uma entrada contra o barbaro inimigo, que, opprimido das nossas armas, pediu paz, que se lhe concedeu, tendo sido de antes sempre viva a guerra que durou n'esta campanha até 25 de Abril de 1694, em que o mestre de campo governador Mathias Cardoso se retirou para a sua casa por faltar já polvora e bala, e se haver ateado a epidemia, que já lhe havia morto muita parte da sua gente. Consta o referido na secretaria do governo de S. Paulo na carta patente de capitão passada a Antonio Alves Figueira datada na villa de Santos a 5 de Março de 1729, registrada no livro 3º do registro geral a fl. 120 v. pelo secretario do governo Gervasio Leite Rabello.

Com esta conquista ficaram totalmente livres e desinfestados os grandes sertões do Rio-Grande e Ceará, cujas campanhas depois d'esta guerra foram povoadas, como até hoje existem com grande augmento dos reaes direitos nos

gados vaccuns e cavallares, de que abundam os estabelecimentos por todo o Rio de S. Francisco, Ceará e Piagui, nos districtos das capitanias da Bahia, Pernambuco e Maranhão. E os mesmos paulistas, que foram triumphantes n'esta custosa conquista, foram tambem os que abriram os transitos que até hoje se seguem com communicação de todas estas tres capitanias. E dos mesmos cabos da conquista do Rio-Grande e Ceará se passaram para a conquista do Piagui, onde era capitão-mór o paulista Francisco Dias de Siqueira, o qual tendo penetrado o sertão de S. Paulo, sua patria, até o Maranhão, onde se achou pelos annos de.... d'alli tendo incorporado o seu partido com varios indios catholicos das missões d'aquelle Estado, penetrando o inculto sertão, veiu continuar a guerra no Piagui contra os barbaros indios das nações *Precatez Cupenharos*, *Curatéz* e *Canapuruz*, que todas ficaram conquistadas até o anno de 1701, em que se retirou o capitão João Pires de Brito; como tudo vimos nos serviços já referidos do mesmo capitão.

O mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida não voltou mais para S. Paulo, sua patria, porque, acabada totalmente a guerra, ficou estabelecido no sertão do Rio de S. Francisco, onde teve copiosas fazendas de gados vaccuns e cavallares, que até hoje existem. Foi casado com D...

3—4. Manoel Cardoso de Almeida (filho do § 3º), foi cidadão de S. Paulo e teve igual respeito e veneração como seus irmãos Salvador Cardoso de Almeida e o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida. Foi tambem escolhido pela camara de S. Paulo para um dos capitães de infanteria da leva de Sabarabuçú, da qual tratamos no numero antecedente, de que lhe passou patente D. Rodrigo de Castel Blanco em 1681. Recolhido do sertão do reino dos *Mappáxós*, passou no terço de seu irmão o mestre de campo gover-

nador para a conquista dos barbaros indios do sertão do Rio-Grande e Ceará. E como dito seu irmão ficou estabelecido nos curraes da Bahia, entendemos que elle tambem ficou alli de assento. Ignoramos com quem casou, e só sim que foi sua filha 4—: Marianna Cardoso, natural de Nazareth, onde casou com Francisco de Campos, em titulo de Campos, cap. 4°, com sua descendencia.

3—5. Catharina do Prado Cardoso, foi casada com Manoel Francisco de Oliveira. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 3° § 3°, n. 3—6.) E teve oito filhos que foram:

4—1. Frei Mathias....monge benedictino na Bahia.

4—2. Salvador Cardoso de Oliveira, casou na cidade da Bahia e tem geração no Rio de S. Francisco.

4—3. Domingos do Prado de Oliveira, familiar do S. Officio, falleceu solteiro no Rio de S. Francisco.

§ 4°.

2—4. Luzia Furtado, nasceu muda, falleceu solteira.

CAPITULO VII.

1—7. Maria do Prado, falleceu em S. Paulo com testamento a 9 de Julho de 1670 e foi casada com Miguel de Almeida de Miranda, natural da villa de Cascaes, que falleceu em S. Paulo com testamento a 15 de Junho de 1659, tendo e possuindo na sua administração 120 indios, conquistados no sertão d'onde os extrahiu para o gremio da Igreja. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3° de inventarios, letra M, n. 7. E cartorio 2° de notas, maço de inventarios antigos o de Miguel de Almeida de Miranda.) Este foi pessoa de respeito e autoridade, e da governança da terra com grande estimação n'ella. Teve, abundancia dos effeitos da cultura da sua fazenda com grossas manadas de

gados vaccuns e cavallares. Com os seus arcos seguiu o partido dos Pires contra os Camargos, como sogro, que era dos tres genros Pires, que foram Henrique da Cunha, o moço, João da Cunha e Antonio da Cunha, todos irmãos. E teve do seu matrimonio, nascidos em S. Paulo, doze filhos:

Catharina de Almeida..... § 1.°
Martha de Miranda....... § 2.°
Anna de Almeida........ § 3.°
Fillippa de almeida ...... § 4.°
Ursula de Almeida....... § 5.°
Maria da Assumpção..... § 6.°
Salvador de Miranda..... § 7.°
Frei Miguel da Almeida.. § 8.°
Diogo de Almeida....... § 9.°
Antonio de Almeida..... § 10
Francisco de Almeida.... § 11
Anna, falleceu menina.... § 12

§ 1.°

2—1. Catharina de Almeida, foi casada com Pedro Fernandes Aragonez, natural da cidade de Malaga da provincia de Andaluzia. Não tiveram filhos. Deixaram os seus bens ao mosteiro de S. Bento de S. Paulo, em cuja igreja constituiram um honroso jazigo com pensão de missas. Falleceu Pedro Fernandes Aragonez, depois de sua mulher, com testamento a 14 de Fevereiro de 1682. Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1° de inv. letra C. n. 35.

§ 2.°

2—2. Martha de Miranda, casou na matriz de S. Paulo a 27 de Janeiro de 1630, com Antonio da Cunha Gago o Gambeta de alcunha, filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua segunda mulher Catharina de Onhatte, em titulo de Cu-

nhas, capitulo 1° § 5.° Foi este paulista potentado em arcos, com grande veneração e respeito, e igual voto no governo da republica; falleceu com testamento a 21 de Setembro de 1671, e sua mulher com testamento a 10 de Setembro de 1668 (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 2° de inv. letra M. n. 47. Cart. 2° de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos o de Antonio da Cunha Gago.) E teve, nascidos em S. Paulo, onze filhos.

3—1. Antonio da Cunha Gago, alcaide-mór e descobridor da prata em 1680, casou na villa de Mogy das Cruzes com D. Anna Portes d'El-Rei, em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 2.° Com geração.

3—2. Simão da Cunha de Miranda, casou com Catharina Portes d'El-Rei, em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 3.° Com geração.

3—3. Bartholomeu da Cunha Gago, capitão-mór explorador em 1680, casou com Maria Portes d'El-Rei, de quem temos tratado no cap. 5° § 1° n. 3—3 a n. 4—1. Em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 4°. Com geração.

3—4. Francisco de Almeida, falleceu solteiro.

3—5. Miguel de Almeida e Cunha, casou em Taubaté com Maria Vieira da Maia, filha de Antonio Vieira da Maia, natural da villa de Guimarães, que falleceu em Taubaté a 15 de Outubro de 1674, e de sua segunda mulher Maria Cardoso Cabral, com quem casou em S. Paulo a 28 de Janeiro de 1642 (Cart. de orph. de Taubaté, inv. A n. 51.) Neta paterna do capitão Pedro Vieira da Maia, e de sua mulher Beatriz Lopes. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1° § 1° n. 3—6. E pela parte materna neta de Manoel da Costa Cabral, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher Francisca Cardoso, natural da villa de Mogy das Cruzes. Em titulo de Vaz Guedes, cap. 5.° E teve nascidos em Taubaté tres filhos.

4—1. Francisca Vieira d'Almeida, casou com Antonio de Godoy Pires, natural e cidadão de S. Paulo, filho do capitão Francisco de Godoy Moreira, em titulo de Pires, cap. 6° § 7.° E teve filho unico

5—». Francisco de Godoy de Almeida Pires, natural de Taubaté, dos primeiros da governança d'esta republica, onde tem servido repetidas vezes de vereador, juiz ordinario e dos orphãos por eleição triennal. Casou primeira vez com D. Isidora Portes d'El-Rei; segunda vez com D. Francisca das Chagas, filha do sargento-mór Manoel Pinto Barbosa, e de sua mulher Andreza de Castilhos, sem geração. Existe viuvo em 1771. E teve do primeiro matrimonio tres filhos naturaes de Taubaté.

6—1. José de Godoy Rodrigues, que indo com o coronel Christovão Pereira de Abreu no serviço de el-rei falleceu no Rio-Grande do Sul, solteiro.

6—2. Miguel de Godoy de Almeida Pires, casou em Itú com Maria do Prado, filha de... do Prado.

6—3. Maria Vieira da Maia, casou em Taubaté com João de Godoy Moraes, natural de S. Paulo, filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua mulher D. Anna Maria Pedroso, irmã de Christovão da Cunha de Moraes. Em Cunhas Gagos, cap. 1° § 4° n. 3—7.

4—2. Lourença Vieira, falleceu solteira.

4—3. Miguel de Almeida e Cunha, descobridor do ouro do arrayal de Itaverava nas Minas-Geraes, em cuja diligencia o barbaro gentio o matou. Foi casado em S. Paulo com.... filha de Manoel de Camargo. Esta viuva casou segunda vez com Francisco Pinto do Rego, coronel de Mogy e Jacareby, a quem matou Domingos Nunes Paes.

3—6. Diogo de Almeida, falleceu...

3—7. Maria de Almeida, foi casada com José Preto. (irmão de Gaspar Cardoso, de Francisco Preto, e de Paulo

Preto), natural de S. Paulo, onde falleceu em 1665; e sua mulher falleceu em Taubaté a 9 de Dezembro de 1700 (Orph. de Taubaté, inv. letra M. n. 8). Sem geração.

3—8. Martha de Miranda, falleceu em Taubaté com testamento a 14 de Abril de 1689, e foi casada com Francisco Cubas Preto (Ouvidoria de S. Paulo e residuo, o testamento de Martha de Miranda). E teve cinco filhos.

4—1. Martha de Miranda Antunes, mulher de João Corrêa da Veiga.

4—2. Maria de Miranda Antunes, mulher de Francisco Corrêa da Veiga; falleceu em 1725 (Orph. de Taubaté, inv. letra M. n. 30.) E teve

5—1. Maria da Estrella, mulher de Matheus Rodrigues do Prado.

5—2. Anastacia da Veiga, mulher de Francisco de Godoy.

5—3. Margarida Sobrinha, mulher de José Rodrigues do Prado.

5—4. Martha de Miranda Antunes.

4—3. Isabel de Miranda, mulher de Domingos do Prado Martins.

4—4. Francisco Cubas Preto.

4—5. Antonio da Cunha Gago, casou em Taubaté a 28 de Novembro de 1691 com Marianna do Prado, filha de Antonio do Prado Martins, e de sua mulher Maria da Costa.

3—9. Catharina de Onhatte, falleceu em Taubaté a 11 de Novembro de 1691: casou em vida de seus pais com Garcia Rodrigues Moniz, e ella foi natural de S. Paulo, assim como os filhos que teve.

4—1. Antonio Garcia da Cunha, falleceu em Taubaté com testamento a 10 de Março de 1732, e foi casado ao 1º de Novembro de 1688 em Taubaté com Maria Antunes Car-

doso. (Em tit. de Portes d'El-Rei, cap....) E teve naturaes de Taubaté doze filhos.

5—1. Francisco Portes.

5—2. Juliana de Oliveira, mulher de Antonio Raposo.

5—3. Catharina de Onhatte, mulher de Alvaro Soares.

5—4. Margarida Antunes, mulher de Manoel Moreira.

5—5. Angela da Motta, mulher de João Fernandes Sousa.

5—6. Francisca Cardoso, mulher de Gaspar Vaz.

5—7. Antonia Portes, mulher de João Barbosa.

5—8. Maria Portes, mulher de Guilherme Moreira, capitão em Taubaté em 1769.

5—9. João Garcia.

5—10. Martha.

5—11. Gertrudes.

5—12. Luzia, (Orph. de Taubaté, inv. A. n. 24.)

4—2. Garcia Rodrigues Moniz.

4—3. Miguel Garcia Rodrigues.

4—4. Martha de Miranda, casada com Domingos Vieira Cardoso, natural da villa de Santos, que falleceu em Taubaté em 1700 (Orph. de Taubaté, letra D. n. 23.), filho do capitão Antonio Vieira da Maia e de sua mulher Maria Cardoso. E teve treze filhos; em titulo de Vieiras Maias, em 13 §§.

3—10. Filippa de Almeida, casou em vida de seus pais com Francisco de Aguiar...

3—11. Sebastiana de Onhatte, natural de S. Paulo, falleceu em Taubaté com testamento a 24 de Outubro de 1702, casada em S. Paulo com Jorge Dias Velho, natural de S. Paulo, fundador da capella de Nossa Senhora da Ajuda no sitio de Caçapava, cuja construcção e ornamentos accusam a grandeza do seu fundador. E' de talha levantada, toda

dourada, e dentro de uma tribuna na capella-mór se vê collocada a imagem de S. Jorge, de perfeita construcção, vinda do reino, e está o santo a cavallo. A igreja é da vocação de Nossa Senhora da Ajuda. Este Jorge Velho foi irmão de Manoel Garcia Velho, que casou em Taubaté em 1688 com Maria Fragoso, filha do coronel Sebastião de Freitas e Maria Fragoso. O dito Jorge Dias Velho falleceu com testamento em Taubaté a 18 de Junho de 1727, e n'elle declarou ser natural de S. Paulo, e filho de Manoel Garcia Velho, e de Maria Nunes da Costa, e que casára primeira vez com Sebastiana de Onhatte (Ouv. de S. Paulo, residuo, testamento de Jorge Velho.) E teve seis filhos (Cart. de orph. de Taubaté, inv. letra J. n. 11.)

4—1. Antonio da Cunha Gago, falleceu a 31 de Março de 1749, foi casado com Margarida Antunes Cardoso (filha do capitão Thomé Portes d'El-Rei e Juliana de Oliveira) a 17 de Fevereiro de 1697 em a matriz de Taubaté. E teve

5—1. Thomé Portes da Cunha.
5—2. João Portes da Cunha.
5—3. Antonio da Cunha Portes.
5—4. Ignacio Rodrigues da Cunha.
5—5. Francisca.
5—6. Bernardino Portes.
5—7. Juliana de Oliveira Cunha.

4—2. Miguel Garcia Velho, sargento-mór, casado com Leonor Homem d'El-Rei, que são os pais de D. Isidora Portes d'El-Rei, mulher que foi de Francisco de Godoy de Almeida Pires, e do padre Francisco Homem d'El-Rei, clerigo. Em Portes d'El-Rei, cap. 1º § ....

4—3. Jorge Dias Velho, casou em Taubaté em 1709 com Rosa de Moraes, filha de João Sobrinho de Moraes, e de Maria Gonçalves.

4—4. O padre Manoel Rodrigues Velho, clerigo.

4—5. Maria Velha, mulher do capitão Antonio Cabral da Silva.

4—6. Martha de Miranda, surda e muda, casou em Taubaté em 1688 com João Barbosa, que já era viuvo na cidade de S. Paulo.

§ 3.º

2—3. Anna de Almeida, casou na matriz de S. Paulo a 21 de Novembro de 1632 com Henrique da Cunha Gago, em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—1. Falleceu Anna de Almeida a 30 de Agosto de 1680 (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra A. n. 14.) E teve tres filhos:

3—1 Miguel de Almeida, foi casado com Maria Soares, moradora na villa de Itú.

3—2. Henrique da Cunha.

3—3. Maria de Freitas, casou com Antonio Soares, irmão de Maria Soares, supra, morador em Itú.

§ 4.º

2—4. Filippa de Almeida, foi casada com João da Cunha Lobo, que falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Setembro de 1681, filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher Maria de Freitas, em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—2; (Cart. de orph., maço 1º letra J. n. 45.) E teve oito filhos.

3—1. João, falleceu menino.

3—2. Henrique, falleceu menino.

3—3. Miguel de Almeida.

3—4. Maria de Freitas, mulher de Lourenço de Lemos.

3—5. Anna da Cunha, casou com Baptista Maciel, o

qual falleceu no anno de 1682. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra B. n. 45.) E teve quatro filhos.

4—1. João da Cunha.
4—2. Baptista Maciel.
4—3. Maria Maciel.
4—4. Domingas.

3—6. Isabel da Cunha, mulher de Miguel Fernandes.

3—7. Catharina de Almeida, falleceu no Atibaia com testamento a 20 de Março de 1725, e jaz na capella-mór do Atibaia (Test. no eccles. de S. Paulo. letra C. n. 1.) Foi casada com Sebastião Machado de Lima, que falleceu nas Minas-Geraes em 1720. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 2º letra S. n. 3.) E teve.

4—1. Domingos Machado de Almeida.

4—2. Sebastião Machado de Lima.

4—3. Henrique da Cunha, que casando deixou tres filhos, Joanna, João e Catharina.

4—4. Maria de Lima, que casou com Antonio Raposo Barbosa.

4—5. João da Cunha Lima, falleceu solteiro.

3—8, Filippa de Almeida, ignoramos o estado, que teve.

§ 5.º

2—5. Ursula de Almeida, foi casada com Lourenço de Amores de Siqueira, natural da villa de Santos (irmão inteiro de Domingos de Amores, primeiro coronel que teve o regimento das ordenanças, que levantou em S. Paulo pelos annos de 1698, Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, que veiu a S. Paulo por ordem régia (como temos tratado em tit. de Camargos, cap. 8º § 3º n. 3—10.) Falleceu Lourenço de Amores em S. Paulo com testamento a 18 de Julho de 1685, filho de

Domingos de Amores, e de sua mulher Antonia de Siqueira, (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra L. n. 19.) E teve sete filhos, nascidos em S. Paulo.

3—1. Antonia de Siqueira, casada em vida de seus pais com Manoel da Cunha Gago.

3—2. Maria do Prado, casada em vida de seus pais com Gervasio Lobo de Oliveira.

3—3. Ignacia de Siqueira, casada em vida de seus pais com Antonio Vieira da Maia. Em tit. de Vieiras Maias, capº 6º. Com geração.

3—4. Catharina de Almeida, mulher de Paulo Vieira da Maia, filho de Antonio Vieira da Maia natural de Guimarães de quem tratamos no § 2º n. 3—5 retro. Em tit. de Vaz Guedes, cap. 5º. E em tit. de Vieiras Maias, cap... Com geração.

3—5. Domingos de Amores de Almeida.

3—6. Martha de Miranda, foi casada com o afamado paulista o capitão João Pires de Brito, que falleceu em Taubaté sem geração e de quem tratamos no cap. 6º § 3º n. 3—3.

3—7. Victoria de Siqueira....

§ 6.º

2—6. Maria da Assumpção, foi beata com habito de S. Francisco e falleceu solteira.

§ 7.º

2—7. Salvador de Miranda, cidadão de S. Paulo, onde casou com Antonia Ribeira (estando viuva do seu primeiro marido Gaspar Vaz Guedes (que era natural da villa de Mogy das Cruzes) e falleceu com testamento a 22 de Dezembro de 1668, e sua mulher falleceu com testamento a 14 de Março de 1681 (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1º

de inv. letra S. n. 46. E letra A. maço 1° n. 3. E teve tres filhos nascidos em S. Paulo.

3—1. Miguel de Almeida.

3—2. Antonio de Almeida de Miranda, cidadão de S. Paulo, falleceu com testamento a 20 de Maio de 1672, e foi casado com Catharina Dias (irmã de Antonio Garcia) que falleceu em 1714 ; e casou segunda vez com Manoel Gonçalves Morgado, de quem teve dois filhos, Miguel Gonçalves, e Catharina Dias mulher de Francisco Rodrigues do Prado (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço de inv. ant. o de Catharina Dias.) E teve cinco filhos (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 3° de inv. letra A. n. 2°.)

4—1. Salvador de Miranda, casou em S. Paulo a 19 de Agosto de 1697 com Joanna de Camargo Pires. Em tit. de Pires, cap. 6° § 6° n. 3—5.

4—2. Antonio de Miranda, casou.

4—3. Manoel de Miranda, casou.

4—4. Antonio de Miranda, casou, e teve tres filhos, João de Miranda, Isabel Garcez, mulher de Paulo Ribeiro, e Maria Garcez, mulher de Manoel da Costa.

4—5. Joanna de Miranda, casou.

3—3. Maria Ribeira, casou com Belchior de Godoy. Em tit. de Godoys, cap. 1° § 4°. Com geração.

§ 8.°

2—8. Fr. Miguel, religioso franciscano da provincia do Rio de Janeiro.

§ 9.°

2—9. Diogo de Almeida, falleceu solteiro.

§ 10.

2—10. Antonio de Almeida, falleceu solteiro.

§ 11.

2—11. Francisco de Almeida, falleceu solteiro.

§ 12 ultimo.

2—12. Anna, falleceu menina. Tudo consta do testamento e inventario de sua mãi Maria do Prado, etc.

CAPITULO VIII

1—8. Martim do Prado, conforme o que declarou no testamento com que falleceu em S. Paulo a 19 de Abril do 1616, casou duas vezes: primeira com Paula de Fontes em a villa de S. Vicente; segunda com Antonia de Sobral, que falleceu com testamento a 18 de Abril de 1616 (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 3º de inv. letra M. n. 17 o inv. de Martim do Prado.) E teve do primeiro matrimonio filho unico: do segundo teve sete filhos, cuja naturalidade ignoramos.

PRIMEIRO MATRIMONIO.

Domingos do Prado... § 1.º

SEGUNDO MATRIMONIO.

Manoel do Prado..... § 2.º
Antonio do Prado..... § 3.º
Pedro do Prado...... § 4.º
João do Prado........ § 5.º
Maria do Prado....... § 6.º
Sebastiana do Prado... § 7.º
Helena do Prado...... § 8.º

Do segundo matrimonio procedem os Prados da cidade do Rio de Janeiro; entre cujos descendentes foi Christovão Lopes Leitão, que foi morador na freguezia de Irajá, de Nossa Senhora da Penha, onde teve uma quinta com capella de vocação S. Christovão; e foi pai de Francisco Viegas Leitão, o qual casando em Lisboa teve um filho frade

da ordem de Christo no convento de Thomar. O dito Christovão Lopes Leitão foi irmão de Fr. Christovão de Christo, que foi benedictino, e D. abbade no mosteiro de S Bento do Rio de Janeiro. Estes Prados são os mesmos Prados e parentes dos descendentes de Clara Martins, a qual era prima de João do Prado, como referimos no principio d'este titulo.

§ 1.°

2—1. Domingos do Prado, casou na matriz de S. Paulo duas vezes: primeira com Philippe Leme: segunda vez a 12 de Agosto de 1637 (estando seus pais moradores na villa de S. Vicente) com D. Violante de Gusmão, filha de Barnabé de Contreras e Leon, e de sua mulher D. Beatriz de Spinosa, natural de Santiago de Xerez da provincia de Paraguay, cidade da Assumpção. Esta D. Violante foi sobrinha direita de Gabriel Ponce de Leon, em cuja companhia veiu a S. Paulo, e dito Ponce casou na villa de Parnahyba com D. Maria de Torales, natural da mesma villa, e filha do fundador e povoador d'ella, Balthazar Fernandes, e de sua mulher D. Maria de Zuniga, natural de villa Rica de Paraguay, que tinha vindo a S. Paulo com seu irmão Bartholomêo de Torales; e eram filhos do capitão Bartholomêo de Torales, e de sua mulher D. Violante de Zuniga. O tal Gabriel Ponce de Leon, que casou na Parnahyba, falleceu na mesma villa com testamento a 7 de Outubro de 1655 (que se acha nos autos do seu inventario no cartorio de orphãos de Parnahyba, letra G, n. 128), em que declarou ser natural da provincia de Paraguay da cidade Real de Guairá, filho do capitão Barnabé de Contreras, e de sua mulher D Vioalante de Gusmão. (Em titulo de Ponces Torales, cap. 1° e 2°.)

Domingos do Prado teve do primeiro matrimonio cinco

filhos: do segundo teve filho unico. Tudo consta do testamento com que falleceu em 8 de Agosto de 1639. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra D, n. 23.)

Filhos do primeiro matrimonio

3—1. Braz Leme.

3—2. Antonia Leme.

3—3. Alonça do Prado, mulher de Domingos Lamim.

3—4. Leonor Leme.

3—5. Domingos.

Filhos do segundo matrimonio

3—6. Antonio.

§ 2.º

2—2. Manoel do Prado, sabemos que casou, como consta do inventario de seu pai, mas ignoramos com quem e se teve geração.

§ 3.º

2—3. Antonio do Prado, como consta do inventario dos bens de seu pai feito em 1616, que era morador na villa de Mogy das Cruzes. Não sabemos com quem casou, e sómente que do seu matrimonio procedem os Prados d'esta villa e foram seus filhos:

3—1. Salvador do Prado, natural de Mogy, que falleceu a 2 de Junho de 1686, casado com Isabel da Silva, tambem natural da villa de Mogy. (Cartorio de orphãos de Mogy, inventarios, letra S, n. 7.) E teve filha unica:

4—. Maria do Prado, casou com Francisco de Borja Xavier (nasceu no mar, e se baptizou na igreja matriz do Rio de Janeiro, para onde vinham seus pais Pedro de Barros

sargento-mór do regimento da artilheria d'aquelle presidio, e foi governador da fortaleza de S. João, e de sua mulher D. Josepha Rodrigues, ambos naturaes da villa de Gaya da cidade do Porto) de cujo matrimonio nasceram na villa de Mogy seis filhos:

5—1. Faustino Xavier do Prado. * Quando o A. escreveu já era este padre conego da Sé de S. Paulo, depois de ter sido vigario em mais de uma igreja do bispado. O A. tinha tenção de augmentar a sua narração, e esperava talvez por noticias que tinha pedido ao mesmo conego, como consta de uma exposição avulsa dos seus ascendentes; no fim da qual consultava sobre algumas cousas, que foram decididas umas e outras não. O mesmo conego existe em S. Paulo n'este anno de 1795.

5—2. Angelo Xavier do Prado, em titulo de Rendons. (Com geração.)

5—3. D. Anna Xavier de Jesus, mulher de Francisco Pedroso Navarro, filho de Estanisláo Corrêa de Moraes. (Em titulo de Moraes, cap. 1°, § 7.) Com dois filhos:

6—1. O padre Faustino Xavier de Moraes.

6—2. Anna Maria do Espirito Santo, casada com José Lopes de Oliveira. (Em titulo de Siqueiras.)

5—4. Pedro de Barros, que, estando noviço jesuita, foi demittido com 23 companheiros por ordem regia intimada pelo desembargador Cyriaco Antonio de Moura Tavares.

5—5. D. Sebastiana...., mulher de José de Candia de Abreu.

5—6. D. Josepha.... mulher de Ignacio de Moraes Sarmento, natural de Carracido Monte-Negro, da provincia de Traz os Montes.

3—2. Manoel do Prado, falleceu em Mogy em 1660,

casado com Maria de Siqueira. (Orphãos de Mogy, letra M, n. 48.) E teve filha unica:

4—. Catharina.

§§ 4°, 5°, 6°, 7°, 8°. ultimo.

2—4. Pedro do Prado, falleceu solteiro.

2—5. João do Prado, se foi morador da villa de Mogy, em tal certeza sabemos que casou com Catharina Vaz, e que foi sua filha Antonia do Prado, que na matriz de Mogy casou com Antonio Delgado, filho de Francisco Delgado, e de sua mulher Maria Pedroso.

2—6. Maria do Prado....

2—7. Sebastiana do Prado....

2—8. Helena do Prado, casou, como consta do testamento e inventario de seu pai, e ignoramos com quem.

CAPITULO IX

1—9. Pedro do Prado, foi nobre cidadão de S. Paulo, e serviu os cargos de sua republica; foi casado com Antonia Leme, filha de Matheus Leme, e de sua mulher Antonia de Chaves. (Em titulo de Lemes, cap. 2°, § 4°.) Antonia Lemes falleceu com testamento em S. Paulo a 23 de Dezembro de 1682. (Cartorio de orphãos, maço 1° de inventarios, letra A, n. 31.) E teve nascidos em S. Paulo oito filhos, que se acham no dito titulo de Lemes, e no § 4° do cap. 2° acima indicado.

CAPITULO X E XI ULTIMO

1—10. Anna Maria do Prado, falleceu solteira.

1—11. Clara, falleceu solteira.

(Continúa.)

BREVES CONSIDERAÇÕES

ÁCERCA DE ALGUNS DOCUMENTOS TRAZIDOS DO PARAGUAY

PELO

DR. JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA

Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

---

Acompanhando ao Paraguay S. A. Real o Sr. conde d'Eu, novo e muito illustre general em chefe de todas as forças brasileiras em operações n'aquella republica, ao penetrar no theatro de tanta heroicidade, sacrificios, constancia e gloria para o nome brasileiro, eu não podia esquecer-me de que na qualidade de membro, embora obscuro, do Instituto Historico Brasileiro corria-me o dever de concorrer, na proporção de minhas forças, para tornar mais conhecido aquelle malfadado paiz, e, sobretudo, para elucidar pontos pouco claros e questões duvidosas da guerra a que foramos arrastados, de modo a facilitar as apreciações da historia.

Desde logo foi meu empenho procurar obter a maior somma possivel de documentos, que por qualquer modo podessem ser de utilidade para o fim que tinha em vista.

Se, calculando mal os meus recursos, eu me abalançasse então a maiores commettimentos, bem depressa teria de abandonar a temeraria empreza; pois que escriptores muito mais competentes tomáram a si o encargo de descreverem o paiz em que iamos penetrando e as operações da nova campanha, e trataram d'estes assumptos com tal elevação de pensamento e de estylo, a que certamente eu não poderia attingir.

Com effeito, seria difficil ao mais habil descrever melhor do que o fez o nosso joven e talentoso consocio o Sr. Dr. Taunay, tanto no *Diario do Exercito* como em suas correspondencias para o *Jornal do Commercio*, o aspecto geral do paiz, a natureza de seu solo, recursos naturaes e producções, bem como os costumes, indole e caracter dos habitantes; as scenas tão variadas da vida de acampamento, ora alegres e ruidosas, ora tristes e compungentes. Seria difficil, repito, fazer mais justas, bem cabidas e philosophicas reflexões no campo scientifico como na ordem moral, e bem assim apreciar com mais rectidão e independencia os vultos proeminentes do exercito e os acontecimentos mais notaveis da campanha. Se a todos estes meritos se juntar a pureza e correcção da linguagem, a fluencia e elegancia do estylo, ter-se-ha um conjuncto de qualidades pouco communs em um escriptor. As « *Correspondencias* e o *Diario do Exercito*» do distincto autor da *Retirada da Laguna* deverão ser consultados por quem emprehender escrever a historia da guerra do Paraguay, sobretudo a da ultima campanha. Mas, se para tal fim estes trabalhos devem ser consultados com proveito, ainda com mais razão e fundamento sel-o-hão as *Ordens do dia* de Sua Alteza o Sr. conde d'Eu e os seus officios ao ministerio da guerra, pois que estes documentos encerram a historia mais bem traçada, conscienciosa e justificada das operações militares da ultima campanha. Ha sobretudo, n'essa preciosa collecção, o memoravel officio de 3 de Setembro de 1869, datado de Caraguatay, no qual o general em chefe descreve as operações do mez de Agosto nas Cordilheiras e aprecia a conducta dos generaes, officiaes e praças durante este glorioso periodo. Diante d'essa peça official o leitor fica em duvida ácerca do que mereça mais louvor : se o valor e dedicação dos subordinados, se a pe-

ricia do chefe illustre que os guiou ao combate e á victoria, ou se o talento e consummada habilidade com que ella está redigida.

Ao methodo, concisão e escrupulosa fidelidade na exposição minuciosa e detalhada dos acontecimentos, á clareza e expressão da phrase, reuniu o augusto autor do officio mais um grande, incontestavel e raro merito. Elle soube, na apreciação justiceira e equitativa dos serviços de cada um fazer uso de expressões que dessem perfeita conta da natureza do serviço e aquilatassem bem a importancia real e o merecimento particular do individuo, empregando com rara felicidade de pensamento e de linguagem o adjectivo qualificativo mais apropriado, conveniente e direi mesmo especifico para cada caso.

Se o emprego do adjectivo qualificativo é apreciado na poesia e tão admirado nas immortaes satyras de Nicoláo Tolentino, em um documento da ordem d'aquelle a que me estou referindo elle constituia uma perigosa tentativa, pois expunha ao risco de offender as susceptibilidades de homens extremamente ciosos de sua valentia e serviços; mas o perigo foi perfeitamente conjurado pela habilidade e justiça distributiva da qualificação, e esse é um dos grandes meritos que encontro no officio de 3 de Setembro, pois que nem uma só queixa ouvi articular em todo o exercito.

A felicidade com que foi redigido este documento só póde ser excedida pela modestia e nobreza d'alma de seu augusto autor, o qual, prodigalisando elogios e fazendo realçár os serviços de todos, sómente para si reservou a responsabilidade dos erros, se erros tivessem tido lugar.

Tendo explicado o porque não escrevi, tenho a accrescentar que, se o não fiz, ao menos não desisti da ideia de colleccionar; e hoje venho offerecer ao Instituto tudo quan-

to me foi possivel conseguir em materia de documentos que possam ser de alguma utilidade para a historia da guerra do Paraguay, e tambem para melhor conhecimento d'este paiz, de seus habitantes e governo.

Maior podéra ter sido a colheita, se não encontrára poderoso concurrente na pessoa do illustrado Sr. conselheiro Paranhos, em cujas mãos param preciosos documentos, como seja entre outros o registro da correspondencia official do ministerio de relações exteriores do Paraguay, correspondencia trocada desde tempos anteriores á campanha oriental até fins de 1868, se me não falha a memoria.

A parte mais importante da minha pequena dadiva é a collecção do jornal *Semanario* unica que foi encontrada quasi completa em todo o Paraguay, e cuja posse obtive de Sua Alteza afim de offerecêl-a ao Instituto.

Quanto aos documentos que tambem fazem parte da collecção, para que se possa comprehender o tal ou qual merito que lhes encontro, julgo preciso que ácerca de cada um d'elles eu diga algumas palavras, que porventura possam realçar seu valor e explicar sua utilidade.

O governo do Paraguay foi sempre despota, cioso do seu supremo poder e barbaro na applicação dos meios conducentes á satisfação de suas ordens e caprichos. O decreto, de que consta o documento n. 1, mostra até que ponto Carlos Antonio Lopez era susceptivel de ciume pelas suas prerogativas; pois que por esse decreto o dito presidente prohibe que haja repiques de sinos á entrada e sahida do bispo nas igrejas, assim como veda ao bispo o uso da capa magna, afim de que em caso algum este se podesse sobre-elevar ao supremo governo.

Pelo documento n. 2 vê-se o mesmo governo lançando mão dos bens da igreja e fixando ordenado aos curas, não

porque este proceder seja mais regular e equitativo, mas sim pela razão confessada de que avultavam muito os dizimos da igreja, e que, portanto, deviam ser cobrados pelo governo, isto é, ir parar ás mãos do presidente, que então era Carlos Antonio Lopez.

Pelo documento n. 3 se mostra como, de sua data em diante, ficavam sendo pagos os ordenados aos curas, funccionarios publicos e militares. Nada mais simples e economico do que o systema adoptado então. Diz assim : « O governo, entendendo conveniente que o papel-moeda (emittido no mesmo anno do documento, 1847) tenha curso a par do metallico, ordena que os soldos civis e ecclesiasticos sejam pagos metade em metal e metade em papel (bilhetes), e os soldos militares um terço em metal, um terço em bilhetes e o resto em generos. « Todo aquelle que puzer embaraço ao curso legal dos bilhetes de qualquer classe, em seu valor real e pela fórma ordenada, soffrerá multa de 100 a 200 pesos fortes, e finalmente prisão se o denunciado não tiver meios, até ulterior decisão do governo. » Que excellente maneira de ter sempre o cambio ao par! Ao menos o Paraguay não soffria da febre de agiotagem !

Pelo documento n. 4 se evidencía o nenhum respeito que na intitulada republica se tinha pela liberdade e dignidade do cidadão. Por esse decreto ordenava Carlos Antonio Lopez que os denunciados como incorrigiveis ociosos fossem presos e castigados com 25 a 50 açoites, do mesmo modo por que se castigava os ladrões de estrada. Assim, bastava uma simples denuncia de ociosidade ou resistencia aos trabalhos da agricultura, para que, sem mais fórma de processo, o cidadão soffresse castigo infamante ! Sempre a espionagem e a denuncia acoroçoadas, como se fossem meios honestos de governar !

Entrando na analyse dos documentos pertencentes já á época do dominio de Solano Lopez, notarei em primeiro lugar e sob a numeração 4 A o itinerario que deveriam seguir os espiões que fossem a Corrientes para examinarem as forças alliadas. E' apenas um borrão sem assignatura, mas não deixa de ser curioso.

O n. 5 comprehende grande parte da correspondencia dirigida ao marechal Lopez pelo tenente-coronel Hermogenes Cabral, commandante das forças paraguayas em Matto-Grosso em 1866. De sua leitura chega-se ao conhecimento de uma pequena parte dos soffrimentos por que passaram os desgraçados habitantes de Matto-Grosso, tanto nacionaes como estrangeiros. Alguns que, não sendo prisioneiros de guerra mas simplesmente moradores no lugar, pretenderam internar-se pelos bosques, afim de não serem remettidos para Assumpção, foram perseguidos, caçados e mortos ou carregados de ferros; outros, por não pagarem certas multas, foram tambem postos a ferros e remettidos para Assumpção. Assim aconteceu ao italiano Colombino, de quem pretendeu o general Barrios extorquir quatro mil pesos fortes.

A estes pobres habitantes apenas concedia Hermogenes Cabral uma rez para 240 individuos, ao passo que os paraguayos tinham uma rez para 67 praças, como se vê do mappa junto á correspondencia.

As forças paraguayas em Matto-Grosso, do 1 de Agosto de 1866 em diante, depois do regresso de 554 homens a Assumpção, ficaram mui reduzidas, pois que em Corumbá só restavam 300 praças, em Coimbra (calculando pelo numero de rezes consumidas) 87, em Albuquerque 38 (segundo os mesmos dados), e assim por diante em outros pontos e guardas, e sem contar a marinha.

Acompanha o mappa de consumo de rezes a lista no-

minal dos brasileiros, indigenas e estrangeiros, que, em data de 1 de Agosto de 1866, foram remettidos de Corumbá para Assumpção. Consta da relação que tiveram esse destino 111 brasileiros, 142 *quiniquindós*, 38 *guanás* e 71 estrangeiros, sendo 38 italianos (levando em companhia 29 mulheres e crianças), 14 portuguezes, 8 hespanhóes, e os 11 restantes allemães, francezes, bolivianos, etc. Total 324 homens, além de 31 mulheres e crianças. De toda essa gente bem pouca foi a que escapou á morte e pôde ser libertada nas Cordilheiras, S. Pedro e Concepcion; e essa mesma constava quasi toda de indios, que melhor poderam resistir aos trabalhos e soffrimentos, ou que menos suspeitos se tornaram ao tyranno.

Não foi sómente no dia 1 de Agosto de 1866 que Hermogenes Cabral remetteu presos de Matto-Grosso para Assumpção habitantes d'aquella infeliz provincia; outras remessas fez elle, mas das quaes não tenho documentos.

E' de summa importancia em referencia á historia da guerra e das operações militares, segundo penso, o documento n. 6. Consta de um grande e bem elaborado quadro ou mappa das forças paraguayas de guarnição a Humaytá e Curupayti, bem como do parque de artilheria, trem de guerra, etc., d'estas duas fortificações; é datado de 31 de Maio de 1866 e assignado pelo coronel Elizalde Aquino, então chefe d'estado-maior de Lopez. Do exame d'este mappa se deduz: em primeiro lugar, que as ditas fortificações tinham guarnição especial, independente do exercito chamado do Sul; em segundo lugar, que essa guarnição constante de 10,018 homens no fim de Abril e recebendo depois mais 34 altas, achava-se reduzida no dia 31 de Maio (data do mappa) a 5,139, e d'estes só 3,505 promptos a formarem; em terceiro lugar, que os 4,913 que faltam não succumbiram na batalha de 24 de Maio, nem foram

feridos para os hospitaes, mas sim tiveram de ir reforçar o exercito do Sul só depois da batalha do Estero Bellaco, pois que, se tivessem ido antes e tomado parte na mortifera acção, onde as perdas excederam á metade da força que brigou, segundo ouvi aos mais intelligentes chefes e officiaes paraguayos, certamente que não mencionaria o mappa sómente 65 casos de morte em combate em todo o mez de Maio, e isto sobre todo o pessoal mencionado de 10,018 homens. Este mappa vem confirmar o depoimento do general Resquin, na parte em que este declara que Lopez não empenhára todas as suas forças na batalha do Estero Bellaco, a 24 de Maio; mas que deixára em Humaytá mais de 10,000 homens. Se a força paraguaya que combateu n'essa batalha constava, como é geralmente admittido, de 24,000 homens e ficou reduzida á metade ou 12,000, quando muita, juntando-lhes cerca de 5,000 praças tiradas da guarnição de Humaytá, vê-se que depois de 24 de Maio o exercito paraguayo ficou ainda composto de 17,000 homens, pouco mais ou menos; sem contar todavia os 3,500 promptos a formarem em Humaytá e Curupayti.

Ha muito quem pense que seria empreza facil levar de vencida Curupayti, logo em seguida á tomada de Curuzú; entretanto, parece que aquella posição, embora se tornasse depois muito mais forte, já a 31 de Maio era assaz respeitavel: pois, como se vê no mappa, já n'aquella época ella contava 38 canhões, obuzes e morteiros, bem que de artilheria ligeira; ao passo que em Curuzú só foram encontrados 13, se me não falha a memoria.

A artilheria de Humaytá constava então de 152 canhões e obuzes de diversos calibres, mais fortes todos que os de Curupayti.

O documento n. 7 consta do mappa demonstrativo da

guarnição de Assumpção, em 25 de Fevereiro de 1866. A tropa disponivel se compunha de 2 chefes, 26 officiaes e 1,288 soldados, mas o effectivo d'essa força alcançava 4,325 praças, incluindo 3,009 de todas as classes empregadas em guarnições de todos os lugares visinhos e tambem de alguns remotos, como S. Pedro e Ihú.

O documento n. 8 é a acta da sessão que teve lugar a 15 de Abril de 1866 em uma assembléa de pessoas notaveis d'Assumpção, reunidas com o fim de discutirem a ideia que vingou de offerecer-se ao grande homem, marechal Lopez, um album de ouro com a expressão da gratidão nacional e as assignaturas dos que concorressem. O enthusiasmo de um dos membros d'assembléa suggeriu ainda outro projecto, sem prejuizo do principal, e foi o de erigir-se em uma das praças d'Assumpção um monumento a Lopez, que consistiria em uma columna ou obelisco.

Haveria sinceridade n'essas manifestações enthusiasticas? E' possivel que n'essa época, quando ainda se não haviam desenhado bem os traços caracteristicos do egoismo e revoltante crueldade de Solano Lopez, aquelles conspicuos cidadãos paraguayos, acreditando que elle realmente defendia a causa nacional, a honra e integridade do Paraguay, se deixassem possuir d'aquelles arroubos enthusiasticos pela pessoa do marechal presidente.

Se houve sinceridade, como me inclino a crer, a decepção deve ter sido cruel e o arrependimento bem amargo; se baixeza houve, soffreu ella terrivel punição. Com effeito, quantos dos que assignaram seus nomes n'essa acta, para maior gloria *del Supremo*, foram depois por ordem d'este açoitados, lanceados, fuzilados, ou quando menos acorrentados e por longos mezes retidos em sombrios carceres? Em prova d'isto lá estão as assignaturas do velho Elorduy, lanceado em S. Fernando, as de Barrios, Urda-

pilletas, Ortellados, Recaldes, Dentellas, Valdovinos, Felix Carrilho e de tantas outras victimas do Nero do Novo Mundo.

Os documentos ns. 9 e 9 A são interessantes. Reunira-se n'Assumpção em principio de 1867 uma assembléa de senhoras, filhas da capital, para a realisação do pensamento de offerecerem ao chefe supremo da republica as joias e objectos de valor do bello sexo, para augmento dos elementos de defesa do paiz. D'essa ideia fôra a principal e estrenua defensora a irmã do bispo, Carmen Palacios, que tanto se distinguira no saque de Corumbá, onde fôra ter acompanhando Innocencia Barrios, mulher do general (então coronel) d'este nome. E' ainda Carmen Palacios e Josefa Carilho, proxima parenta de Lopez, quem assignam estes dois documentos, na qualidade de membros da commissão directora creada pela dita assembléa. O primeiro d'esses documentos é um officio dirigido a varias pessoas notaveis do departamento de Arroyos e Esteros, accusando recepção de outro que por estas ultimas lhes fôra dirigido e em que declaram adherir completamente ás ideias da assembléa.

O segundo é um recibo de 259 *manifestações* de joias e objectos preciosos remettidos pelas senhoras da commissão de Arroyos e Esteros. Quem tiver percorrido este departamento e notado a insignificancia de suas povoações, o diminuto numero de casas dispersas pelo interior, a evidente penuria que em todos os tempos deve ter pesado sobre a mór parte dos habitantes d'esse tão pouco povoado departamento, cujo solo alagadiço, coberto de pantanos, sangas e atoleiros, tão mal se presta á cultura e á creação do gado, sendo porém o mais proprio para desenvolvimento de miasmas insalubres; quem tudo isto viu e notou, é só quem póde fazer uma justa e cabal ideia

da enormidade do sacrificio imposto ás infelizes mulheres d'esse pobre departamento. Se a collecta teve lugar proporcionalmente á riqueza dos departamentos, então mui copiosa deve ella ter sido; pois que, se um dos mais pobres d'entre elles chegou a fornecer 259 *manifestações*, os ricos departamentos de Villa-Rica, Cordilhera e outros deveriam enviar o décuplo. Caro, bem caro pagou Carmen Palacios a consideravel parte que teve em toda esta vasta extorsão! A morte de seu irmão (o bispo) e a sorte de *destinada* em Ibú, Curuguaty, Nhandorocay e Espadim, sorte que tambem compartilharam sua mãi e prima; taes foram as recompensas de seu pharisaico zêlo pela gloria e poder de Lopez e pelo exterminio dos brasileiros. A estes por sua vez ella veiu prodigalisar adulações baixas quando na companhia de sua mãi chegou a Curuguaty no grupo das resgatadas no Espadim pelo intrepido tenente-coronel Moura. Por uma singular coincidencia, na mesma occasião foi libertada e entrou em Curuguaty Assumpcion Palacios de Zalduondo, a quem nos dois officios referidos se havia dirigido Carmen Palacios.

Para fazer crer que o enthusiasmo não arrefecia, e procurar assim conservar o moral da tropa e o prestigio á autoridade suprema de Lopez, os seus agentes eram incançaveis em promover e mesmo ordenar manifestações, ainda as mais extravagantes e ridiculas, comtanto que tendessem ao desejado fim. D'esta ordem foi a manifestação das cidadãs de Pirayu pedindo para empunharem armas e permissão para usar d'ellas em defesa da patria e do marechal Lopez: é o que consta do documento n. 10.

O documento n. 11 tem sua importancia, pois justifica a conducta dos chefes e tropas brasileiras da pecha, que se lhes quiz irrogar, de haverem entrado em uma cidade

(Assumpção) meramente commercial, e disposto do que dentro d'ella se achava. Esse documento é um bando do vice-presidente da republica Sanchez, datado de 22 de Fevereiro de 1868, declarando Assumpção ponto militar, e determinando que, 48 horas depois de sua publicação, os habitantes evacuariam a cidade, retirando-se para pontos determinados; bem assim que seria fusilado todo aquelle que fosse encontrado roubando pelas casas e ruas. Assim pois, Assumpção era praça de guerra quando n'ella entrou a brigada commandada pelo coronel Hermes, e portanto tudo quanto n'ella se encerrava e que seus habitantes fugitivos não poderam levar comsigo, pertencia ao vencedor; além de que, não obstante a ameaça de fusilamento immediato, muito roubáram na cidade abandonada as proprias autoridades paraguayas, conforme se lê na excellente *Memoria* de M^me^ Laserre.

O documento n. 12 é a consequencia do precedente e da passagem de Humaytá pelos encouraçados. E' um decreto datado de Passo-Pucú a 25 de Fevereiro de 1868, no qual o presidente marechal declara o territorio da republica em estado de sitio.

O documento n. 13 é uma acta da reunião geral do povo convocado a 11 de Janeiro de 1868 para ouvir a conta que de sua missão tinha de prestar a commissão encarregada de ir offerecer ao marechal presidente uma espada de honra. Encontra-se n'essa peça o discurso do padre Espinosa, relator da commissão, ao entregar e o do marechal ao receber a espada; o primeiro é repassado da mais baixa adulação e o segundo é pretencioso e bombastico. Seguem-se as assignaturas, e logo a primeira é a de Venancio Lopez, irmão do tyranno, que morreu de miseria e máos tratos na estrada de Chiriguêlo; como tambem foram victimas quasi todos os outros signatarios da acta em questão.

E' interessante por mais de um titulo a collecção que traz o numero 14. Trata-se de um convenio entre M. Cuverville (agente consular francez na Assumpção) e as senhoras da commissão directora nomeada e encarregada da realisação do mimo de uma grinalda ou corôa, e de uma gorra triumphal de ouro e brilhantes para offerecer-se ao marechal presidente em nome do bello sexo. Ha duas cópias do convenio, sem datas nem assignaturas. A letra do escripto em francez e, sem questão, do punho de M. Cuverville; julgo que o convenio teve lugar en 1868 antes da passagem dos encouraçados por Humaytá. Cuverville se propõe a mandar fazer a referida encommenda mediante a somma de 40,000 francos ou 500 onças de ouro, sem retirar commissão alguma, mas só para dar provas a S. Ex. de sua respeitosa admiração; entende que taes objectos só em Pariz poderão ser bem feitos e não no Rio de Janeiro. E' notavel que elle chegasse a admittir a possibilidade de que n'esta côrte se fabricasse uma corôa e uma gorra triumphal para Lopez! Quem foi M. Cuverville no Paraguay sabiamos todos e, pois, não nos admirámos de mais uma indignidade de sua parte. Do commensal habitual de M^me Lynch e seu fiel companheiro e de Lopez nas copiosas libações, do agente consular francez que miseravelmente abandonou a cruel sorte que os aguardava seus infelizes compatriotas Leplat, Lasserre, Anglade e outros, para não comprometter-se; do homem revestido de caracter official, que não trepidou em pôr a salvo sob a protecção da gloriosa bandeira de sua nação preciosos objectos (taes como magnifico piano, ricos espelhos e outros) que do palacio da Lynch, onde sem ceremonia se installára, transportou para outra casa, quando foi forçado a abandonar o dito palacio, confessando esta torpeza em publico documento ao fallecido brigadeiro (então coronel) Paranhos; de

quem assim praticou que outra cousa se deveria esperar senão vêl-o rojar-se aos pés de Lopez e mostrar-se lhe tão dedicado, como mais tarde procurava, diante de Sua Alteza e de todos os brasileiros, mostrar-se adverso ao feroz presidente?

O documento n. 15 é ainda uma acta, datada de 31 de Maio de 1868, de uma assembléa de senhoras reunidas em Luque, com o fim de pedirem que na primeira moeda que se ia cunhar no Paraguay, com o ouro resultante das joias por ellas offerecidas, se ostentasse a effigie do genio e anjo tutelar da republica, e bem assim que nas outras moedas cunhadas d'ahi em diante viesse sempre a dita effigie com a fronte laureada. Susanna Cespedes de Cespedes assigna antes de suas companheiras de Gill, de Haèdo, Deutella, Burguez e outras, parecendo dirigil-as, como mais tarde as capitaneou quando, estando *destinadas* em Passo Espadim, foram as primeiras a fugir através de campos e bosques, guiadas pelo indio Galeano. Ainda mais uma vez Lopez recompensou condignamente a quem tamanha dedicação parecia consagrar-lhe!

O documento n. 16 é bem digno de attenção por mostrar a maneira pela qual eram tratados no Paraguay os prisioneiros, ainda mesmo do sexo feminino. O juiz de paz de Luque participa á autoridade superior que em certa occasião uma prisioneira entreriana, ouvindo gritar: «morra Mitre», revoltára-se contra isso e dissera que mais depressa morreria Lopez; que os circumstantes a amarraram com um cabresto, levaram-na a rastos e a puzeram em um cepo de laço com os braços bem estirados; e que depois as senhoras e jovens presentes atiraram-se a ella, dando-lhe bofetões e murros pela cara, peito e corpo, distendendo-lhe as pernas e braços, mostrando todos o maior desejo de dar-lhe a morte. Que senhoras e que jovens!

eram esses, que assim praticavam com uma mulher indefesa e manietada !

O juiz de paz que tanto se comprazia em descrever as proezas dos seus administrados era Pedro Burgos o miseravel pai de Pepa Burgos, querida de Lopez.

Mencionarei agora alguns escriptos que, se bem que não tenham importancia capital, não deixam todavia de despertar algum interesse pelos detalhes da administração de Lopez em 1869, quando elle ainda dominava nas cordilheiras e no norte do Paraguay; e tambem porque, sem o quererem, as autoridades em alguns d'elles revelavam o pensamento e as esperanças do chefe supremo. De 17 A até 17 H os documentos constam de circulares do vice-presidente Sanchez aos chefes politicos e juizes de paz, sendo a 1ª datada de 14 de Fevereiro e a ultima de 18 de Maio (de 1869). Em todas ellas, depois do imprescindivel rosario de injurias e imprecações contra os « Negros e seus infames alliados » transparecem os apuros do governo, seus desejos e fins, embora se procure disfarçal-os com mais ou menos habilidade, mais ou menos hypocrisia. Foi asssim que, sob pretextos religiosos, exigiu Sanchez uma estatistica dos individuos do sexo masculino, separando-os em tres classes, a saber : abaixo de 12 annos, de 12 a 60 e de 60 em diante. Serviu a estatistica para chamar ás armas todos os da 2ª classe.

N'outra circular se recommenda a espionagem das familias e o segredo ácerca do delator, deixando escapar a confissão da esperança que sempre animou Lopez. Fallando das familias emigradas dos departamentos occupados pelos inimigos, diz Sanchez (ou Lopez por seu intermedio): « inimigos, que parece quererem contentar-se com pisar uma parte do solo sagrado da patria, de que não tiraram mais vantagem do que consumirem-se

com immensos sacrificios que estão fazendo para abastecerem-se dos meios de subsistencia, trazendo-os de seu proprio paiz. »

Depois recommenda Sanchez muita vigilancia com os espias inimigos, pede segredo e discrição ácerca do arrolamento, informações sobre as armas; reprehende pela não observancia das ordens existentes afim de fomentar-se os trabalhos agricolas, e finalmente exige a remessa de armas de fogo e brancas.

Segue-se uma serie de officios escriptos em quartos de papel, dirigidos ao chefe politico de Caraguatay por Sanchez, Caminos, Ayala, Solalinder e outras autoridades. N'elles exige-se sempre alguma cousa, sejam ferramentas, tachos e sinos para o arsenal de Caacupé, sejam gado, armas, vestuarios, mel, gordura, sal e, emfim, tudo quanto era possivel extorquir áquella misera população de Caraguatay; ou então consistiam em asperas e desabridas reprehensões de Caminos, sobretudo, ácerca do atrazo das sementeiras e da remessa do gado alçado. Exigia Caminos que o pobre chefe politico, sem possuir um só cavallo, fizesse apanhar gado alçado! Isto quando a nossa cavallaria ficava a pé, se ia em semelhantes diligencias, a ponto de tornar-se necessario acabar com ellas, pois que a acquisição de cada rez vinha a importar na perda de um cavallo, o que era anti-economico, por isso que este custava muito mais caro.

A' vista d'isto avalie-se como poderia o chefe politico dar cumprimento ás ordens de Caminos, que, entretanto as reiterava acompanhando-as de ameaças. Ainda no dia 16 de Agosto, quando Lopez e Caminos passaram em fuga por Caraguatay, recebeu o chefe politico ordem d'aquelle ministro para fazer passar além do Iaguy 700 rezes, quando elle nem 7 poderia obter. Tudo isto prova a necessidade

que sempre sentiu o exercito paraguayo de uma reserva de gado, sobretudo marchando para o norte, onde Lopez bem sabia que mui pouco poderia encontrar.

Solalinder em nome do ministro Caminos determina em um officio ao chefe politico Miranda que faça experiencias com uma certa terra existente no seu districto, afim de ver se extrahe sal, e que remetta com toda urgencia qualquer quantidade que porventura possa conseguir.

O sal foi sempre um genero de que os paraguayos tiveram muita necessidade em toda a guerra. N'essa serie de officios escriptos em pedacinhos de papel, mais de uma vez se exige remessa de sal e se manda favorecer com alguma pequena quantidade d'elle a certas pessoas, como por exemplo á mãi do general Caballero; isso á custa do deposito dos bens dos traidores. Assim eram chamados todos aquelles que possuiam bens para poderem ser confiscados em proveito do governo.

Segue-se uma carta assignada por Lopez e redigida de modo menos aspero e desabrido do que aquelle a que devia estar habituado o chefe Miranda. E' datada de 26 de Abril de 1869 e responde á communicação do dito chefe de que havia feito retirar os moradores para longe de Manduvirá e Iaguay, quando a expedição naval brasileira ao mando do capitão de fragata Gonçalves subiu o primeiro d'estes rios.

Lopez declara que não ha necessidade de que os moradores deixem suas habitações emquanto se tratar sómente de encouraçados e não houver força inimiga por terra; bastando que se afastem os moradores mais proximos á margem dos rios, para evitar algum golpe de mão. Termina com a infallivel recommendação ácerca do recolhimento e remessa do gado disperso, e com a exigencia de que não haja interrupção nas communicações que do

Norte tenham de ir por Caraguatay á Ascurra; pois que elle (Lopez) temia que com a presença dos couraças os postas do Iaguy estivessem atemorisadas e dispersas, por isso que observava muita irregularidade n'esse serviço.

Para concluir esta exposição, resta-me sómente dizer algumas palavras ácerca da escravidão no Paraguay e da sua extincção real e definitiva,

Como se vê pelo documento n. 20 (que é uma antiga cópia do decreto de 24 de Novembro de 1842 por mim encontrada na capella Duarte) proclamou o governo do Paraguay a liberdade do ventre (art. 1°,), a contar do 1° de Janeiro de 1843, determinando pelo art. 2° que os do sexo masculino serviriam a seus senhores ou patronos até aos 25, e as mulheres até os 24. No art. 6° dispõe que os proprietarios de escravas, que tenham necessidade de vendel-as, não poderão exigir cousa alguma pelos libertos filhos d'ellas, que estivessem na idade de lactação, isto é, que ainda não tiverem tres annos. Se, porém, declara o art. 8, contarem os libertos mais de 6 annos, então haverá convenção entre comprador e vendedor, ácerca de sua posse ou tutoria; mas nunca obrigatoria á entrega absoluta do liberto. Pelo art. 9°. emfim determinava o governo paraguayo que a alienação ou traspasso do liberto ao comprador da mãi escrava nunca se fará por mais de 16 pesos, moeda corrente.

O documento n. 21 mostra como isto se fazia, pois é uma escriptura de venda de uma escrava de impropriedade ou liberta da republica, pelo preço da 16 pesos.

Eis como se achava abolida a escravidão no Paraguay: o liberto tinha de servir até aos 25 annos, isto é, mais dos tres quartos da vida média provavel n'aquelle paiz, sobretudo em condição servil; e, o que mais é, podia ainda

ser vendido, embora por diminuto preço, emquanto não completasse os 25 annos.

Que famosa liberdade!

Forçoso é, todavia, reconhecer que o decreto citado attenuára um pouco os males da escravidão, bem que muito longe estivesse de a abolir, como tem pretendido aquelles que lançam ao Brasil a pecha de imperio escravagista; mas não é menos verdade que, depois da morte do velho Lopez, as pequenas vantagens por elle proporcionadas aos escravos deixaram de ser attendidas, e o decreto em questão cahiu em desuso e foi completamente burlado. Para proval-o bastar-me-ha apresentar o documento n. 22. E' um inventario que encontrei em Valenzuela e tem a data de 14 de Maio de 1869, isto é, 26 annos, 4 mezes e 14 dias depois da data em que começou a vigorar o decreto do ventre livre, e, portanto, quando não poderiam existir escravos senão de idade maior de 26 annos; pois bem, o ultimo objecto ou valor arrecadado n'esse inventario pela autoridade competente vê-se que é uma escrava de 15 annos! Entretanto diz a autoridade que procedeu fiel e legalmente!

Em definitiva, a escravidão nunca fôra abolida no Paraguay, e o decreto que declarára o ventre livre, já em si mesmo tão deficiente e pouco protector do liberto, acabára por ser completamente menoscabado.

A Sua Alteza Real o Sr. conde d'Eu coube a gloria de completar a libertação dos paraguayos, iniciando a idéa da extincção total da escravidão e obtendo do governo provisorio o decreto que pôz termo a ella. Do acampamento de Arecutaguá, em data de 12 de Setembro, dirigiu-se Sua Alteza ao governo provisorio ponderando-lhe que em suas marchas encontrára muita gente que se dizia escrava e lhe pedia a liberdade; que não era justo que,

quando o Paraguay a ella resurgia, ficasse ainda parte de seus filhos jazendo na escravidão. « E' tempo, accrescentou Sua Alteza, de annullar essa violencia feita á humanidade, que ainda pesa sobre parte da livre America. » O governo provisorio não se demorou muito, honra lhe seja feita, em acceder a esta suggestão.

Em data de 6 de Outubro respondeu a Sua Alteza dizendo que « commovido agradecia tão generosa idéa, que elle compartilhava tambem, mas que a communicação de Sua Alteza fizéra amadurecer mais depressa. Que em data de 2 de Outubro (quatro dias antes) elle promulgára um decreto declarando livres todos os escravos nacionaes e todos aquelles que por qualquer circumstancia pisassem no territorio paraguayo. »

O governo provisorio, porém, que n'este officio reconhecia e agradecia a iniciativa do principe, não julgou conveniente patentear esse reconhecimento na publicação do decreto a que se refere, para pleno conhecimento da nação paraguaya e do mundo civilisado; parecendo assim querer attribuir-se todo o merito da medida, como sua era a responsabilidade d'ella. E' contra esta singular omissão do governo provisorio do Paraguay que eu venho aqui protestar no seio d'esta illustrada corporação, a quem tanto deve a historia patria; pois não desejo que facto tão notavel, impulso tão nobre como generosa resolução fiqem desconhecidos, e a outros possa o historiador mais tarde attribuir aquillo mesmo que só pertence ao excelso principe, que por seu valor e constancia superou todas as difficuldades de uma rude campanha e por suas virtudes conquistou os corações de seus soldados e a dedicação de todos aquelles que tiveram a ventura de acompanhal-o de perto.

Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1870.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

MANOEL DA CUNHA

A constancia no trabalho, o desejo, a vontade energica de tornar-se util á humanidade e á patria, a persistencia no estado quer das artes, quer das sciencias, para angariar um nome e apparecer entre todos, é uma virtude.

O homem que, lutando com innumeros obstaculos, vencendo as contrariedades, activo, intelligente e resoluto, não descança emquanto não attinge ao que deseja, e chega pelo seu esforço, pelos seus talentos, pelo afan no trabalho e energia de vontade, a conseguir o que almejára, ou no officio, ou na arte, ou na sciencia, muito merece dos seus concidadãos e da patria, porque é um genio.

O artezão que com a fronte suarenta estuda dia e noite por descobrir o modo mais facil, util e elegante de preparar seus artefactos na madeira, na pedra ou no bronze, e que, apezar do suor lavar-lhe continuamente o rosto, não ouve dos seus concidadãos, da patria, um louvor, mas persiste no trabalho, no estudo, até sacrificar-se como o mestre Domingues, o architecto do convento da Batalha, muito merece dos seus concidadãos e da patria, porque é um genio.

O artista que na pobreza da sua officina cogita, trabalha, esforça-se por embellezar e aperfeiçoar o que esculpe no marmore, lavra na madeira, burila no metal, representa na téla; que, quebrantado pelas enfermidades, arfando-lhe

o peito de fadiga, não ouve, ao largar o escopro, o formão, o buril, ou o pincel, cujos instrumentos produziram primores d'arte, uma voz, um hymno de louvor, mas, apezar d'isso, no ardor do enthusiasmo pela arte, persiste no trabalho, muito merece dos seus concidadãos e da patria, porque é um genio.

O philosopho, o sabio, o historiador, que á luz do estudo consome a vista, deteriora o organismo, que abandona as galas, os prazeres do mundo, e só e recluso no seu gabinete trabalha, e trabalha muito, para devassar o desconhecido e adquirir gloria para a patria, sem recordar-se de que Garção morreu na cadêa, Quita na indigencia, Bocage no desamparo, Filinto no desterro e Antonio José na fogueira, muito merece dos seus concidadãos e da patria, porque é um genio.

E essa luta constante do espirito, esse caminhar sem fim, esse amor decidido pela arte, pela sciencia, esse desejo insaciavel de gloria, esse enthusiasmo vivo, ardente, que anima ao artezão, ao artista, ao poeta, ao sabio, é o melhor incentivo que a natureza emprestou á humanidade para avantajar-se e engrandecer-se.

Apagai essa luz, esse fogo intimo de gloria que agita o artista, o litterato, não tenham elles nas veias, no cerebro, essa insania que os vivifica, essa vontade energica que vence o marasmo, ou o indifferentismo que os cerca, e elles nada crearão, ficarão estacionarios, e a humanidade não progredirá.

O artista cujo vulto vamos esculpturar foi um exemplo vivo do amor ao trabalho; e por isso, e por sua constante vontade de tudo saber, e pelo desejo ardente de adquirir renome, tornou se conhecido entre os mais dignos filhos da arte.

Nascêra escravo da familia do conego Januario da Cunha

Barbosa, que, descobrindo-lhe vocação artistica, enviou-o a Lisboa, onde Manoel da Cunha estudou a arte da pintura. e em pouco tempo tornou-se igual aos mestres, porque, além da propensão decidida que manifestava pela arte de Raphael e Miguel Angelo, tinha a constancia no trabalho que fórma os grandes artistas.

Desejando quebrar os ferros da escravidão que prendiam-n'o, trabalhou muito dia e noite, e reunindo o dinheiro obtido pelo seu pincel ao que alcançára da caridade de José Dias da Cruz obteve a liberdade (1).

Resgatára depois de muita fadiga, de haver sentido cahir-lhe no rosto o suor em bagas, os seus direitos, e fóros sociaes; era livre, era cidadão, tinha regalias iguaes aos outros; mas Manoel da Cunha se não contentou, quiz alcançar mais, desejou distinguir-se, tornar-se um artista notavel, e pelo trabalho infatigavel o conseguiu. A luz da liberdade e a religião do trabalho engrandeceram-n'o; já não era um escravo, um obscuro e humilde cidadão, era um artista distincto.

Se é facil a quem nasceu em berço dourado galgar uma posição social, é difficil e penoso ao pobre, áquelle que deitou-se no enxergão da miseria, junto ao cepo da escravidão, erguer-se e conquistar um nome.

Nada herdára do berço o pobre artista, triste e humilde nascêra, e as primeiras palavras que ouvíra pronunciar foram uma condemnação « és escravo »; mas pelo seu esforço, talento e vontade conseguiu apparecer entre os filhos da arte e legar á patria um nome honroso.

(1) O tenente José Dias da Cruz era um negociante rico, esmoler e religioso; dava mensalidades a familias pobres; falleceu em 20 de Junho de 1813 com pouco mais de 81 annos de idade, e deixou valioso patrimonio á Santa Casa da Misericordia, que conserva seu retrato na galeria dos seus bemfeitores.

Regressando ao Rio de Janeiro aperfeiçoou-se na pintura com João de Sousa, e foi dos discipulos d'esse mestre, autor de quasi todos os paineis que vestem as paredes do convento dos Carmelitas, o que mais se distinguiu.

Pintou Manoel da Cunha o retrato em corpo inteiro de Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadella, que ornamenta a sala das sessões da camara municipal da côrte. Este quadro, restaurado em 1842 pelo habil artista nacional Carlos Luiz do Nascimento, traz a seguinte inscripção: —Gomes Freire de Andrada, do conselho de Sua Magestade, mestre de campo, general dos seus exercitos, vice-rei e capitão-general das capitanias do Rio de Janeiro, Minas-Geraes, Mato-Grosso e S. Paulo.

E' de Manoel da Cunha o painel do tecto da capellinha do Senhor dos Passos, junto á capella imperial, o qual representa o descimento da cruz.

As figuras d'este quadro são de grandes proporções e parece terem sido pintadas no lugar em que estão, pois, examinando-se cuidadosamente, vêm-se todos os resquicios das taboas do tecto.

O nosso amigo, o artista João Maximiano Mafra, secretario da academia das bellas-artes, referindo-se a esse trabalho, disse-nos:

« O quadro foi retocado por mão inhabil, de sorte que o fundo perdeu a harmonia que devia ter; as figuras não são bem modeladas, todavia é trabalho de merecimento. »

Sahiram do pincel de Manoel da Cunha o Santo André Avelino da igreja de S. Sebastião no Castello, alguns quadros do mosteiro dos benedictinos, diversos retratos de bemfeitores da Misericordia, assim tambem differentes paineis commemorativos da Paixão, os quaes na quinta-feira maior eram levados na procissão dos fachos que sahia da igreja da Santa Casa da Misericordia.

A capella do noviciado da ordem terceira de S. Francisco de Paula, consagrada á Senhora da Victoria, foi dourada pela primeira vez por Manoel da Cunha, que é o autor dos paineis que ornam o tecto e as paredes d'esse pequeno santuario, representando o quadro do tecto o orago da capella, e os das paredes os milagres do patriarcha S. Francisco.

Achando-se ennegrecidos pelo fumo das vélas, foram retocados esses quadros por mão pesada e pouco habil, de modo que, diz o Sr. Mafra, se não póde julgar hoje do colorido do artista que os compôz ; mas reconhece-se, que se o desenho não é isento de defeitos, não deixa de ser correcto.

Manoel da Cunha não era um artista genio ; era de imaginação pouco elevada e de instrucção escassa ; se vivesse hoje seria um artista como existem muitos ; ou quem sabe ! Dotado de energia de vontade como era, podendo beber noções e aperfeiçoar em téla mais vasta o seu pincel, talvez relumbrasse como artista distincto ; porém na época em que viveu foi um vulto artistico, uma notabilidade.

Estavam então as artes em sua infancia entre nós, não havia escola, nem animação do governo ; encerrado na officina, não tinha o filho da arte modelos a imitar, nem feriam-lhe os ouvidos conselhos salutares dos mestres ; permanecia só, sem emulação, sem consideração social ; a soberba de muitos e a indifferença de todos deixavam-n'o na obscuridade ; assim vivia e assim desappareceia, sem que uma voz se erguesse e clamasse.

« Morreu um homem que pelo trabalho, pelos talentos, pelo amor á arte que professava, illustrou seu nome e deu fama e gloria á patria.»

Residia Manoel da Cunha na rua de S. Pedro entre a dos Ourives e a da Uruguayana ; alli estabeleceu uma escola

de pintura para doze alumnos; mas, vendo-se abatido pelos annos, affligido pelos padecimentos e cançado de aturar rapazes, reduziu a seis o numero dos discipulos, que no fim de sete annos achavam-se habilitados, e recebiam o salario de duzentos e quarenta réis diarios.

A aula de pintura era no sotão da casa, e no pavimento terreo residia a familia do artista, que era bom marido e melhor pai.

Se, visitando os archivos, folheando os monumentos historicos, havemos conseguido alguma cousa, alegra-nos hoje o poder annunciar n'este recinto que descobrimos o lugar em que foi dormir o somno da morte o pintor Manoel da Cunha.

Havia-nos dito o artista Antonio da Cunha Pereira, que falleceu, contando mais de oitenta annos, em 7 de Maio de 1862, e que foi contemporaneo de Manoel da Cunha, que esse pintor se sepultára na igreja do Hospicio, mas se não recordava em que anno.

Apezar da fastidiosa tarefa de ter de folhear diversos livros de obitos, não desanimámos; a ordem terceira que administra aquella igreja abriu-nos o seu archivo, e, depois de algumas horas gastas em decifrar manuscriptos antigos, carcomidos e quasi apagados, encontrámos a seguinte noticia, que nos indicou o dia do fallecimento de Manoel da Cunha e o lugar do seu jazigo.

Eis o assentamento do obito:

« O irmão Manoel da Cunha veiu sepultar-se n'esta igreja, amortalhado em habito de Santo Antonio, conduzido em uma sege, recebido pelos seus irmãos, encommendado e recommendado pelo coadjutor da Candelaria em 27 do mez de Abril de 1809.» (2)

Dr. *Moreira de Azevedo.*

(2) Pequeno Panorama vol. 2.º pag. 201.

Em Lisboa foi despachado com mercê do habito da ordem militar de S. Thiago, em que fez profissão. Passou ao Brasil com o caracter de capitão-mór, e ouvidor da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e falleceu a 6 de Abril de 1663 e foi sepultado na igreja do mosteiro de S. Bento da cidade de S. Paulo ao pé do altar de Nossa Senhora dos Remedios que elle fundou. Falleceu D. Maria Raposo de Sipueira a 7 de Maio de 1707 (9). Salvador Cardoso de Almeida e seu irmão o governador Mathias Cardoso foram filhos de Mathias Cardoso, natural da ilha Terceira, e de sua mulher Isabel Furtado, natural de S. Paulo, como se vê do testamento com que falleceu no 1°de Fevereiro de 1690, Salvador Cardoso de Almeida; e tambem o testamento com que falleceu Isabel Furtado, mãi do dito juiz de orphãos, a 17 de Abril de 1683 (10). Do matrimonio de D. Anna Pedroso de Moraes com Salvador Cardoso da Silveira nasceram em S. Paulo oito filhos:

5—1 Luiz Cardoso da Silveira, existe em 1766.

5—2 Francisco Cardoso da Silveira, o mesmo.

5—3 Salvador Cardoso de Almeida, morador em Villa-Bôa de Goyazes.

5—4 João Cardoso de Almeida, existe em 1766.

5—5 D. Catharina Cardoso de Almeida, mulher de Simão de Siqueira Pires, sem geração.

5—6 D. Agueda Cardoso de Almeida, mulher de Francisco Rodrigues Barbosa, natural de S. Paulo, filho de Francisco Rodrigues Barbosa e de sua mulher Joanna Damasceno, ambos de S. Paulo. Neto par parte paterna do

(9) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1° letra A, inventario de Antonio Raposo da Silveira. Maço 3° letra M. inventario de D. Maria Raposo de Siqueira.

(10) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2°, letra I. inventario de Isabel Furtado. Maço 2°, letra S, inventario de Salvador Cardoso de Almeida.

indios d'aquelle sertão até o Ceará, tendo obrado de sorte n'aquelles vastos sertões, que mereceu a el-rei D. Pedro honral-o com patente de governador absoluto da guerra contra os indios inimigos de todas aquellas campanhas, sem subordinação ao governador geral do Estado do Brasil. D'este paulista não occultará o segredo do tempo o seu grande nome pelas copiosas e abundantes fazendas de gados vaccuns e cavallares que se estabeleceram e fundaram nos sertões, cujos barbaros habitadores elle conquistou (8). Foi Salvador Cardoso de Almeida juiz de orphãos de propriedade da cidade de S. Paulo por cabeça de sua mulher D. Anna Maria Raposo da Silveira, proprietaria do dito officio e filha de Antonio Raposo da Silveira, proprietario do mesmo officio de juiz de orphãos e de sua mulher D. Maria Raposo de Siqueira, que foi irmã direita de João Raposo Bocarro, coronel dos regimentos de ordenanças de S. Paulo, de onde eram naturaes. Antonio Raposo da Silveira seguiu o real serviço no Estado da India, e achando-se no forte da Agueda em Gôa, sendo capitão do dito forte Luiz Teixeira de Macedo, sendo atacado pelo inimigo, se portou Antonio Raposo na defesa de um baluarte do mesmo fórte com tanto valor, que, destruido o inimigo, mereceu que o armassem cavalleiro de que se lhe passou alvará em Gôa a 12 de Agosto de 1641, que se registrou no livro de matricula geral de India pelo contador Manoel de Figueiredo. Continuou o real serviço até Janeiro de 1645, em que embarcou na náo *Santa Margarida*, da qual era capitão-mór João Rodrigues de Eça, e se lhe passou provisão de mercê em nome de el-rei D. João o IV de escrivão da dita náo, por n'ella ter seus agasalhados, liberdades e privilegios, etc.

(8) Secretaria do governo da capitania de S. Paulo, livro 3° do Reg. Geral a fl. 120 v., na patente do capitão de infantaria Antonio Gonçalves Figueira.